

DOCUMENTOS

A Linha Política

Revolucionária do Partido

Comunista do Brasil (M-L)



EDIÇÕES MARIA DA FONTE

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

**TÍTULO: A Linha Política Revolucionária
do P. C. do Brasil (M-L)**

EDITOR: MARIA ISABEL PINTO VENTURA

CONTA

50\$00

Figueredo



Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «Textos Maria da Fonte»

Série A:

- 1 — Trotsky e o Trotskismo — Vários
(1.ª edição esgotada. Reedição em Novembro)
- 2 — Marx e os Sindicatos — A. Losowski (1.ª e 2.ª
edição esgotadas. Reedição em Outubro)
- 3 — Mao Tsé-tung e a Política de Partido — Mao
Tsé-tung (1.ª edição esgotada. Reedição em
Dezembro)
- 4 — O P. T. A. e a Luta contra o Revisionismo —
Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha
- 5 — Dimitrov e a Luta Sindical — Georges Dimitrov

Série B:

- 1 — A Metade do Céu — Claudie Broyelle
(1.ª edição esgotada. Reedição em Novembro)

Colecção «Textos Marte»

- 1 — Arte e Ciência da Guerra — Clausewitz

Colecção «Textos Confronto»

- 1 — Um Mundo Melhor — Jean Baby

Colecção «Documentos»

- 1 — Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Con-
gresso Histórico — Mao Tsé-tung, Chou En-lai
e Wang Hong-wen (1.ª edição esgotada)

Colecção «Libertação Nacional»

- 1 — Quem é o Inimigo? Qual é o Nosso Objectivo?
— Agostinho Neto (1.ª edição esgotada)
- 2 — Manual Político do P. A. I. G. C.
(1.ª edição esgotada)

A sair:

Sobre a Organização — V. I. Lenine

O VI Congresso do P. T. A. — Enver Hoxha

Textos Escolhidos do M. P. L. A. sobre a Revolução
Angolana

**A Linha Política
Revolucionária do
Partido Comunista
do Brasil (M-L)**

Colecção «DOCUMENTOS»

Dirigida por: Manuel Quirós

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Capa: Maria José Sacadura

© Para a versão portuguesa de Edições Maria da Fonte

A Linha Política Revolucionária do Partido Comunista do Brasil (M-L)

05.04.20

05.05.20

NOTA: A presente edição obedece, na íntegra, aos documentos publicados pelo Partido Comunista do Brasil. Não alterámos nem a ortografia nem a sintaxe porque são a expressão particular do povo a que o Partido Comunista do Brasil se dirige.

«É preciso estender sempre mais a influência do Partido entre as amplas massas. A difusão em grande escala de seus materiais e documentos é uma forma de ampliar esta influência. Eles transmitem as idéias revolucionárias, indicam a justa solução para os problemas do povo. Cabe ao Partido explicar às massas o caminho da guerra popular. Ajudá-las a assimilar o método da guerra popular, a fim de que elas possam tomar a iniciativa e aplicá-lo na luta contra seus opressores».

(De «GUERRA POPULAR — CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL»)

MANIFESTO-PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Um sentimento geral de insatisfação domina o país. Cresce a onda de descontentamento e de mal-estar entre o povo. Acumulam-se as dificuldades que tornam cada vez mais duras as condições de vida da quase totalidade dos brasileiros. Os governantes não solucionam as questões de interesse nacional que precisam ser urgentemente enfrentadas. Entram e saem governos e a situação não se altera. Substitui-se o presidencialismo pelo parlamentarismo e o povo continua sofrendo privações.

Em toda parte uma indagação está presente: como livrar o Brasil dos males que o atormentam?

DIFÍCIL A SITUAÇÃO DO PAÍS E DO POVO

Esta pergunta surge porque se agravam os problemas essenciais do país e do povo. De ano para ano, crescem desenfreadamente as emissões de papel-moeda. Os déficits no orçamento da República são sempre maiores. A dívida externa atinge actualmente quantia aproximada de 4 bilhões de dólares. Está em crise a produção cafeeira, principal fonte de divisas. O preço do café no mercado mundial cai continuamente. Sobem a 50 milhões de sacas os estoques deste produto, sem quaisquer possibilidades de escoamento. A eco-

nomia de regiões onde se concentra numerosa população, como o Norte e o Nordeste, encontra-se virtualmente estagnada.

Os operários, apesar dos repetidos aumentos, percebem salários muito aquém de suas necessidades mínimas e intensifica-se a exploração a que são submetidos. Milhões de camponeses, esmagados pelo sistema da meia e da terça e pelas dívidas, assim como os assalariados agrícolas, aos quais são negados os direitos mais elementares, levam uma existência miserável. Importantes setores da classe média dispõem cada vez de menores recursos para manter-se. A carestia da vida constitui verdadeiro flagelo para todos os que vivem de salários e pequenos rendimentos. Acentua-se a falta de trabalho, mesmo em centros industriais como São Paulo e Rio de Janeiro. Comparativamente à população, é bastante reduzida a quantidade de empregos. Por isso, em quase todas as cidades, é enorme o contingente de pessoas que não têm onde realizar qualquer atividade produtiva. Levas humanas, do Norte e Nordeste, tangidas pela miséria, são obrigadas a abandonar seus lares em busca de trabalho noutras regiões onde são brutalmente exploradas.

Estende-se a crise de habitação. Em todos os grandes centros urbanos multiplicam-se as favelas, os mocambos, as malocas, os cortiços, etc. No Rio de Janeiro, até à pouco capital da República, no ano de 1948 existiam 119 favelas, nas quais vegetavam 270 mil pessoas. Em 1960, estas cifras passaram para 194 favelas, com um milhão de habitantes, dos quais 540 mil eram crianças, na maioria abandonadas. Persiste a chaga do analfabetismo, que envergonha a nação e humilha o povo. Mais da metade da população adulta do país não sabe ler. O número de escolas é insuficiente e expande-se a comercialização do ensino. Os índices de criminalidade, especialmente entre a juventude, são espantosos. Alastra-se a prostituição. A mortalidade infantil é das mais altas do mundo. De 100 crianças que nascem, somente 40 chegam aos 15 anos. Endemias assolam regiões inteiras, sem que sejam eficazmente combatidas. Mais de 500 municípios não possuem um único médico.

As estatísticas oficiais colocam o Brasil entre os países de mais baixo padrão de vida do mundo e revelam que em território brasileiro se encontra uma das mais extensas áreas geográficas da fome.

ONDE RESIDEM AS DIFICULDADES

Por que tudo isto ocorre num país tão imenso e rico, habitado por um povo laborioso? Isto se verifica devido à espoliação do país pelo imperialismo, em particular o norte-americano, ao monopólio da terra e à crescente concentração de riquezas nas mãos de uma minoria de grandes capitalistas.

Os imperialistas dominam importantes setores da economia nacional. São donos das indústrias de automóveis, pneumáticos, vidro plano, produtos farmacêuticos, frigoríficos, etc., e controlam quase toda a produção e distribuição de energia elétrica, assim como o comércio de petróleo. Somente os investimentos públicos e privados dos Estados Unidos totalizam atualmente 2,5 bilhões de dólares. Os monopólios ianques ocupam posição destacada no comércio exterior do Brasil, impõem preços cada vez mais baixos aos produtos brasileiros de exportação e elevam constantemente os dos bens que o país importa. O café, por exemplo, baixou de 47 centavos de dólar a libra pêsso, em 1956, para 35 centavos. Parte considerável da exportação deste produto, assim como o beneficiamento e o comércio interno e externo do algodão encontram-se em mãos de firmas norte-americanas. As empresas imperialistas gozam de privilégios na importação de maquinaria e equipamentos industriais. Os juros e amortização das dívidas do Brasil com os Estados Unidos, contraídas, em grande parte, para atender os interesses dos próprios monopolistas ianques, exigem, anualmente, somas astronômicas, que consomem importantes parcelas da receita cambial. Assim, os imperialistas norte-americanos absorvem boa parte da renda nacional e drenam para o exterior vultosos recursos que poderiam ser empregados no desenvolvimento do país. Além disto, os governantes dos Estados Unidos, através de um sistema de compro-

missos, acôrdos e tratados, da pressão económica e financeira, do subôrno e de uma suposta ajuda, conseguem manter o Brasil sob a dependência dos monopolistas ianques, influem na vida do país no sentido da realização, tanto no plano interno como externo, de uma política reacionária.

Os latifundiários monopolizam a terra e exploram as massas camponesas que vivem como párias na sociedade brasileira. Enquanto mais de 10 milhões de camponeses e assalariados agrícolas não possuem terra, 149 mil grandes proprietários ocupam 3/4 da área total das propriedades rurais. Cobram pesadas taxas de arrendamento, que encarecem enormemente a produção. Em muitos casos, os arrendamentos pagam, em dois ou três anos, o preço da terra. Os latifundiários, dispondo de mão-de-obra extremamente barata, dificultam a aplicação da técnica e a inversão de capitais na agricultura, que se mantém atrasada e rotineira. Grandes áreas que poderiam ser cultivadas são convertidas em zonas de pastagens para a pecuária extensiva. Os grandes proprietários de terra saqueiam a Nação obtendo dos governantes moratórias e anulação de dívidas. Bilhões de cruzeiros são emitidos anualmente para assegurar a compra de toda a produção de café, boa parte da qual não encontra colocação. O latifúndio, como sistema arcaico e parasitário impede, assim, a ampliação do mercado interno, freia o desenvolvimento da indústria nacional e é o principal responsável pela baixa produtividade na agricultura.

Grupos de grandes capitalistas nacionais estão associados às forças do latifúndio e do imperialismo, na exploração comum do povo brasileiro. Estes grupos beneficiam-se da inflação e auferem fabulosos lucros devido às suas posições monopolistas em certos ramos da economia, prejudicam e submetem aos seus mesquinhos interesses as regiões mais atrasadas. Alguns destes capitalistas dedicam-se a atividades exclusivamente especulativas.

Em consequência da pilhagem do imperialismo, do domínio do latifúndio e da ação nociva de grandes capitalistas, o atraso e a miséria campeiam enquanto acumula-se a riqueza nas mãos de uns poucos magnates. Segundo os dados do Impôsto de Renda, em 1959,

1,02% dos contribuintes, ou seja, menos de 2.500 firmas, detinham 67,9% do montante dos lucros tributados. Dêstes contribuintes, 56 firmas declararam ter um lucro de 27 bilhões de cruzeiros. Não é de estranhar, portanto, que a Comissão Comercial Norte-Americana que visitou o país, em relatório publicado no «Correio da Manhã», de 9 de Outubro de 1960, tenha confessado que no Brasil «não é raro que uma fábrica se pague em um ou dois anos».

Houve, sem dúvida, nas últimas décadas, um relativo desenvolvimento econômico do país. Elevou-se a produção dos meios de produção e de matérias-primas básicas. Os bens de consumo produzidos no país já abastecem quase todo o mercado interno. Mas este desenvolvimento econômico, feito através de uma inflação desenfreada, da maior penetração do capital imperialista em setores fundamentais da indústria e com a manutenção da atual estrutura agrária, acentuou as desigualdades entre as diferentes regiões e agravou ainda mais a situação econômica, política e social do país.

O imperialismo, o latifúndio e os grupos monopolistas da burguesia são, por conseguinte, os principais entraves ao progresso da Nação e à conquista do bem-estar do povo.

UM REGIME REACIONÁRIO E ANTINACIONAL

Estas forças, desde há muito, instauram no país um regime que serve os seus interesses. A vida da sociedade brasileira está organizada em função da defesa dos privilégios de uma ínfima minoria e não de acordo com os interesses gerais da Nação.

O Estado brasileiro e suas instituições constituem uma anacrônica máquina destinada a proteger a estrutura existente e esmagar os anseios e as lutas do povo por suas liberdades e por seus direitos. A Justiça coloca-se quase sempre contra os pobres e serve aos poderosos.

As Forças Armadas intervêm nos acontecimentos políticos para sufocar os movimentos populares e defender as classes abastadas. O peso dos impostos, para

sustentar o aparelho burocrático, policial e militar, em contínuo crescimento, recai nos ombros dos trabalhadores e dos pequenos e médios produtores. Baseado principalmente em teorias falsas e obscurantistas, o sistema educacional não corresponde às necessidades do avanço cultural e da educação popular.

Neste regime proliferam a corrupção administrativa, o contrabando e as negociatas de todos os tipos. Nunca, como hoje, foi maior o roubo dos dinheiros públicos. Políticos ou pessoas colocadas em cargos da administração estatal enriquecem da noite para o dia, à custa de negócios excusos ou da desonesta manipulação de verbas oficiais. Instituiu-se um verdadeiro sistema de majoração dos gastos com as obras públicas, em proveito de políticos inescrupulosos. As chamadas «caixinhas» funcionam, aberta ou clandestinamente, em tôda a parte. Sucedem-se os escândalos administrativos, mas os incriminados não vão parar na cadeia. O suborno é também empregado para enfraquecer e dividir os movimentos populares. Funções bem remuneradas e outras vantagens são meios utilizados para atrair e corromper dirigentes sindicais e de organizações de massa.

A fim de disfarçar o caráter reacionário do regime, as classes dominantes usam os mais variados artifícios. O governo é apresentado como governo de todo o povo. Na realidade, porém, representa os grandes capitalistas e os latifundiários e serve, igualmente, os monopólios estrangeiros. Esta aparência de governo de todo o povo é conseguida com a realização de eleições. Os eleitores são chamados, periodicamente, a escolher os governantes e parlamentares. As eleições, entretanto, não expressam a autêntica vontade popular. O direito de voto é negado aos analfabetos, soldados e marinheiros. Torna-se evidente que o poder do dinheiro decide cada vez mais do resultado das eleições. A maioria dos candidatos eleitos é dos que contam com enormes recursos financeiros ou dos que são estipendiados por poderosos grupos económicos. Generaliza-se a compra de votos. Dêste modo, um pôsto eletivo significa, em muitos casos, verdadeira inversão de capital que rende elevadíssimos juros. Acresce, também, que os meios de propaganda, a imprensa, a rádio e a

televisão, são inacessíveis aos candidatos pobres. O Parlamento é, assim, em sua quase totalidade, formado de representantes dos ricos e os governantes são, em geral, banqueiros, industriais, fazendeiros e seus prepostos ou pessoas diretamente ligadas às empresas imperialistas.

A Constituição de 1946 é apresentada pelas classes dominantes como a expressão jurídica da igualdade de todos os cidadãos. No entanto, ela consagra, antes de tudo, os privilégios dos exploradores. Nenhuma desapropriação, mesmo quando se trata de interesse social, pode ser feita sem pagamento prévio em dinheiro na base de valorização indevida. As franquias democráticas que a Constituição proclama são sistematicamente negadas, sempre que as massas procuram defender seus direitos, contrariando os interesses das classes dirigentes. A legalidade constitucional é ou não respeitada de acordo com as conveniências daquelas classes, como demonstra a aprovação da emenda parlamentarista no curso da última crise político-militar. Desta forma, a Constituição serve, fundamentalmente, aos que dominam o país.

Enfim, o regime atual, por maiores que sejam os disfarces utilizados para iludir as massas é reacionário e se contrapõe às aspirações populares e à completa independência nacional.

IMPOSSÍVEL RESOLVER OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO POVO NOS MARCOS DO ATUAL REGIME

Os destinos do Brasil e a vida do seu povo não podem continuar nas mãos de um reduzido grupo de banqueiros, fazendeiros e grandes industriais nacionais e de miliardários norte-americanos. Por esta razão, aumenta o número de brasileiros que sentem a necessidade de transformações na estrutura econômica do país e nas suas instituições políticas. Crescem os reclamos a favor de tais transformações. Descrentes das promessas, parcelas do povo começam a falar em revolução. Diante disto, diversas forças políticas procuram apresentar suas soluções. Mas, nenhuma delas

enfrenta a questão básica, o problema do regime, cuja substituição é uma exigência inadiável do desenvolvimento da sociedade brasileira.

Há os que falam em reformas e, até mesmo, em reformas de base. É óbvio que o Brasil necessita de reformas profundas em sua estrutura econômica, tais como a reforma agrária que proscruva o latifúndio e medidas que liquidem a exploração imperialista. Todavia, estas reformas não podem ser realizadas nos marcos do regime vigente. Seria ingenuidade pensar que os latifundiários e os grandes capitalistas, ligados, de uma ou de outra forma, ao monopólio da terra e ao imperialismo, pudessem levar a cabo uma orientação desta natureza, que iria contrariar seus próprios interesses. Os projectos de reforma agrária das classes dominantes são meros paliativos que visam a fortalecer ainda mais a atual estrutura agrária baseada no latifúndio e não atendem ao desejo de posse da terra da esmagadora maioria dos camponeses. As glebas insignificantes que se promete distribuir terão de ser, em grande parte, compradas aos latifundiários por elevadíssimos preços. Em última instância, o próprio povo é que teria de pagar as indenizações exigidas.

Outros setôres políticos afirmam que as causas dos males que afligem o país residem, exclusivamente, nos homens que governam. Dizem que pessoas dotadas de certas qualidades, assumindo o poder, poderiam conduzir o país por um caminho acertado que asseguraria a felicidade do povo. A experiência tem demonstrado o quanto é ilusória esta opinião. Não há homens providenciais. Com o atual regime, mesmo que os governantes sejam bem intencionados, encontrarão resistências de tôda a sorte e jamais conseguirão superar as dificuldades inerentes ao próprio sistema econômico.

Existem, também, os que defendem ser possível conseguir, com a substituição dos ministros mais reacionários por outros considerados democratas e nacionalistas, um gabinete capaz de livrar o país do latifúndio e do imperialismo. Nada mais absurdo. Como alcançar um gabinete efetivamente progressista através de um parlamento cuja composição é predominantemente reacionária? Mesmo que fôssem designados para o ministério homens tidos como democratas e

nacionalistas, a situação pouco se modificaria. Os ministros, ou seguem a política ditada pelas classes dominantes ou, se assim não o fizerem, serão inevitavelmente aliçados de seus postos.

Há ainda os que defendem a necessidade da implantação de um governo forte, compreendendo como tal uma ditadura que seria a solução para os descabros atuais. É evidente, entretanto, que esta ditadura só poderia ser um governo tirânico que suprimiria as poucas liberdades ainda existentes, em benefício das classes dominantes. Os ditadores jamais castigariam os exploradores e opressores do povo.

Não será com tais soluções nem com reformas parciais que o Brasil poderá avançar no caminho de sua libertação. Impõe-se a instauração de um novo regime, regime antiimperialista, antilatifundiário e antimonopolista, regime que expresse as forças sociais em ascensão no país, os anseios dos operários e camponeses, da intelectualidade, da pequena burguesia urbana, dos pequenos e médios industriais e comerciantes e de outros elementos progressistas. Este regime, porém, somente será criado se essas forças afastarem do poder as atuais classes dominantes e instalarem um governo popular revolucionário.

INSTAURAR UM NOVO REGIME, CONQUISTAR UM PODER POPULAR

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, que se orienta pelo marxismo-leninismo e que objetiva o socialismo e o comunismo, considera que, na presente situação, a principal tarefa do povo brasileiro é a luta por um governo revolucionário, inimigo irreconciliável do imperialismo e do latifúndio, governo de liberdades, cultura e bem-estar para as massas.

Um governo popular revolucionário acabará de uma vez para sempre com a espoliação que as empresas e os capitais norte-americanos realizam no país. Suspende o pagamento da dívida externa. Instituirá o monopólio estatal do comércio exterior. Denunciará os acordos e tratados lesivos ao Brasil, adotará uma polí-

tica internacional de paz e solidariedade com todos os povos que lutam por sua independência. Manterá relações em pé de igualdade com todos os países.

Um governo popular revolucionário, procurando abrir caminho para o mais rápido desenvolvimento do país, realizará uma reforma agrária radical que acabe com todos os tipos de latifúndio e com tôdas as formas feudais de exploração. Desapropriará as propriedades latifundiárias e assegurará a posse da terra aos que trabalham ou desejam trabalhar no campo. Estimulará o cooperativismo. Garantirá aos camponeses crédito, ajuda técnica, preços mínimos compensadores e facilidades para o armazenamento e colocação de seus produtos. Com o fim de manter a unidade econômica dos grandes estabelecimentos agro-pecuários de alta produtividade, entregará a terra e os pertences dêstes estabelecimentos aos trabalhadores agrícolas sob a forma de propriedade coletiva e criará fazendas-modêlo de propriedade do Estado.

Um governo popular revolucionário defenderá a indústria nacional. Facilitará a aquisição de equipamentos e matérias-primas. Estimulará a criação de novas indústrias nas áreas mais atrasadas, objetivando reduzir e depois extinguir as desigualdades no desenvolvimento econômico das diferentes regiões do país. Ampliará os meios de transporte e comunicações. Confiará os capitais e as emprêsas dos grandes capitalistas brasileiros que estiverem aliados aos imperialistas norte-americanos.

Um governo popular revolucionário terminará com a carestia da vida, adotando drásticas medidas contra a inflação e contra os açambarcadores e especuladores. Incentivará a produção e reduzirá os impostos que incidem sôbre os artigos de primeira necessidade. Reajustará os salários e vencimentos. Reorganizará a previdência social de modo a garantir aos beneficiários aposentadorias e pensões adequadas.

Um governo popular revolucionário realizará a reforma urbana, objetivando assegurar a tôdas as famílias a aquisição de casa própria. Terminará com a praga da especulação imobiliária. Desapropriará os terrenos baldios dos grandes proprietários nas zonas urbanas, visando à construção de habitações para o

povo. Rebaixará os alugueres exorbitantes. Isentará do impôsto predial os imóveis habitados por seus próprios donos.

Um governo popular revolucionário empenhará todos os esforços para extinguir o analfabetismo. A educação escolar será atribuição exclusiva do Estado. Reorganizará o sistema educacional brasileiro com vistas à democratização da cultura. Ampliará o número de escolas primárias, secundárias, técnicas e superiores. Cuidará da saúde pública, combatendo as endemias e estendendo a rede de hospitais e dispensários para atender aos que necessitam de assistência médica e dentária.

Um govêrno popular revolucionário será intransigente na defesa dos bens públicos e punirá com todo o rigor os dilapidadores dos dinheiros da Nação, os contrabandistas e negociastas de tôda ordem. Confiscará as fortunas obtidas à custa da pilhagem do erário público. Liquidará o empreguismo e o parasitismo no aparelho do Estado.

Finalmente, um govêrno popular revolucionário, fiel intérprete da soberania do povo, assegurará a plena democratização da vida política brasileira, garantindo ampla liberdade de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de culto religioso. Outorgará o direito de voto a todo cidadão, independentemente de nacionalidade e instrução, abolirá as discriminações que existem em relação às mulheres. Combaterá tôdas as formas da racismo. Suprimirá os órgãos de repressão contra o povo.

SÓ A LUTA REVOLUCIONÁRIA DARÁ AO POVO UM NOVO PODER

A luta por um govêrno popular revolucionário, por um nôvo regime, não é sòmente uma necessidade para salvar o país, como também um direito sagrado do povo. Quando o sistema vigente e suas instituições se tornam caducos, constituem obstáculo ao avanço da sociedade e fontes de iniquidades e sofrimentos para milhões de pessoas, não existe alternativa senão substituir o velho regime por um nôvo regime. Êste tem

sido o caminho percorrido vitoriosamente pelos povos em busca da felicidade e do progresso social. Este é o caminho do povo brasileiro.

Os atuais beneficiários da ordem imperante no país voluntariamente não cederão suas posições. Para se manterem no Poder, usam a demagogia, a corrupção e a violência. Admitem, em certa medida, a luta pelas reivindicações parciais, mas, quando tais lutas podem atingir, no mínimo que seja, o regime, tratam de esmagá-las impiedosamente. É cada vez mais frequente o emprêgo das forças armadas em funções de polícia contra os movimentos populares. Nos últimos anos, não se verificou uma só greve econômica de maior expressão, sem que tropas do exército, da marinha ou da aeronáutica fôssem mobilizadas, inclusive com ocupação ostensiva de cidades. Se isto ocorre com as lutas pelas reivindicações específicas dos diferentes setores da população, então quando se tratar da luta pelo poder político, as classes dominantes não vacilarão em recorrer a todos os recursos, os mais arbitrários, para tentar impedir a vitória das massas populares. Toda vez que seu poder estiver ameaçado, calarão as suas divergências e se unirão para enfrentar o povo. A crise político-militar de agosto-setembro de 1961 mostrou que, apesar das discordâncias, os diferentes grupos das classes dominantes buscaram uma solução de compromisso para que as massas não intervissem, mais enérgicamente, nos acontecimentos e dessem à crise uma solução em seu favor.

Nestas circunstâncias, as classes dominantes tornam inviável o caminho pacífico da revolução. Por este motivo, as massas populares terão de recorrer a todas as formas de luta que se fizerem necessárias para conseguir seus propósitos. As ações por conquistas parciais contribuem para reforçar a organização e a unidade do povo. As campanhas eleitorais são importante forma de atividade política e uma acertada participação nas eleições permite esclarecer as massas, divulgar o programa revolucionário e eleger candidatos que defendam as causas populares. Todos os movimentos democráticos e patrióticos devem ajudar a alcançar a grande meta — a conquista de um novo

poder político, principal objetivo do povo. Mas só a luta decidida e enérgica, as ações revolucionárias de envergadura, darão o Poder ao povo.

Aos brasileiros apresenta-se, assim, árdua e difícil tarefa que é, no entanto, plenamente realizável, porque um povo que se bate pela liberdade e pelo direito a uma existência feliz, alcançará, por mais ásperas que sejam as condições de luta, a vitória final. Os inimigos da revolução não possuem a fôrça que aparentam ter. Por mais vultosos que sejam os seus recursos, por mais numerosas que sejam as armas de que disponham, êles são débeis porque se colocam contra as mais profundas aspirações populares e defendem uma causa injusta. Sua derrota será inevitável. Cuba é um exemplo de como um povo oprimido, mas decidido a vencer, pode bater seus algozes e construir uma nova vida.

É imprescindível, porém, que todos os que desejam mudar o atual estado de coisas se congreguem estreitamente. Os operários e os camponeses, núcleo fundamental da unidade do povo, junto com os estudantes, os intelectuais progressistas, os soldados e marinheiros, sargentos e oficiais democratas, os artesãos, os pequenos e médios industriais e comerciantes, os sacerdotes ligados às massas e com outros patriotas constituirão o elemento indispensável para conseguir um governo popular que realize um programa revolucionário. A unidade da esmagadora maioria da Nação é necessária e possível e, sob a direcção da classe operária, será a fôrça capaz de varrer tôdas as barreiras que se ergam no caminho da emancipação nacional e social do povo brasileiro.

* * *

A revolução brasileira se processa numa época de grandes transformações. Países com mais de 1 bilhão de habitantes construíram ou constroem o socialismo. A União Soviética marcha para o comunismo ⁽¹⁾ e a China Popular, até há pouco escravizada, forja uma nova sociedade e constitui hoje, um poderoso baluarte da luta contra o imperialismo. O sistema colonial está em vias de desaparecer. Os povos da África e da Ásia conquistam a sua independência política. Na América Latina já tremula vitoriosamente a bandeira do socialismo e seus povos se levantam para derrubar o jugo dos monopólios norte-americanos.

Os imperialistas, em bancarrota, e os reacionários apelam para todos os recursos, a fim de esmagar os movimentos revolucionários e conspiram contra a paz mundial. Nada, contudo, impedirá a vitória das forças da democracia e do socialismo.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, convencido do acerto das soluções que indica, convida as forças populares e revolucionárias, especialmente as forças de esquerda, para o debate destas questões com vistas à luta e à união de todos os que se dispõem a pôr um fim ao atual regime de injustiça social, de parasitismo, de imoralidade administrativa, de subserviência ao estrangeiro, de escravização iníqua dos camponeses, de abandono da infância e da juventude, de democracia de fachada, de prazeres e esbanjamentos para uns poucos e de miséria e sofrimentos para a maioria do povo.

São Paulo, 18 de fevereiro de 1962.

A CONFERÊNCIA NACIONAL EXTRAORDINÁRIA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

(1) — O Manifesto-Programa foi elaborado quando não estava ainda suficientemente clara a traição dos revisionistas soviéticos ao socialismo. Por isso, o Manifesto-Programa considera que «a União Soviética marcha para o comunismo». Mas em 1963, o Partido Comunista do Brasil, em seu documento 'RESPOSTA A KRUSCHOV', denunciava o caráter antisocialista da política seguida pelos dirigentes da URSS.

EM DEFESA DO PARTIDO

A Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil, realizada em fevereiro de 1962, depois de discutir as questões relacionadas com a luta interna e com a tentativa de liquidação da organização partidária, toma a seguinte resolução:

1. Um ano após ter efetuado o V Congresso do Partido Comunista do Brasil, no qual foram aprovados os novos Estatutos e uma resolução política do Partido, os comunistas brasileiros foram surpreendidos com a publicação no semanário «Novos Rumos», de 11-8-61, dos Estatutos e do Programa de um novo Partido, denominado «Partido Comunista Brasileiro». Simultaneamente, o mesmo jornal estampava uma entrevista de Prestes em que dizia que êsses documentos seriam encaminhados ao Tribunal Superior Eleitoral, visando o registo de tal Partido.

A surpresa dos comunistas decorria do fato de que os Estatutos e o Programa do «Partido Comunista Brasileiro» haviam sido elaborados e adotados pela direção nacional à revelia de todo o Partido, infringindo frontalmente as decisões do V Congresso. Assim procedendo, a direção nacional desrespeitara o princípio do centralismo democrático, quebrara a disciplina e ferira a unidade do Partido, visto que o V Congresso não havia delegado nenhum poder ao Comitê Central recém-eleito no sentido de mudar a denominação do Partido nem, muito menos, fazer profundas alterações no

caráter do Partido, em seus princípios ideológicos e objetivos programáticos. Segundo os Estatutos, tais decisões são da competência exclusiva do Congresso do Partido.

O V Congresso tão-somente autorizara ao Comitê Central «fazer no texto dos Estatutos aprovados as modificações que se tornem necessárias para efeito de registro do Partido no Tribunal Superior Eleitoral». Isto dizia respeito às exigências da Justiça Eleitoral, tais como o destino a ser dado ao patrimônio do Partido em caso da sua dissolução, a designação dos delegados junto aos tribunais e juízes eleitorais e a afirmação de que os membros do Partido não respondem pelas obrigações financeiras dêste — questões estas que não constavam do texto dos Estatutos então aprovados. No entanto, dêstes Estatutos foram retiradas, deliberadamente, a afirmação de que o Partido se rege pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e a declaração de que a organização partidária dos comunistas tem como objetivo final o estabelecimento da sociedade comunista. Além disto, o Programa do «Partido Comunista Brasileiro» se resume a um conjunto de enunciados reformistas cujo alcance fica muito aquém das medidas indicadas nas plataformas de alguns partidos da burguesia e dos latifundiários.

Assim, o Comité Central, de fato, criou uma nova organização partidária, que, pelos seus objetivos programáticos e por seus princípios estatutários, não se identifica com o Partido Comunista do Brasil, autêntica vanguarda revolucionária do proletariado.

2. A decisão da direção nacional de liquidar o Partido Comunista do Brasil culmina um longo processo, cujas origens remontam aos acontecimentos que abalaram nossas fileiras logo após a realização do XX Congresso do PCUS. Naquela ocasião, aproveitando-se dos erros da orientação política e dos falsos métodos de direcção, elementos sob a influência das idéias estranhas à ideologia do proletariado, provocaram no Partido um grave surto revisionista, de sentido liquidacionista e anti-soviético. Assustados com a campanha

anticomunista da burguesia e do imperialismo intensificada desde então, tais elementos pregavam abertamente a necessidade de dissolver o Partido Comunista do Brasil e substituí-lo por «uma organização mais ampla», sem vínculos com o marxismo-leninismo, sem compromissos com as posições internacionalistas do proletariado e cuja plataforma política se inspirasse na ideologia nacionalista-burguesa.

Embora combatidos, e ainda que alguns de seus porta-vozes mais ostensivos tivessem sido expulsos ou afastados do partido, as idéias revisionistas, a partir de 1957, ganharam terreno até alcançar, com a adesão de Prestes, o predomínio no Comitê Central. O culto à personalidade de Prestes, durante longos anos fomentado entre os comunistas, contribuiu decisivamente para que as idéias revisionistas e reformistas chegassem a prevalecer no Partido. Dêsse período em diante, foram sendo postas em prática pela maioria do Comitê Central medidas de sentido liquidacionista.

Sucessivamente foram suprimidos os jornais que as massas reconheciam como os porta-vozes combativos do Partido. O trabalho de educação, de formação de quadros e de construção partidária ficou abandonado. A União da Juventude Comunista foi praticamente dissolvida. Tôdas as organizações de massa, patrióticas e femininas, onde os comunistas tinham influência preponderante, foram desprezadas e reduzidas à completa inatividade. No movimento operário e sindical, a orientação dos comunistas, ao invés de contribuir para a elevação da consciência revolucionária do proletariado, estimulou o reformismo e rebaixou o papel dirigente do Partido. Cogitou-se até mesmo de extinguir a organização nacional dos camponeses bem como o jornal que a representava. Defendeu-se, além disto, a estranha tese de reunir os camponeses nas associações e federações rurais dirigidas pelos latifundiários. Ao mesmo tempo, começou-se a denegrir e atacar o passado do Partido, por meio de uma crítica unilateral e negativista, em que se omitia todo e qualquer aspecto positivo da atividade anterior dos comunistas. Ressaltava-se, intencional e maldosamente, as falhas e os erros cometidos. O nome do Partido deixou de figurar

em todos os documentos e nas declarações dos dirigentes, substituído pela expressão de um vago «movimento comunista». Falar em nome do Partido passou a ser classificado como provocação.

3. A deliberação de liquidar o Partido Comunista do Brasil encontrou sérias resistências entre os comunistas. Grande número de militantes e dirigentes, em diferentes Estados, compreendeu o perigo contido na decisão do Comitê Central sobre o registro de um novo Partido. Fêz ver à direção, com espírito partidário, que alterar o nome do Partido, retirar dos Estatutos a afirmação de que os comunistas se orientam pelos princípios marxistas-leninistas e abandonar o objetivo último do comunismo, a fim de tentar conseguir o registro eleitoral, constituia grave transgressão de resoluções do V Congresso, que só um novo Congresso poderia modificar. Entretanto, em vez de levar ao debate do coletivo partidário questões ideológicas tão importantes e de respeitar os Estatutos, o Comitê Central preferiu seguir o caminho das medidas punitivas, da acusação de fracionismo e, inclusive, da expulsão de velhos e respeitados lutadores comunistas, cujo crime consiste em não admitir a liquidação de nosso glorioso Partido. A conduta intolerante da direção nacional representou na realidade a abolição do direito de divergir, a fuga do dever de discutir sua posição capituladora e a consumação do divisionismo no movimento comunista, provocada pela criação do Partido Comunista Brasileiro.

4. Em face de tão graves circunstâncias e da pretensão dos dirigentes do chamado Partido Comunista Brasileiro de alijar das fileiras comunistas todos os que dêles divergem e não os acompanham em sua política liquidacionista, centenas de militantes comunistas de todo o país concordaram com a convocação e a realização da presente Conferência Nacional Extraordinária para tratar da reorganização do Partido Comunista do Brasil, discutir um Manifesto-Programa, deliberar sobre os Estatutos apresentados no V Congresso e eleger um novo Comitê Central para dirigir o Partido até o próximo Congresso.

Estas medidas visam a sanar as dificuldades surgidas no movimento comunista. A Conferência Nacional Extraordinária reafirma a posição de que deve existir um único partido marxista-leninista da classe operária e de que é indispensável forjar a unidade de todos os comunistas, à base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. A unidade não pode ser feita em torno de pessoas. Assim sendo, impõe-se um combate sistemático ao culto à personalidade. A Conferência Nacional Extraordinária reafirma também sua fidelidade à Declaração dos 81 Partidos Comunistas e Operários, de 1960, e, neste sentido, se dirige a todos os comunistas para que se esforcem na consequente aplicação da carta programática que une o movimento comunista mundial.

A reorganização do Partido exige uma firme e persistente luta ideológica para elevar o nível de consciência dos comunistas e para extirpar de nosso meio a influência de ideologias de classes hostis ao proletariado. Por conseguinte, o centro do ataque deve ser dirigido contra as tendências de direita. As idéias revisionistas e reformistas penetram em escala sem precedentes no movimento comunista brasileiro. A reorganização do Partido exige, por outro lado, uma atitude irreconciliável com o dogmatismo e o sectarismo que durante anos impregnaram a actividade do Partido e foram a principal causa de muitos dos erros cometidos.

5. A Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil, compreendendo a importância de uma vanguarda organizada e revolucionária do proletariado, concita todos os militantes a se empenharem na luta pelo fortalecimento do Partido, através de um intenso recrutamento de novos membros entre a classe operária e as massas trabalhadoras.

A situação política do país, o espírito de combatividade das massas, as grandes vitórias do socialismo no mundo, possibilitam, quando se tem uma orientação política revolucionária, atrair valorosos militantes para nossas organizações partidárias.

A Conferência Nacional Extraordinária do Partido Comunista do Brasil expressa sua convicção de que, ao aplicar uma política revolucionária e desenvolver a luta ideológica contra as concepções errôneas, o Partido cumprirá o seu papel de força dirigente da revolução brasileira.

São Paulo, fevereiro de 1962.

A CONFERÊNCIA NACIONAL EXTRAORDINÁRIA
DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

RESPOSTA A KRUSCHOV

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, em Carta Aberta publicada na «Pravda» de 14 de julho, procurando responder aos argumentos apresentados pelo Comitê Central do Partido Comunista da China, na carta de 14 de junho, acusa os camaradas chineses de organizar e apoiar diversos grupos antipartidários que «atuam contra os partidos comunistas dos Estados Unidos, Brasil, Itália, Bélgica, Austrália e Índia». São nominalmente citados membros da direcção do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

A acusação dos dirigentes comunistas soviéticos é simplesmente absurda, destituída de qualquer fundamento e contrária aos interesses do movimento revolucionário.

Em que se apóia o Comitê Central do PCUS para fazer tal acusação? A direcção dêsse partido conhece muito bem os acontecimentos ocorridos no movimento comunista em nosso país, a partir de 1956, que culminaram com o surgimento de dois partidos: o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e o Partido Comunista Brasileiro.

FATOS QUE PROVOCARAM A CISÃO

Como é sabido, depois do XX Congresso do PCUS verificou-se nas fileiras comunistas forte surto revisionista que teve como principal porta-voz Agildo

Barata. A grande maioria dos militantes e o Comitê Central enfrentaram as manifestações revisionistas. Apesar de certos erros cometidos na condução da luta ideológica, medidas foram tomadas para resguardar o Partido das idéias estranhas ao proletariado e para assegurar a unidade partidária. No combate ao revisionismo participou também Luiz Carlos Prestes. No entanto, após os fatos sucedidos no PCUS, em junho de 1957, que levaram ao afastamento dos camaradas Molotov, Malenkov, Kaganovitch e outros da direcção dêsse partido, Prestes, numa mudança brusca e aparentemente inexplicável, aderiu por completo às idéias defendidas naquela época por Agildo Barata e seu grupo. Tornou-se, desde então, apaixonado defensor do revisionismo e cercou-se de destacados participantes dêste grupo. Voltou a ser um ardoroso apologista do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, com entusiasmo maior do que em 1945, quando esposou as opiniões de Earl Browder.

Em março de 1958, através de métodos antipartidários, Prestes conseguiu que o Comitê Central aprovasse uma orientação política tipicamente oportunista. Esta, além de prejudicar de maneira grave o movimento revolucionário brasileiro, negava abertamente as tradições de luta do Partido.

A nova linha política começou, porém, a encontrar resistência crescente no Comitê Central e entre os militantes. Os revisionistas perdiam terreno. Em 1960, dentro do próprio órgão dirigente do Partido, a posição de Prestes e demais reformistas não era sólida. Sua maioria tornou-se mesmo bastante precária. Diante disto, decidiram convocar o V Congresso do Partido com a finalidade única de afastar da direcção todos os elementos que se opunham à política de direita. Trataram de empolgar o Partido acenando com a perspectiva de uma fácil vitória eleitoral, asseverando que a eleição do Marechal Lott asseguraria a legalidade do Partido e lhe garantiria posições no govêrno.

O V Congresso foi tendenciosamente preparado. Embora no período que precedeu a sua realização tivesse havido um amplo debate nas colunas do órgão central, mentiras e calúnias foram difundidas contra os que combatiam o revisionismo. Interferências indé-

bitas se deram nas Conferências e nas Assembléias partidárias visando à aprovação da linha política oportunista e à escolha de delegados que estivessem de acôrdo com esta linha. Basta assinalar que nos debates pela imprensa, mais de metade dos artigos publicados expressava uma opinião diversa da adotada por Prestes e nas reuniões preparatórias do Congresso, considerável número de militantes se opôs às teses apresentadas pelo Comitê Central. Mas, no V Congresso, devido a tais manobras, insignificante era a representação dos elementos divergentes. Assim, o Congresso não refletiu a vontade do Partido. Atingindo os objetivos para os quais fôra realmente convocado, o V Congresso afastou do Comitê Central dōze de seus membros efetivos num conjunto de vinte e cinco, além de vários suplentes.

Não obstante as odiosas discriminações, os companheiros que divergiam submeteram-se disciplinadamente às decisões do V Congresso. Entretanto, Prestes e seus seguidores, continuando em sua actividade revisionista, acabaram por golpear o Partido em seus fundamentos. Em agosto de 1961, contrariando decisões do Congresso, sob o pretêxto de obter a legalidade do Partido, decidiram criar um nôvo partido. Era pôsto de lado o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Em seu lugar, surgia o Partido Comunista Brasileiro. Foi retirada dos seus Estatutos a afirmação de que o Partido se orientava pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. O programa apresentado era menos radical que os do Partido Trabalhista e do Partido Socialista.

Os militantes que não concordavam com estas flagrantes violações do centralismo democrático e queriam acima de tudo preservar a unidade do Partido solicitaram ao Comitê Central que recuasse da posição adoptada ou então convocasse um Congresso Extraordinário. Jamais pactuariam com a liquidação do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. A resposta da direcção oportunista foi a aplicação de medidas punitivas, a dissolução de organismos, o afastamento de provados militantes e uma sórdida campanha de calúnias contra honrados comunistas.

ATAQUES INJUSTIFICADOS DO COMITÉ CENTRAL DO PCUS

Face a tal situação, que poderiam fazer os verdadeiros revolucionários? Não lhes restava outro caminho senão organizar o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Em fevereiro de 1962, reuniram-se em Conferência Nacional Extraordinária, realizada em São Paulo, para discutir a situação criada e decidir dos rumos a tomar. Desta Conferência participaram delegados de vários Estados. Ela decidiu reconstruir o Partido, aprovou um programa marxista-leninista, resolveu editar o tradicional órgão de imprensa partidária e elegeu um novo Comitê Central. Permaneceram no PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL oito membros do antigo Comitê Central, diversos líderes sindicais e juvenis e bom número de militantes com mais de vinte anos de actividade partidária ininterrupta. Entre seus dirigentes há camaradas que passaram muitos anos nos cárceres da reação.

Em um ano e meio de trabalho, o Partido passou de centenas de membros para alguns milhares, estruturou-se em todo o país e aumentou sua influência entre as massas. Elevou sua actividade política e cresceu de modo significativo a difusão de sua imprensa.

Como pode, então, o Comité Central do PCUS, dirigido por Kruschov, dizer que o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL é um grupo antipartidário? Como pode inculpar de divisionismo a legítima vanguarda da classe operária brasileira, a organização que se mantém fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário? Quais os atos contrários aos interesses da revolução e do povo brasileiro cometidos pelo PC do Brasil que justifiquem as investidas de Kruschov e do Comité Central do PCUS?

Sòmente se pode compreender os ataques do Comité Central do PCUS como um esforço para alentar a combalida corrente reformista chefiada por Prestes, que levou o movimento comunista brasileiro à divisão, e para apresentar os camaradas chineses como responsáveis pelas cisões que se verifiquem nos partidos comunistas.

Para os revolucionários brasileiros, é verdadeiramente chocante que tais ataques procedam justamente de homens que estão à frente do Partido fundado por Lênin e que, no curso de sua história, combateu implacavelmente os oportunistas e apoiou com decisão, em tôdas as circunstâncias, os revolucionários. Educados como comunistas no exemplo do Partido Bolchevique, sempre vimos na União Soviética uma base poderosa do movimento revolucionário mundial. Por isso não podemos aceitar a conduta daqueles que, na direção do maior país socialista, renegam as gloriosas tradições do bolchevismo e apóiam abertamente os revisionistas em tôdas as partes do mundo. Quaisquer que sejam as injúrias, as distorções da verdade dos atuais dirigentes do PCUS, proclamamos, nesta oportunidade, nossa admiração e reconhecimento aos povos da União Soviética que realizaram a Grande Revolução de Outubro, edificaram o socialismo numa sexta parte do globo e derrotaram o nazi-fascismo na mais cruenta das guerras. Nada nos afastará dos princípios do internacionalismo proletariado, do marxismo-leninismo e da luta revolucionária.

Ao apoiar e incentivar a corrente reformista de Prestes, Kruschov e o Comitê Central do PCUS colocaram-se objetivamente contra o movimento revolucionário em nosso país.

FALÊNCIA DA LINHA OPORTUNISTA

A prática tem demonstrado o quanto se desacreditou aos olhos das grandes massas e das correntes democráticas o Partido Comunista Brasileiro ao seguir uma orientação política oportunista.

Nos últimos anos da administração do Sr. Juscelino Kubitschek, a posição de Prestes e de seus seguidores objetiva substituir no governo os ministros reacionários por outros que eles apontavam como nacionalistas. Com esta política, apoiaram concretamente o Sr. Juscelino Kubitschek, um dos maiores entreguistas da história da República.

Nas eleições de 1960, foram fervorosos partidários da candidatura do Marechal Lott a quem apresenta-

vam como a mais elevada expressão do nacionalismo. Lott, no entanto, revelou-se de corpo inteiro como reacionário que combatia a reforma agrária, a Revolução Cubana, as medidas contra a espoliação imperialista, o reatamento de relações com a União Soviética e a legalidade do Partido Comunista.

Saudaram, em 1961, a posse de Goulart como uma vitória do povo; reclamaram plenos poderes aos gabinetes indicados por Jango; declararam que Goulart contava com poderoso apoio popular e com um dispositivo militar que lhe permitam tomar sem receio as medidas exigidas pelo povo. Mas Goulart demonstra, dia a dia, ser o chefe de um governo entreguista e incapaz de resolver os problemas fundamentais da Nação.

Disseram que as eleições parlamentares de outubro de 1962 poderiam modificar profundamente a correlação de forças no Congresso Nacional e abrir caminho para as informações básicas na estrutura do país. O resultado do pleito evidenciou que o Congresso saído daquelas eleições é um dos mais reacionários que o país já teve.

Conclamaram o proletariado à greve geral para exigir que o Sr. San Tiago Dantas fôsse designado Primeiro-Ministro de um hipotético gabinete nacionalista e democrático. A vida provou que o Sr. San Tiago Dantas não passa de um agente do imperialismo norte-americano, o intermediário na negociata das subsidiárias da Bond and Share.

Convocaram o povo para votar NÃO no plebiscito de 6 de Janeiro, proclamando que desta maneira os eleitores estariam criando condições para realizar a reforma agrária, acabar com a carestia e a inflação e pôr em prática medidas contra o imperialismo. Depois do plebiscito, Goulart, já no sistema presidencialista, prosseguiu em sua antiga política: a carestia tornou-se mais acentuada, a reforma agrária não se efetivou e novas concessões foram feitas aos monopolistas ianques.

Mudaram o nome do Partido e mutilaram seus princípios para conseguir seu registo na Justiça Eleitoral. Passado mais de um ano, nem mesmo êsse nôvo partido reformista obteve existência legal.

Êstes fatos, além de muitos outros, comprovam plenamente a falência da orientação seguida pelo Partido Comunista Brasileiro.

PARTIDO DA REVOLUÇÃO E PARTIDO DAS REFORMAS

Como é possível ao Comitê Central do PCUS considerar tal partido a organização dirigente da classe operária, e, ao mesmo tempo, acoimar de grupo anti-partidário o Partido que expressa realmente os interesses do proletariado?

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta pela derrubada do atual regime de latifundiários e grandes capitalistas e pela instauração de um regime efetivamente popular, único capaz de realizar as transformações indispensáveis ao progresso do país, ao bem-estar do povo e à obtenção da completa independência nacional. O Partido Comunista Brasileiro não combate o regime vigente mas apenas propugna por transformações parciais na estrutura do país nos marcos dêste mesmo regime, a pretêxto de que elas abriam o caminho para mudanças radicais.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta por um governo popular revolucionário que represente as classes e camadas progressistas da sociedade brasileira e que substitua o poder dos latifundiários e grandes capitalistas. O Partido Comunista Brasileiro tem como objetivo a conquista de um chamado governo nacionalista e democrático que seria alcançado com o afastamento dos ministros entreguistas do atual governo e com a designação de outros ministros considerados nacionalistas e democratas.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta irreconciliavelmente contra o governo de latifundiários e grandes capitalistas, desmascara suas manobras e não inculca ilusões nas massas a respeito do caráter do governo de Goulart. O Partido Comunista Brasileiro estabelece que é tarefa do povo lutar simplesmente contra a política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio realizada pelo atual governo, a fim de conseguir que êste se torne um governo nacionalista e democrático.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, com o propósito de realizar a revolução nacional-libertadora, democrática e popular, empenha-se na formação de uma frente única de tôdas as forças revolucionárias da sociedade brasileira, tendo como núcleo fundamental os operários e camponeses. O Partido Comunista Brasileiro, visando unicamente à conquista de reformas parciais, esforça-se para formar a denominada frente única nacionalista e democrática que inclui tôda a burguesia e mesmo setores de latifundiários.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL julga que, na presente situação, as classes dominantes tornam inviável o caminho pacífico da revolução e, por isso, o povo, sem deixar de utilizar tôdas as formas de luta legais, deve preparar-se para a solução não-pacífica. O Partido Comunista Brasileiro, sem qualquer apoio na realidade nacional, engana o povo, afirmando que a revolução antiimperialista e antifeudal pode ser conduzida a seus objetivos por um caminho pacífico.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL apresenta um programa revolucionário, proclama seus fins socialistas, afirma abertamente sua adesão aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, não esconde seu nome e a sua natureza de classe. O Partido Comunista Brasileiro renega o velho Partido, renuncia ao programa revolucionário e oculta seu nome, deixando, na realidade, de ser o partido do proletariado.

Enfim, o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL é o partido da revolução. O Partido Comunista Brasileiro é o partido das reformas. O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL luta para assegurar a hegemonia do proletariado na revolução. O Partido Comunista Brasileiro marcha a reboque das classes dominantes e ajuda a burguesia a enganar as massas trabalhadoras.

Não é difícil, assim, distinguir no Brasil a corrente que trilha o caminho revolucionário da corrente que se orienta por uma linha revisionista. Uma defende uma orientação marxista-leninista, enquanto a outra adota uma orientação caracterizadamente de direita.

CAUSAS DA CISÃO DO MOVIMENTO COMUNISTA BRASILEIRO

A acusação dos dirigentes soviéticos de que os camaradas do Partido Comunista da China fomentaram a divisão do movimento comunista brasileiro não passa de afirmativa totalmente divorciada da verdade, de uma simples calúnia. Os fatos demonstraram sobejamente que a cisão teve como causas principais fatores de ordem interna. Foi provocada essencialmente pela penetração das idéias burguesas no partido, que adquiriram força com o avanço do capitalismo no país e com a tática de engodo utilizada pela burguesia. Contribuiu também a intolerância dos dirigentes reformistas chefiados por Prestes, que aplicaram métodos os mais condenáveis na condução da luta ideológica. Não se pode negar, igualmente, a existência de influências externas. A de maior repercussão foi a do XX Congresso do PCUS que, aprovando teses bastante discutíveis e lançando a confusão a respeito do culto à personalidade, estimulou os oportunistas de todos os matizes e aqueles que combatiam a existência de um partido independente da classe operária, autenticamente revolucionário. Simultaneamente, o imperialismo desencadeou intensa ofensiva ideológica que atingiu as fileiras do Partido.

Ao apontar os camaradas chineses como responsáveis pela divisão do movimento comunista no Brasil, os dirigentes do PCUS revelam seu desprezo pela capacidade e espírito de luta dos trabalhadores brasileiros. Imbuídos de sentimentos de superioridade, não concebem que, diante da traição dos oportunistas, inevitavelmente surgiriam, em nosso país, os elementos dispostos a erguer a bandeira revolucionária, a forjar o partido do proletariado e a prosseguir na luta sem quartel contra o imperialismo e o latifúndio e a pugnar até ao fim pela vitória do socialismo no Brasil. Quando se iniciou a discussão no Comitê Central do PC do Brasil, os camaradas que posteriormente procuraram reorganizar o Partido não conheciam as divergências no movimento comunista mundial. Mais tarde, ao se inteirar da existência de questões controvertidas, ignoravam sua real profundidade. Somente com a pu-

blicação de uma série de artigos no «Diário do Povo» e na «Bandeira Vermelha», de Pequim, ainda no curso deste ano, puderam os membros do PC do Brasil compreender a exata dimensão das discrepâncias existentes. Puderam então constatar que as discordâncias não diziam respeito unicamente aos partidos da China e da União Soviética. Trata-se de luta de significação histórica entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo.

Como não podia deixar de acontecer, as teses do Partido Comunista da China, expostas naqueles artigos, assim como na carta de 14 de Junho deste ano, dirigida ao Comitê Central do PCUS, despertaram imenso entusiasmo e trouxeram grande satisfação aos militantes e dirigentes do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e a amplos setores da classe operária e da intelectualidade progressista. Estes documentos constituem valiosíssima contribuição à luta contra o revisionismo contemporâneo e em defesa dos princípios revolucionários do marxismo-leninismo. Muitas das teses nêle difundidas correspondem plenamente à realidade do nosso país. Ajudam-nos a compreender melhor os problemas da luta contra o oportunismo e a ver que as questões ideológicas que estamos enfrentando não estão circunscritas ao Brasil. São fenômenos que se observam em todo o movimento comunista mundial.

TESES DO COMITÊ CENTRAL DO PCUS PREJUDICIAIS AO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

As lutas que se processam na América Latina comprovam também o acerto das teses do PC da China sobre o movimento de libertação nacional das nações e povos oprimidos e sobre o papel que estas lutas estão chamadas a desempenhar no conjunto da situação mundial. Os povos da América Latina não podem ficar à espera de que a «competição pacífica» decida de sua libertação. Estão sob o jugo impiedoso do imperialismo norte-americano que, dia a dia, intervém mais abertamente nos seus negócios internos, põe e depõe governos, espezinha seus sentimentos nacio-

nais e, sob o disfarce filantrópico da Aliança para o Progresso, aumenta a exploração brutal das nações do Continente. A América Latina é cenário de uma guerra surda entre o imperialismo ianque e as massas populares. Por isso, somente a luta mais enérgica, em particular a luta armada, pode abrir o caminho da emancipação para os povos oprimidos deste hemisfério. É o que demonstram a Revolução Cubana, a luta insurrecional na Venezuela e as guerrilhas que proliferam em diferentes países.

A política revisionista de semear ilusões no imperialismo ianque ou de apaziguá-lo, amainando a luta contra ele e contra as forças reacionárias internas, tem causado sérios prejuízos aos movimentos revolucionários na América Latina. Todos aqueles que não se dispuserem a desmascarar firmemente os imperialistas norte-americanos e a expulsá-los de seus países estão fadados ao completo fracasso. Os verdadeiros revolucionários não podem aceitar as palavras de Kruschov que embelezam o imperialismo dos Estados Unidos. Repelem seus frequentes elogios a Kennedy. Como admitir que o líder máximo do imperialismo esteja interessado na paz? Ou que atue com bom-senso em face das contradições entre os povos e o imperialismo? Como acreditar seja Kennedy representante do sector menos agressivo e menos reaccionário dos monopolistas norte-americanos, êle que tentou invadir Cuba, que faz a guerra «especial» no Vietnã do Sul, que organiza os golpes militares na América Latina e que realiza uma corrida armamentista sem precedentes na história? Para os latino-americanos, Kennedy é o pior inimigo da paz e da independência dos povos. Soam, assim, em falso para as grandes massas de nosso continente as palavras de Kruschov.

E o mais grave, ainda, é que Kruschov, enquanto alimenta esperanças nos imperialistas norte-americanos, ataca rudemente os comunistas chineses que dirigiram uma das maiores revoluções de nossa época e que iniciaram uma nova etapa na luta pela libertação das nações oprimidas. É uma afronta à consciência dos povos afirmar que a China quer a guerra termonuclear e aspira à vitória do socialismo no mundo sobre as cinzas das explosões atômicas.

Quem lê os documentos do PC da China e acompanha a política externa da China Popular pode facilmente concluir que os chineses são verdadeiros defensores da paz e que seus líderes indicam o justo caminho para impedir a eclosão de uma guerra atômica. Com sua política de manobras sem princípios, de concessões ao imperialismo, de propagar o terror atômico, de realizar atos aventureiros, de enfraquecer a vigilância dos povos e de dividir o campo socialista, Kruschov põe em perigo a paz. Para evitar a guerra é indispensável desmascarar enérgicamente a política agressiva do imperialismo, impedir que ele engane as massas, fortalecer a união das forças amantes da paz, em particular a unidade dos países socialistas, enfim fazer com que os povos tomem em suas mãos a causa da paz e a defendam até o fim.

Asseverar que os dirigentes chineses desejam arrastar a humanidade a uma guerra termonuclear, como fazem Kruschov e alguns dirigentes de diferentes partidos, é um procedimento indigno de comunistas. Toda tentativa de incompatibilizar os comunistas chineses, apresentando-os falsamente como partidários da guerra atômica, somente pode merecer a condenação dos revolucionários e de todas as pessoas honestas. A que ponto chegaram os revisionistas! Segundo eles, quem quer a guerra atômica não são os imperialistas, mas sim os comunistas chineses!

UNIDADE À BASE DE PRINCÍPIOS

Os desabridos ataques de Kruschov e do Comitê Central do PCUS a revolucionários de outros países minam a unidade do movimento comunista mundial e são parte da acção desagregadora desenvolvida pelos revisionistas contemporâneos. Não é a primeira vez que atacam partidos irmãos. Desde algum tempo, insistentemente, lançam toda sorte de diatribes contra o Partido do Trabalho da Albânia, que com tanta bravura lutou contra o nazi-fascismo, dirigiu o movimento de libertação do povo albanês, conduziu vitoriosamente a Albânia no caminho da construção do socialismo e sempre se manteve nas posições do marxismo-leninismo

e do internacionalismo proletário. Chegaram mesmo a concitar à derrubada de seus dirigentes. E não satisfeitos com isso, tomaram medidas prejudiciais à economia daquele país e dificultaram o trabalho de edificação socialista. Ao passo que levam a cabo tão condenável política, Kruschov e o Comitê Central do PCUS tudo fazem para ganhar as simpatias de Tito, que renegou o marxismo-leninismo em troca dos dólares dos Estados Unidos, e mostram-se generosos na ajuda econômica à camarilha reacionária de Nehru, que põe em prática uma política agressiva e de provocações constantes contra a China Popular.

Cairão no vazio as acusações de Kruschov ao PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, da mesma forma como aconteceu com as calúnias de Prestes e seus seguidores contra provados militantes revolucionários. As assacadilhas dos revisionistas somente poderão honrar os que estão incorporados às fileiras do verdadeiro Partido da classe operária. Revisionistas são solidários com revisionistas e não com revolucionários. Revolucionários são solidários com revolucionários e não com revisionistas.

Ao tomar esta posição, defendemos uma política de princípios. Somos partidários da unidade do movimento comunista mundial em torno das idéias marxistas-leninistas contidas nas duas Declarações de Moscou. Sustentamos a opinião de que a unidade dos comunistas no Brasil tem de ser forjada à base de uma orientação política revolucionária. A classe operária e os povos do mundo precisam manter-se unidos para enfrentar o imperialismo, salvaguardar a causa da paz e levar adiante vitoriosamente a bandeira da revolução.

Não podemos compreender a unidade como um simples arranjo, escondendo-se as divergências. Ela jamais poderá ser alcançada se prevalece a concepção expressa por Nikita Kruschov ao se dirigir aos camaradas chineses: «Pôr de lado tôdas as controvérsias e divergências, não indagar quem está certo e quem é culpado, não revolver o passado mas começar nossas relações com uma nova página». Isto nada tem a ver com o marxismo-leninismo. É próprio da política social-democrata. As divergências não devem ser dissimu-

ladas e muito menos postas de lado. Terão que ser superadas através da luta ideológica, indispensável ao avanço do movimento revolucionário, para assegurar uma unidade sólida dos comunistas e para resguardar a pureza da grande doutrina do proletariado.

Confiemos que o heróico e experimentado Partido do grande Lênin saberá encontrar o melhor caminho para liquidar as posições errôneas de sua direção que tantos danos vêm causando à luta revolucionária, estabelecer relações justas com os partidos irmãos e repu-
diar o revisionismo, desvio mais perigoso no movi-
mento comunista mundial.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL julga que a verdade deve ser dita. Cêdo ou tarde, ela acabará se impondo. Sem temer quaisquer obstáculos, estamos dispostos a manter bem alto em nosso país a bandeira do marxismo-leninismo e a empenhar tôdas as nossas fôrças em prol da vitória da causa revolucionária.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1963.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA
DO BRASIL

O GOLPE DE 1964 E SEUS ENSINAMENTOS

Em situação difícil e num clima de insegurança e violência vive o povo brasileiro, desde que foi desfechado o golpe militar do primeiro de abril. Muitas conquistas, alcançadas em anos de duras lutas, foram liquidadas. Todos os direitos do cidadão são desrespeitados. Mais acentuada se tornou a dependência do país aos monopólios norte-americanos.

Ainda há poucos meses, o povo usufruía de relativa liberdade. Os trabalhadores das cidades e do campo podiam legalmente organizar-se e levantar suas reivindicações. As massas populares, os estudantes e a intelectualidade travavam intensos debates em torno dos problemas nacionais e apresentavam suas soluções. Sargentos e marinheiros reclamavam que se pusesse fim às discriminações de que eram alvo. Jornais de tôdas as tendências circulavam livremente. Espraia-se no país um movimento em favor de mudanças radicais na sociedade brasileira. A reforma agrária era exigida vigorosamente. Erguiam-se protestos contra a desenfreada espoliação imperialista.

Este clima de certas liberdades e o avanço do movimento democrático e antiimperialista preocupavam seriamente os reacionários do país e dos Estados Unidos. Sob o falso pretêxto de que Goulart favorecia os comunistas, há muito grupos militares e de civis tinham iniciado a conspiração para derrubar o govêrno e deter o ascenso das lutas populares. «A conspiração começou desde que Jango assumiu o poder» — disse

com a maior desfaçatez o marechal Denny, em entrevista a «O Cruzeiro». Sub-repticiamente, a máquina do golpe foi sendo montada no Exército. A Escola Superior de Guerra transformou-se em antro de conjura. Latifundiários armados realizavam violenta repressão aos camponeses. Lacerda e Ademar de Barros pregavam abertamente a destituição do Presidente da República. Setôres reacionários do clero mobilizavam fiéis em passeatas e procissões. E, movendo os cordéis, encontrava-se a embaixada dos Estados Unidos, cujos prepostos agiam com grande desenvoltura em todo o território nacional.

Essa situação refletia o aguçamento das contradições sociais no país e o antagonismo cada vez mais profundo entre a grande maioria da nação e o imperialismo norte-americano. Temendo as acções independentes das massas e os seus anseios de transformações revolucionárias, os inimigos do povo preparavam cuidadosamente o golpe.

A tudo isto assistia o govêrno passivamente. Superestimava as suas fôrças e subestimava as de seus adversários. Confiava nos oficiais que ocupavam os principais comandos das Fôrças Armadas. Entre as massas populares predominava a idéia de que o Exército era a favor da legalidade e de que qualquer tentativa golpista seria imediatamente esmagada. Sòmente algumas vozes alertavam para o perigo das ilusões pacifistas. O povo estava despreparado para enfrentar a acção combinada dos imperialistas e dos reacionários.

Assim, a 31 de março, o govêrno e o povo foram tomados de surpresa. Para derrubar o Presidente da República uniram-se desde Magalhães Pinto, Nei Braga e Moura Borges até Lacerda e Ademar de Barros, desde os generais golpistas até elementos que se encontravam no dispositivo militar do sr. Goulart. Nenhuma resistência foi oferecida ao golpe. O povo sofreu um duro revés.

I

GOVERNO CONTRA O POVO E A SERVIÇO DOS MONOPOLISTAS IANQUES

1 UM GRUPO DE OFICIAIS CONTROLA A DITADURA MILITAR. Em consequência da deposição do Presidente da República, instaurou-se uma ditadura militar a serviço das forças reacionárias internas e do imperialismo norte-americano.

O novo governo se apresenta como tendo surgido de uma revolução que se fizera para restaurar a democracia, impor a moralidade na administração pública, acabar com a inflação e sanear as finanças. Mas, em realidade, o governo chefiado pelo Marechal Castelo Branco é fruto de uma quartelada nos moldes tradicionais latino-americanos, viola flagrantemente as normas constitucionais e não passa de um poder discricionário. Embora a ditadura militar procure, desde o início, mascarar-se com aspectos legais, proclamando hipòcritamente sua obediência à Constituição de 1946, no país não se respeita a lei. A vida e a liberdade dos cidadãos estão à mercê de um grupelho de generais retrógrados.

Lidera o novo governo um punhado de militares de alta patente que têm como centro a Escola Superior de Guerra, fundada por inspiração do Pentágono. Desde a sua criação, esta Escola vem elaborando, com a ajuda de técnicos norte-americanos e de reacioná-

rios brasileiros, todo um programa de administração do país calcado nas idéias dos monopolistas dos Estados Unidos. Tal programa abarca tanto questões econômicas e financeiras como de política interna e externa. Parte da premissa de que o mundo marcha para a terceira guerra e que o Brasil deve situar-se, incondicionalmente, ao lado da maior potência imperialista. Em torno da Escola Superior de Guerra agrupam-se militares e civis que se consideram autêntica elite e os únicos capazes de solucionar os problemas brasileiros. Devotam verdadeiro desprêzo ao povo, por êles considerado imaturo. Procuram, assim, tutelar a nação. Arvorando-se em profundos conhecedores das mais importantes questões da atualidade, o que fazem, de fato, é repetir as opiniões e as diretrizes que lhes são sopradas por generais e **experts** dos Estados Unidos.

Aquele punhado de militares, conhecido como o grupo da Sorbonne, constituiu-se, embora camuflado, em partido político, que se caracteriza, fundamentalmente, por seu aspecto antipopular e antinacional. Entre os membros mais destacados do grupo contam-se Castelo Branco, Costa e Silva, Cordeiro de Farias, Bizarria Mamede, Décio Escobar, Golbery do Couto e Silva, Sizeno Sarmento, Muniz de Aragão e Ernesto Geisel. Entre os civis podem-se citar Roberto Campos, Gouveia de Bulhões e Leitão da Cunha. Em geral, trata-se de militares e políticos frustrados, que jamais conseguiriam, através de processos democráticos, alcançar os postos de mando da nação. Juntaram-se a este grupo generais aproveitadores e fascistas como Justino Alves Bastos, Amauri Kruehl, Mourão Filho, Carlos Luiz Guedes e outros.

Aparentemente, o país é dirigido à base das opiniões do Ministério, do Congresso e dos grandes partidos políticos. Em última instância, porém, quem orienta e decide é o chamado grupo da Sorbonne, que expressa interesses da grande burguesia ligada ao capital monopolista ianque, dos latifundiários e do imperialismo norte-americano.

2 A POLÍTICA DO GOVÊRNO CASTELO BRANCO.
Ao assumir o poder, o atual govêrno revelou claramente o carácter reacionário de sua política. Governadores e Prefeitos, eleitos pelo povo, foram substituídos arbitrariamente por militares ou seus prepostos. Nos sindicatos foi estabelecido o regime de intervenção ministerial. Estudantes e professores foram expulsos das universidades. Centenas de oficiais e sargentos viram-se reformados ou alijados sumariamente das Fôrças Armadas. E, com a cassação dos mandatos, o Parlamento transformou-se em simples chancelaria do Poder Executivo. A isto os golpistas denominaram de «limpeza da área».

Os expurgos em massa não são mais do que uma tentativa de eliminar da vida política os que defendem posições democráticas e antiimperialistas ou os que, desta ou daquela maneira, poderiam favorecer um curso democrático. Objetivam os autores do golpe, por êste meio, calar qualquer oposição à ditadura e se consolidar no poder. Simultâneamente, desencadearam uma onda de perseguições inomináveis, prenderam dezenas de milhares de pessoas, forjaram provocações e instauraram inquéritos policiais-militares. Têm em vista criar um ambiente de temor a fim de impedir as lutas pelas reivindicações dos trabalhadores, pela terra e contra o imperialismo.

No que se relaciona à política econômico-financeira, a linha adoptada é a do Fundo Monetário Internacional. Esta linha visa a combater a inflação, descarregando o pêso das dificuldades sôbre as massas, e freia o desenvolvimento econômico do país. Seguindo esta orientação, o govêrno aumentou consideravelmente as tarifas de serviço público, liquidou os subsídios na importação do petróleo e do trigo, elevou desbragadamente os impostos. Apesar disso, continua emitindo em ritmo acelerado. Como resultado, tornou-se insuportável a carestia de vida, cresceu o desemprego, começaram a escassear gêneros de primeira necessidade e ocorreu sensível queda nos negócios. Ao mesmo tempo, procura o govêrno evitar o aumento de salários, não só nas emprêsas estatais como nas de capital privado.

Em menos de quatro meses, o govêrno fêz grandes concessões aos imperialistas norte-americanos. Sob a pressão da ditadura militar, o Congresso aprovou, a toque-de-caixa, os acordos com os Estados Unidos para o estabelecimento de missões militar e naval no Brasil. Estes acôrdos encontravam-se na Câmara dos Deputados, desde 1958, praticamente arquivados. Suas cláusulas constituem atentado à soberania nacional. Por êste instrumento diplomático o govêrno fica obrigado a contratar unicamente técnicos militares ianques e as Fôrças Armadas são submetidas ao controle de oficiais estrangeiros. Igualmente, representa um atentado à soberania nacional a execução do convênio com o govêrno norte-americano que permite a United States Air Force (USAF) realizar levantamentos aerofotogramétricos de extensas e importantes regiões do país. Mais escandalosa ainda foi a revisão da lei de remessa de lucros imposta pela ditadura ao Congresso que, não há muito, tinha aprovado essa lei. Tal revisão teve o claro objectivo de favorecer a acção de rapina do capital norte-americano no Brasil. Os artigos da lei que favoreciam a economia nacional foram abolidos.

Quanto à política externa, o govêrno retornou à posição de total subserviência aos ditames do Departamento de Estado. Adotou a orientação humilhante que prevaleceu na época em que o sr. Raul Fernandes era ministro do Exterior do marechal Dutra, de alienação da soberania nacional. Esta subserviência foi bem caracterizada pela declaração do embaixador da ditadura em Washington, sr. Juracy Magalhães, de que «o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil». Desta forma, os interesses de uma potência estrangeira são colocados acima dos interesses do país. Fazendo eco das diretrizes internacionais da Administração Johnson, que se volta contra Cuba e contra a China Popular, a ditadura chefiada por Castelo Branco rompeu relações diplomáticas com o govêrno de Fidel Castro, baseado em razões espúrias e prende, de maneira arbitrária, sete membros da missão comercial chinesa, que aqui se encontrava com autorização governamental, e dois jornalistas da Agência de Notícias «Nova China», que exerciam legalmente suas funções.

Isto significa vergonhosa violação do Direito Internacional e descarada demonstração de servilismo aos Estados Unidos. Na OEA, a delegação brasileira, dirigida pelo sr. Leitão da Cunha, defendeu ardorosamente, com um sabujismo de provocar asco, as teses norte-americanas contra Cuba, em flagrante desrespeito à Carta das Nações Unidas. Contrariou a vontade de nosso povo que é amigo da Revolução Cubana e se manifesta a favor do princípio de autodeterminação. Além disso, colocando-se a serviço do salazarismo, a ditadura de Castelo Branco encarcerou quase uma dezena de angolanos e portugueses que se achavam regularmente no país. Os presos são submetidos a inúmeros vexames e estão sendo interrogados sob a supervisão de um agente da polícia política portuguesa (PIDE). Nas organizações internacionais, os delegados do governo colocam-se ao lado dos colonialistas portugueses contra os povos africanos que lutam por sua independência.

O grupo de militares acastelado no poder faz imenso alarde sobre a corrupção, que é apresentada como causa do subdesenvolvimento e de todas as dificuldades que a nação atravessa. Tenta, com isto, desviar a atenção do povo das verdadeiras causas do atraso do Brasil — a espoliação imperialista e o arcaico sistema do latifúndio. Evidentemente, a corrupção existe. É inerente à própria natureza do capitalismo. A burguesia, lutando para predominar como classe na sociedade e se afirmar no poder, utiliza a corrupção em ampla escala. Também a utiliza — e em grau muito mais elevado — o capitalismo norte-americano. A fim de manter férreo controle sobre o Brasil, os monopolistas ianques dispendem vultosas somas no suborno, direto e indireto, de grande número de pessoas em diferentes setores sociais. Todos se recordam do escândalo do IBAD que, com dinheiro dos trustes, financiou a campanha eleitoral dos que se comprometiam a defender a reação. Através da «Aliança para o Progresso», a embaixada norte-americana obtém a complacência de Governadores e Prefeitos, concedendo-lhes «ajuda» em dólares. Em geral, a grande imprensa, o rádio e a televisão recebem verdadeiros subsídios das empresas norte-americanas em troca da propaganda dos pontos-de-

-vista do imperialismo. O governo e organizações estadunidenses financiam viagens de estudantes e dirigentes sindicais à América do Norte, a fim de induzí-los a realizar trabalho divisionista e de provocação. Além do mais, importantes figuras da política nacional são subornadas através de negociatas, de manipulações de câmbio, de comissões nas compras oficiais, etc. A esta ação corrupta do imperialismo, a «revolução» fecha os olhos e nada diz.

A corrupção é, sem dúvida, uma chaga na sociedade. O povo tem conhecimento de que a fortuna de muitos políticos brasileiros foi conseguida através do roubo dos dinheiros públicos. Nos governos passados, a começar pelo de Dutra e a terminar pelo de Goulart, para apenas citar um período mais recente, a corrupção campeou. E continua a campear no atual governo. O proletariado e as forças progressistas não podem ser com ela coniventes. Mas sabem que a corrupção só terá fim quando eliminadas as causas que a engendram e que se encontram no próprio regime que vigora no país.

3 AS CONTRADIÇÕES NA ÁREA GOLPISTA. O governo Castelo Branco, pelos interesses que representa e pela política que realiza, situa-se em oposição à grande maioria do povo. Geralmente, as medidas que adota são dirigidas contra as massas. Os homens que estão no Poder perseguem, cheios de ódio, os trabalhadores e protegem os privilegiados. Em Pernambuco, dois sacerdotes denunciaram que, após a «revolução», os assalariados agrícolas foram privados do recebimento do repouso semanal remunerado, das férias e do décimo-terceiro mês de salário a que têm direito. O funcionalismo público perdeu a paridade de vencimentos com os militares, recebendo aumento muito inferior ao que estes obtiveram. O governo investe desabridamente contra a intelectualidade, que vem sendo punida por delito de opinião. Em poucos meses, a ditadura tornou-se execrada pelo povo. Mesmo setores da classe média que haviam, no início,

manifestado sua simpatia pelo golpe militar, hoje mostram seu descontentamento com a orientação governamental.

Diante da condenação geral, a ditadura procura manobrar. Em certa medida, atenua a repressão policial em alguns Estados, mantendo, no entanto, o ambiente de perseguições. Ao mesmo tempo, anuncia a realização de reformas. Com grande alvoroço, enviou ao Congresso mensagens sôbre a maioria absoluta nas eleições presidenciais, sôbre o voto ao analfabeto e a elegibilidade dos sargentos. O voto ao analfabeto, que se limitava aos pleitos municipais, foi recusado no Parlamento devido à falta de empenho do próprio govêrno. A aprovação da emenda sôbre a maioria absoluta teve em vista consagrar o princípio que impede, nas eleições presidenciais, escolher por maioria relativa políticos que, como Goulart, Jânio e outros, não inspiram confiança à reação e ao imperialismo. É, pois, uma medida antidemocrática. À sombra da maioria absoluta foi, sorrateiramente, assegurada a prorrogação do «mandato» do sr. Castelo Branco, adiando-se para mais tarde o incômodo problema das eleições. Promete também o govêrno remeter ao Congresso mensagem sôbre a reforma agrária. Trata-se de providências restritas que contam com o beneplácito do imperialismo norte-americano. Em reformas desta natureza estão interessados a grande burguesia e os monopólios ianques, desejosos de ampliar o mercado interno para a colocação dos produtos industriais de suas empresas. Esta orientação, aliás, foi expressa na Conferência de Punta del Este, cujo programa o govêrno Castelo Branco ensaia adotar.

Ao mesmo tempo, tentando evitar seu próprio isolamento, a ditadura visa a conseguir apoio das fôrças políticas que atuam no Congresso. Procura envolver, inclusive, partidos que foram atingidos pelo golpe, como por exemplo, o Partido Trabalhista Brasileiro. Neste sentido é obrigada a fazer concessões secundárias ao Parlamento.

O rumo adotado pelo govêrno, ainda que reacionário, vem gerando desacordos entre as próprias fôrças que participaram da quartela do primeiro de abril, muitas das quais se julgam frustradas. São claras já

as divergências dos elementos mais direitistas da União Democrática Nacional, representados por Carlos Lacerda, de alguns círculos mais extremados e de diversos setores políticos, em relação ao governo Castelo Branco. Lacerda pronuncia-se categoricamente contra qualquer reforma, em particular a que se refere ao problema da terra. Esta corrente considera que é necessário seguir a chamada «linha dura» do período imediato ao golpe. Em seu conceito, o governo Castelo Branco não atingiu suficientemente, com medidas drásticas, aqueles que denomina de inimigos da «revolução». O sr. Júlio de Mesquita Filho, diretor de «O Estado de S. Paulo», chega ao ponto de defender a dissolução do Congresso, já seriamente mutilado, e o afastamento definitivo do Partido Social Democrático e do Partido Trabalhista Brasileiro do cenário político. Opina que o governo saído do golpe não deve apegar-se a nenhum formalismo jurídico. Teme que qualquer formalismo desta natureza possa conduzir à desintegração das forças do golpe e à anulação de seus objetivos, receia que o governo não possa, dêste modo, conter a luta das massas descontentes com o congelamento dos salários, a carestia de vida e a política ditada pelo imperialismo norte-americano.

Criticando abertamente o atual governo, Carlos Lacerda busca reunir ao seu redor todos os inconformados da área golpista e iludir certos setores das massas, visando chegar ao Poder. No mesmo sentido da orientação lacerdista marcham oficiais de alta patente que participaram de maneira ativa do golpe mas que não conseguiram empolgar sua direção — embora continuem ocupando postos importantes nas Forças Armadas — alguns coronéis e uma parte da chamada jovem oficialidade. Nas regiões em que comandam, como foram os casos do general Carlos Luiz Guedes, em Minas, e do general Justino Alves Bastos, no Nordeste, aplicam sua própria linha repressiva. Estes militares, entre os quais se incluem Mourão Filho, Murici, Hélio Ibiapina e outros do mesmo jaez, não escondem sua discordância com certos aspectos da política do governo que lhes parecem pouco firmes. Por isso, pressionam para que seja intensificada a reação e, onde têm influência, praticam, por conta própria, toda sorte de arbitrarieda-

des que apresentam como fatos consumados. Articulam, também, novas conspirações. Neste terreno têm pontos de contacto com o Governador da Guanabara.

Ainda entre as forças que desencadearam o golpe, verificam-se algumas contradições com o Governador de São Paulo. Como já fizera com Juscelino Kubistchek e tenta fazer com Carlos Lacerda, o grupo da Sorbone objetiva anular as pretensões de Ademar de Barros à Presidência da República. Insistindo em sua candidatura, o Governador paulista aumenta a área de atrito com os militares no Poder. E para resistir às ameaças que êstes lhe fazem, empenha-se em obter apoio nas Forças Armadas.

As contradições na esfera golpista não são insuperáveis, podem ser resolvidas através de concessões mútuas, de acôrdos e compromissos. Podem também — o que é provável — se acirrar e degenerar em conflitos mais sérios. Seja, no entanto, qual fôr o rumo que tomem tais divergências, a solução será sempre contra as massas populares.

Encontra-se assim, o povo brasileiro, face a um govêrno imposto pelas baionetas. Acha-se diante de novas ameaças dos ultra-direitistas. Isto obriga as correntes políticas populares a examinar porque foi possível esta derrota, sem dúvida temporária, e a tirar dos fatos os ensinamentos que ajudem a enveredar pelo caminho que as leve realmente à vitória.

II

LIÇÕES E EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO E ANTIIMPERIALISTA

1 A INVIABILIDADE DO CAMINHO PACÍFICO.

Ao examinar as causas da derrota das forças populares, salta à vista que no movimento democrático e antiimperialista predominava a idéia de que a revolução no Brasil se faria através do caminho pacífico. Por meio de reformas sucessivas, nos marcos do regime vigente, seria possível realizar transformações profundas na estrutura econômico-social do país. O pensamento dominante consistia simplesmente em aperfeiçoar a máquina estatal, colocando-se nos diferentes postos-chave da administração pública homens considerados nacionalistas. João Goulart confiava poder levar a cabo algumas reformas e manter-se na presidência apoiado no movimento sindical e nos comandos militares mais importantes.

Os acontecimentos de março-abril vieram demonstrar o quanto era ilusória a orientação do caminho pacífico. É inegável que o movimento democrático e antiimperialista dispunha de bastante força. Contava com os sindicatos, com as organizações estudantis, possuía apoio no campo e regular influência nas corporações militares. Contudo, não foi capaz de organizar a luta para enfrentar os golpistas. Imbuído de uma concepção pacífica, revelou completa falta de iniciativa para

defender os interesses do povo. Hoje, quando as liberdades foram anuladas e sucedem-se as mais odiosas perseguições, não é difícil compreender o quanto foi criminosa a linha da transição pacífica. Os trabalhadores, os estudantes, os intelectuais indagam porque não se resistiu ao golpe quando se tinha tão fortes posições. Os responsáveis principais são os que pregavam aquela orientação. Tivesse prevalecido a linha revolucionária, outro teria sido o curso dos acontecimentos.

Seria desejável uma solução pacífica para os problemas nacionais, que o povo, através de processos constitucionais, conseguisse tomar os destinos do país em suas mãos. Entretanto, as classes dominantes e o imperialismo norte-americano tornam inviável essa solução. Na defesa dos seus mesquinhos interesses e seus ignóbeis privilégios, mantém um controle inflexível da máquina do Estado, que é fundamentalmente utilizada para reprimir quaisquer tentativas das massas populares de restringir e abolir a espoliação estrangeira e as injustiças sociais, assim como de participar mais activamente da vida política do país.

O principal instrumento de repressão do Estado das classes dominantes é o Exército. Em toda a história do Brasil, desde a independência, o Exército tem sido chamado para sufocar os anseios e as lutas de caráter popular e para defender a pequena minoria exploradora que domina o país. É conhecido o papel desempenhado pelo Exército na época do Império, no esmagamento das insurreições populares. Na República, exceto em curtos períodos, tem predominado uma ditadura militar, aberta ou disfarçada, que a serviço das forças reacionárias, intervém nos Estados da Federação e não respeita as próprias leis vigentes quando estas favorecem, em certa medida, as correntes democráticas. Nas últimas três décadas, as Forças Armadas, como sustentáculo do regime vigente, interferiram mais repetidamente na vida política do país para impedir que o povo manifestasse sua vontade. Em 1936, os chefes militares patrocinaram a decretação do estado de guerra sem que o país estivesse em guerra e, em 1937, em plena campanha pela sucessão presidencial, dissolveram o Parlamento e instauraram, sob a direção

de Getúlio Vargas, o Estado Novo. Durante quase oito anos, liquidaram as liberdades, prenderam milhares de patriotas, torturaram e assassinaram inúmeros combatentes antifascistas. Quando, em 1945, sob a influência da derrota do nazismo e sob a pressão popular, Vargas favoreceu o retorno de determinadas liberdades, as Forças Armadas mais uma vez fizeram sentir brutalmente sua presença, depuseram o governo e criaram uma situação tal que para a presidência da República foi conduzido o antigo ministro da Guerra do Estado Novo. Anos mais tarde, em 1954, o Presidente Vargas, que havia tomado algumas medidas contrárias aos interesses dos monopólios estrangeiros, foi novamente destituído pelos militares e por estes levado ao suicídio. São ainda os generais reacionários que, em 1961, forçaram a renúncia de Jânio Quadros, por haver iniciado uma política exterior de relativa independência. É permanente a atividade antidemocrática dos altos escalões das Forças Armadas. Pressionam constantemente os governos para que adotem medidas contra o movimento popular. De um modo geral, os elementos mais destacados da casta militar reacionária estão ligados ao Pentágono.

Agora, a oficilidade retrógada não somente depôs o governo como se apoderou da máquina governamental, inclusive da presidência da República. Guindou despoticamente generais, coronéis e seus apaniguados aos postos de Governadores de alguns Estados e de Perfeitos de muitas cidades. Anunciou que o Congresso continuaria funcionando como simples concessão do «comando revolucionário». Intitulou-se a fonte de todo o Poder. É certo que nas Forças Armadas surgem elementos de formação democrática e progressista. Mas não são estes os que dominam a máquina militar. Periódicamente tais elementos são postos na reserva ou expulsos, como atualmente acontece. As Forças Armadas são instituições a serviço das classes reacionárias e do imperialismo norteamericano, voltadas essencialmente contra o povo. Mesmo um general tido como democrata e nacionalista, chefe da Casa Militar do governo Goulart, em seu depoimento no inquérito policial-militar, não fugiu à sua condição de classe. Afirmou que ao ser consultado por um co-

mando do Exército sobre a conduta a tomar face à posição dos marinheiros que, nas ruas, reclamavam seus direitos, respondeu prontamente que se fizesse «fogo». Mas quando o comandante do I Exército lhe comunicou que não atiraria contra cadetes da Academia das Agulhas Negras, sublevados contra o governo, declarou estar plenamente de acordo com esta atitude, pois, segundo ele, seria um crime derramar o sangue da juventude militar.

Em tais condições, como admitir o caminho pacífico? Os acontecimentos desse último período são bastante educativos. Mostram que por mais amplitude que adquira o movimento popular e por mais posições que detenha, se não contar com meios para enfrentar a violência das classes dominantes, acabará sendo batido. Sem desbaratar a máquina do Estado reacionário e derrotar o seu instrumento principal de coerção, as Forças Armadas, o povo brasileiro não poderá libertar-se da opressão e do atraso, nem da dependência ao estrangeiro. Todas as tentativas que o povo tem feito para usufruir de verdadeira liberdade e para conquistar um regime mais humano e justo, utilizando outros caminhos, têm sido em vão. As armas dos dominadores esmagam sempre os anseios populares.

A idéia de que o povo brasileiro necessita responder à repressão armada dos reacionários internos e dos imperialistas ianques com a luta armada, de que precisa estar preparado para isto, é hoje a questão básica que deve nortear o pensamento e a acção de todos os verdadeiros revolucionários.

2 O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO, PRINCIPAL INIMIGO DO NOSSO POVO. A subestimação da actividade do imperialismo dos Estados Unidos no Brasil e de seus planos de guerra e de domínio mundial, constituiu um dos principais motivos do insucesso das forças democráticas e antiimperialistas.

Os monopolistas ianques, desde há muito, se transformaram no gendarme da reacção no mundo inteiro. Particularmente neste último período, tem-se intensificado sua acção agressiva contra o movimento de libertação nacional. Em toda a parte, procuram liquidar as

liberdades e esmagar os movimentos progressistas. Atiram-se ferozmente contra os povos da antiga Indochina, interferem criminosamente no Congo e tentam estrangular Cuba.

Os fatos mais recentes da história do Brasil mostram que os monopolistas ianques têm sido elemento decisivo na consumação dos golpes militares que, num curto período, já depuseram quatro presidentes da República. Quando os governos das classes dominantes não reprimem suficientemente o movimento popular e patriótico, os espoliadores ianques tratam de derubá-los. Contam para isso com fortes posições no país. A começar pela influência direta que exercem nas Forças Armadas. Dispõem de vasta rede de agentes, entre os quais se encontram governadores, ministros e parlamentares. Subornam a chamada grande imprensa, o rádio e a televisão.

É sabido que, particularmente depois de 13 de março, os monopolistas dos Estados Unidos puseram em funcionamento, a pleno vapor, toda a sua máquina para derrubar o sr. Goulart. Às vésperas do golpe, os maiores jornais do país, em editoriais que pareciam escritos por uma só pessoa, reclamavam a destituição do governo. Era visível, nesses editoriais, o dedo da embaixada norte-americana. A interferência das missões militares ianques no Brasil se fez sentir junto aos chefes golpistas. Revelando a estreita ligação dos promotores do golpe com oficiais daquelas missões, o almirante Ernesto de Mello Batista, ao assumir a pasta da Marinha do atual governo, declarou que iria dirigir seu ministério contando especialmente com a cooperação do almirante Edward Colestock, chefe da missão naval americana.

Dinheiro ianque correu largamente para estimular e ajudar os que conspiravam. Os Governadores comprometidos com o complô, como Carlos Lacerda, recebiam milhões de dólares da Administração Johnson. Isto foi dito com o maior descaramento pelo sr. Thomas Mann. O subsecretário de Estado para Assuntos Inter-americanos declarou, em uma comissão de Câmara de Representantes de seu país, que «os Estados Unidos distribuíram entre Governadores eficientes de certos Estados brasileiros a ajuda que seria destinada ao go-

vêrno Goulart» e aduziu que «Washington não deu nenhum dinheiro para o balanço de pagamentos ou para o orçamento federal, porque isto poderia beneficiar diretamente o governo central». Conivente com o golpe, a Casa Branca, mal havia sido deposto João Goulart, apressou-se em reconhecer o governo ilegal surgido de um pronunciamento militar. Atestando a intervenção norte-americana em assuntos internos do Brasil, Dean Rusk afirmou que o marechal Castelo Branco «está dando os passos necessários para colocar ordem no país» que, segundo o secretário de Estado, se encontrava, na administração anterior, «em extremo caos».

Comprova-se mais uma vez que o imperialismo norte-americano é o principal inimigo do povo brasileiro. Está aliado às forças reacionárias internas que lhe servem de sustentáculo na espoliação do país e na opressão do seu povo. Estas forças, por sua vez, encontram no imperialismo ianque um valioso apoio para defender seus privilégios. Quando se trata de combater o movimento democrático e antiimperialista, os monopólios dos Estados Unidos e a reação interna formam um bloco unido. O povo brasileiro não poderá conquistar uma autêntica democracia nem se livrar da exploração do capital norte-americano sem desfazer o bloco do imperialismo ianque com os reacionários internos e sem destroçar a máquina de dominação montada no Brasil pelos miliardários estadunidenses.

As forças populares, na luta em que estão empenhadas pela emancipação e o progresso do país, não podem subestimar, no mínimo que seja, a ação repressiva dos neocolonialistas ianques. É errôneo alimentar ilusões de que possa haver coexistência pacífica entre o movimento democrático de libertação nacional e a dominação imperialista no país. Mesmo governos das classes dominantes, como o de Jânio Quadros e o de João Goulart, quando adotam algumas medidas que contrariam os interesses norte-americanos e permitem certo clima de liberdade, o imperialismo ianque não tem a menor vacilação em derrubá-los. Não é difícil prever do que êle será capaz quando o nosso povo erguer bem alto a bandeira da luta antiimperialista. O ponto de vista de que há um grupo de monopolistas ianques menos agressivo e espoliador do que outro é com-

pletamente falso. No que se refere à América Latina, a experiência mostra que, um e outro grupo, seja este representado por Eisenhower e aquele por Kennedy ou Johnson, interferem brutalmente nos negócios internos dos países deste hemisfério, mudam governantes, impõem a orientação econômico-financeira que lhes convém, prosseguem na impiedosa exploração das massas populares.

A luta sem tréguas contra o imperialismo norte-americano precisa ser, portanto, a tarefa primordial de todos os brasileiros que almejam a pátria livre e próspera. É preciso manter constante vigilância para não se deixar surpreender pelos manejos e conspirações dos monopolistas ianques. Ao levantar firmemente a bandeira da emancipação nacional, nosso povo não estará só. Une-se a todos os povos do mundo que lutam pela independência de seus países e pela paz.

3 A DIRECÇÃO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO E ANTIIMPERIALISTA. Os acontecimentos de primeiro de abril trazem também outro valioso ensinamento. Está relacionado com a direcção do movimento democrático e antiimperialista.

Quem exerceu a direcção dêsse movimento no período do governo Goulart? Evidentemente, não foi a classe operária. Nem mesmo a pequena burguesia. Sem dúvida, muitas eram as correntes políticas, expressando diferentes setores sociais, que integravam aquele movimento, cada uma das quais defendendo suas soluções. O proletariado revolucionário estava representado pelo nosso Partido que, no entanto, devido a uma série de fatores, não dispunha de suficiente influência sobre as massas para que estas seguissem uma orientação conseqüente. Inúmeros grupos de esquerda, com posições radicais, traduziam as aspirações de setores da pequena burguesia e pouco puderam influir no curso dos acontecimentos. O deputado Leonel Brizola, cuja corrente exprimia os interesses da parte mais radical da burguesia nacional, embora disfrutasse de regular prestígio no seio do povo, não era a força hegemônica. Predominou, no fundamental, a direcção da

burguesia reformista, representada pela corrente liderada por Goulart. Para realizar esta direção, lhe foi da maior valia o apoio que recebeu do Partido Comunista Brasileiro. Êste partido, ao renunciar ao marxismo-leninismo e ao adotar uma orientação tipicamente reformista, colocou-se a reboque da burguesia e atuou no sentido de que os movimentos sindical, camponês e estudantil ficassem sob a hegemonia da burguesia. O Governador Miguel Arraes, que pode ser considerado um dos expoentes da burguesia nacional-reformista, tinha a direção das massas em Pernambuco.

O movimento democrático e antiimperialista, que alcançou naquele período uma grande amplitude, sofreu uma derrota, não pôde atingir seus objectivos. A isto conduziu a direção da burguesia nacional-reformista. Ainda que esta esteja chamada a participar da luta antiimperialista e antilatifundiária e possa vir a integrar a frente única das forças sociais interessadas na vitória da revolução, na presente etapa, não pode ser o dirigente da luta democrática e nacional-libertadora. A burguesia, ao mesmo tempo que se opõe, em certa medida, ao latifúndio e ao imperialismo, teme cada vez mais a radicalização da luta contra êstes obstáculos ao progresso do país. Quer solucionar os problemas cruciais da nação, gradativamente, através das reformas, sem romper inteiramente com o imperialismo e o latifúndio. A direção de Goulart expressava com bastante nitidez êste carácter dúplice da burguesia. Tôda sua política revelava a vã tentativa de conciliar os interesses nacionais com a dominação dos monopólios norte-americanos e com a manutenção do atual sistema de propriedade da terra.

Durante todo o seu govêrno, Goulart teve como preocupação constante evitar que as massas se encaminhassem no sentido revolucionário. Com êste objectivo procurou colocar sob seu contrôle o movimento sindical, tudo fazendo para impedir que os sindicatos seguissem um caminho independente e subordinando-os aos interesses de sua política. Ainda que o movimento sindical houvesse se desenvolvido em extensão e dirigido numerosas lutas, tinha muito de organização de cúpula e não estava em condições de enfrentar de maneira enérgica os reaccionários. No campo, Goulart pro-

curou também canalizar o movimento camponês, que surgia com grande ímpeto, para o terreno reformista e quebrar a sua combatividade. A acção dos estudantes, que no passado sempre se destacou, perdeu muito de suas características combativas. O reformismo impregnou-se de tal forma na direcção dos movimentos de massas que sua atuação tinha um conteúdo defensivo e conciliador.

A linha de conciliação de Goulart transformou-se em capitulação quando os golpistas recorreram às armas. Naquela ocasião, Goulart não apelou para as massas a fim de defender a legalidade e ordenou aos militares que lhe eram fiéis a não opor qualquer resistência armada. Preferiu abandonar o governo a ter de enfrentar uma guerra civil que poderia, com a ampla participação do povo, transformar-se num movimento revolucionário de grande envergadura. A direcção do movimento democrático e antiimperialista pela burguesia reformista — coadjuvada pelo seu apêndice, o Partido Comunista Brasileiro — conduziu, assim, à entrega sem luta das posições conquistadas, deixando as massas à mercê dos inimigos.

A vida comprovou, novamente, que o movimento democrático e antiimperialista somente poderá alcançar completo êxito se à sua frente estiver uma vanguarda revolucionária que seja a expressão política da classe mais avançada da sociedade, o proletariado. Somente conseguirá a vitória se adoptar uma orientação revolucionária e não reformista. Somente terá sucesso se unir em ampla frente única todas as forças que se opõem ao imperialismo norte-americano e aos seus sustentáculos no país. Somente poderá triunfar se estiver preparado, política e ideologicamente, para fazer frente à violência do imperialismo e da reação interna, com a luta mais enérgica e decidida, recorrendo, inclusive, à violência revolucionária das massas.

4 A QUESTÃO CAMPONESA É O PROBLEMA CHAVE DA REVOLUÇÃO. O menosprezo pelo movimento camponês, como principal base de apoio das forças revolucionárias, constituiu, também, um dos motivos do retrocesso do primeiro de abril.

É inegável que, nestes últimos anos, surgiu no Brasil um movimento camponês de certa envergadura. Uma de suas características foi o seu elevado espírito de luta. Resistindo à prepotência dos latifundiários, os camponeses lançaram-se corajosamente à conquista da terra. Recorreram às mais variadas formas de organização para a defesa de seus direitos. Levantaram a reivindicação da reforma agrária radical que repercutiu em todo o país e se tornou um reclamo nacional. No entanto, êsse movimento não mereceu a devida atenção. As ações políticas se travaram fundamentalmente nas cidades. A frente única era vista mais em função da aliança do proletariado com a pequena burguesia e com a burguesia nacional do que com os trabalhadores do campo.

Ficou evidente, com os acontecimentos de março-abril, que o movimento democrático e antiimperialista, sem contar com um sólido apoio no campo, é bastante vulnerável e pode ser facilmente liquidado pela reação. Esta se concentra nas cidades, onde possui amplos recursos repressivos. Embora se deva dar bastante atenção às lutas nas cidades, porque aí se encontram as grandes massas de operários, de estudantes e a intelectualidade, o trabalho no campo deve constituir uma preocupação central. A aliança dos operários e camponeses é o alicerce sobre o qual deve ser erigida a frente única democrática e antiimperialista.

Quem desejar a revolução deve, hoje, fazer trabalho no campo. É no interior que vive a maioria da população. As condições de vida dessa maioria de brasileiros são as piores possíveis. Não gozam de mínimos direitos. Trabalham sob regime de feroz exploração. São, potencialmente, uma grande força revolucionária, que começa a despertar. Além disso, as circunstâncias em que se verificam as lutas no campo, são mais favoráveis às forças revolucionárias. A reação não pode concentrar-se em toda a parte e o terreno, que é bem conhecido pelos camponeses, em geral, é desconhecido para ela. Se bem dirigidas, as lutas no interior podem não só subsistir, como ampliar-se e transformar-se em choques de grandes proporções.

É necessário, pois, empenhar-se ao máximo para organizar e desenvolver o movimento camponês. Tendo

em vista que a luta de libertação nacional será dura e prolongada e se travará fundamentalmente no interior do país, é fácil compreender a importância que assume o trabalho no campo. Segundo tudo indica, no campo é onde surgirão os primeiros focos de resistência aos inimigos de nosso povo. Pode-se afirmar que a questão camponesa é o problema chave da Revolução Brasileira.

5 O CARÁTER AMPLO DA FRENTE ÚNICA DEMOCRÁTICA E ANTIIMPERIALISTA. É justo assinalar, igualmente, como ensinamento precioso, o carácter bastante amplo que atingiu o movimento democrático e de emancipação nacional.

A própria reação, sem o desejar, encarregou-se de revelar esta amplitude. As medidas punitivas da ditadura alcançaram desde sargentos e marinheiros até oficiais gerais, desde estudantes até professores universitários e cientistas, desde padres e freiras até bispos, desde advogados e juizes até desembargadores, desde vereadores até prefeitos e governadores, desde «bar-nabés» até chefes de serviço e diplomatas, desde operários e camponeses até industriais. Em quase todos os partidos políticos surgiram setores avançados. Nos meios católicos formou-se um movimento vigoroso que pugnava por idéias renovadoras. Tudo isto testemunha o quanto se fortaleceu o sentimento nacional e quão numerosas são as forças que podem ser aglutinadas na luta para liquidar as causas do atraso do país.

Tôdas as forças, que apresentam diferentes níveis de consciência e de organização, precisam unir-se em ampla frente única para levar a cabo a tarefa histórica que se coloca diante da Nação. Esta tarefa é essencialmente nacional e democrática. Tem por fim terminar no país com o domínio do imperialismo norte-americano e com o sistema do latifúndio. Visa à instauração de um governo representativo dessa ampla frente única, que abarca desde os operários e camponeses até a burguesia nacional, um governo que, por isso, será autenticamente democrático. A amplitude da frente única é condição indispensável da vitória da revolução,

uma vez que são fortes os inimigos a derrotar. Para vencê-los é imprescindível unificar os patriotas, a todos os que não se conformam com a submissão do país ao estrangeiro e com o atraso em que o povo vegeta. Esta união é plenamente realizável.

O imperialismo norte-americano e a reação interna, compreendendo o alcance da união da imensa maioria dos brasileiros, tudo fazem para impedi-la. Recorrem para isso aos mais imundos ardis. Servem-se despudoradamente do anticomunismo. Valem-se dos preconceitos em relação ao comunismo, ainda existentes, que resultam de uma propaganda torpe e mentirosa e que só terminarão completamente quando o povo gozar de efetiva liberdade e puder ser esclarecido. Tentam fazer crer que as lutas populares e patrióticas têm cunho comunista. Precisamente, a tática do anticomunismo foi utilizada em larga escala pelos golpistas para derrubar Goulart. A política do governo era representada falsamente como destinada a favorecer a implantação de um regime comunista. Assim, conseguiram enganar alguns setores da população.

Por outro lado, entravam a frente única e facilitam a divisão das forças que podem e devem ser unidas, os que identificam a revolução democrática com a revolução socialista. Nas condições atuais, postular o objetivo socialista será afastar de plano a burguesia nacional. Não restam dúvidas que o futuro do Brasil é o socialismo. Mas o caminho para o socialismo passa, indiscutivelmente, como a vida está mostrando, pela revolução democrática e antiimperialista. Os que pretendem dar uma feição socialista à revolução em sua presente etapa, como fazem os grupos trotsquistes, ajudam os imperialistas e a reação interna.

Se os últimos acontecimentos vieram mostrar com bastante clareza a grande extensão que pode adquirir a frente única, revelaram também que esta, para cumprir a sua missão, não deve restringir sua atividade à conquista de pequenas reformas, nos quadros do atual regime. A frente única, para realizar suas finalidades, ao mesmo tempo que luta pelas reivindicações parciais, não perde nunca de vista que é, fundamentalmente, um instrumento de ação revolucionária e que sua meta é a liquidação do domínio do imperialismo

norte-americano é a extirpação do latifúndio. Justamente, a principal debilidade das amplas forças que atuaram nas áreas populares, no período do governo Goulart, residia no aspecto profundamente reformista de suas lutas, nas ilusões que alimentavam de solucionar os problemas brasileiros nos limites do regime imperante no país. É indispensável imprimir à ação das forças democráticas e antiimperialistas um sentido revolucionário e combater sistematicamente a concepção de que é possível, sem destruir o poder das classes dominantes, realizar as mudanças que o desenvolvimento da sociedade brasileira tornou inadiáveis.

A quase totalidade da população se opõe à espoliação estrangeira. Unicamente um reduzido número de latifundiários, uma parte da grande burguesia e os agentes do capital financeiro ianque defendem o imperialismo norte-americano. Há, portanto, imensas possibilidades de unir, em ampla frente única, a esmagadora maioria do povo para derrotar os reacionários e os monopolistas dos Estados Unidos.

Estas lições e experiências, extraídas dos acontecimentos que culminaram com o golpe militar do primeiro de abril, são de grande valor para prosseguir com êxito na luta emancipadora. Indicam o verdadeiro caminho da Revolução Brasileira. Se as forças de vanguarda e o povo souberem aprender com os reveses, tornar-se-ão mais fortes e invencíveis.

III

A VITALIDADE DO MARXISMO-LENINISMO

1 O FRACASSO DO REVISIONISMO. O golpe do primeiro de abril serviu também para aferir as posições e o comportamento das duas correntes do movimento operário representadas pelo Partido Comunista do Brasil e pelo Partido Comunista Brasileiro.

Na orientação e na atividade de cada uma dessas organizações se exprimem as duas linhas que se conflitam no movimento comunista mundial — a linha marxista-leninista, defendida pelo Partido Comunista da China e por outros partidos revolucionários e a linha revisionista de Kruschov e seus seguidores. Neste terreno, os fatos ocorridos no Brasil são uma demonstração do completo fracasso da orientação revisionista e uma cabal comprovação das teses do marxismo-leninismo.

Os revisionistas brasileiros, liderados por Luiz Carlos Prestes, desde 1958 elaboraram, apoiados nas teses do XX Congresso do PCUS, toda uma política reformista. Em 1960, no V Congresso do Partido, a sistematizaram. Negando os princípios do marxismo-leninismo, afirmaram que o Estado brasileiro encontrava-se em processo de democratização crescente, que o Exército era democrático, diferente, nesta questão, dos demais exércitos da América Latina, e que a magistratura começava também a democratizar-se. Asse-

veraram que as profundas mudanças que o Brasil necessita em sua estrutura econômica-social seriam realizadas nos marcos do atual regime, através de sucessivos governos progressistas-burgueses. A acumulação de reformas conduziria à libertação do país, à revolução pacífica. Para os revisionistas, a burguesia vem dirigindo o curso da revolução desde 1930 e poderia levá-lo até o fim. Partindo da premissa de que, no plano mundial, a correlação de forças tornou-se favorável ao socialismo, concluíram que a revolução no Brasil se desenvolveria por um caminho não violento.

Sob o pretexto de obter o registro legal de seu Partido, em 1961, os revisionistas mudaram o nome da organização partidária, retiraram dos Estatutos a declaração de que o partido se orientava pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, apresentaram um programa totalmente reformista. Desta forma, criaram um novo partido e cindiram o movimento comunista.

Em sua atividade prática, os revisionistas limitavam a luta antiimperialista àquilo que convinha tão-somente à burguesia e aceitavam a tese do PCUS da existência de um setor democrático no imperialismo norte-americano, que seria partidário da paz. Chegaram ao ponto de, durante o governo Goulart, em especial nos últimos meses, considerar o chefe do PTB como seu principal aliado. Segundo declarou Prestes, mais de uma vez, Goulart tinha condições para dirigir a revolução. Em várias oportunidades, o dirigente revisionista afirmou que o governo poderia realizar, se quisesse, as reformas de base, apoiado no seu dispositivo militar. É certo que a corrente dirigida por Prestes reclamava, insistentemente, que deixasse de conciliar. Na realidade, porém, Goulart não poderia fazê-lo porque a política da conciliação é inerente às forças sociais que ele representava. Clamando contra a conciliação, ninguém mais que o PC Brasileiro ajudou o chefe do PTB a conciliar. Os revisionistas acusavam de «esquerdistas» as correntes revolucionárias, tinham a opinião de que o deputado Leonel Brizola era excessivamente radical e a ele faziam grandes restrições.

Após o comício presidencial de 13 de março, na Guanabara, os revisionistas proclamaram, em seu

jornal e em palestras públicas, que a reação havia sofrido pesado revés e não estava mais em condições de impor um retrocesso político ao país.

Daí, a primeiro de abril, os dirigentes revisionistas sofreram uma decepção. Seus planos e suas teses foram reduzidos a nada. O «exército democrático» resolveu entrar em ação. Acionado pelo Pentágono e pela reação interna depôs o governo e instaurou uma ditadura militar. Confirmou-se a justeza da teoria marxista-leninista. O Estado e seu principal instrumento de repressão contra as massas — as forças armadas — cumpriram as suas funções coercitivas. A máquina estatal dos reacionários jamais se poderia colocar a favor do povo ou mesmo ficar neutra diante do ascenso das lutas populares que ocorria no país. Ela está adaptada à defesa dos interesses da grande burguesia e dos latifundiários. Quando surgem algumas brechas no aparelho do Estado, as classes dominantes tratam de fechá-las, realizando expurgos, ou aplicando leis discriminatórias. É o que está se verificando atualmente no país.

A tese revisionista, defendida pelo PC Brasileiro, da revolução pelas reformas, redundou em completo malôgro. Os militares golpistas, ao galgar o Poder, acabaram com as liberdades, voltaram-se contra o povo e deram seu apoio aberto ao imperialismo ianque. Mas, por estranha ironia, desfraldaram o estandarte que Goulart empunhava com tanto ardor. Isto vem demonstrar que as reformas, como objetivo em si, não são uma bandeira de revolucionários, mas sim dos que pretendem impedir o avanço da revolução. Um governo tão antipopular como o de Castelo Branco, aceitando com as reformas, tenta fortalecer o atual regime e debilitar o movimento democrático e antiimperialista. É verdade que os marxistas-leninistas, lutando por um novo Poder, não se opõem às reformas. Estas são por eles encaradas como meio de mobilizar e esclarecer as massas, de ganhá-las para as posições revolucionárias. Seu objetivo, no entanto, é a revolução.

As manobras e concessões feitas pelos revisionistas, pensando enganar a reação para obter o registro eleitoral do seu partido, não surtiram nenhum efeito. O Tribunal conservou o pedido de registro em suas mãos

durante quase dois anos sem dar qualquer solução. Advindo o golpe, as forças reacionárias utilizaram as dezenas de milhares de assinaturas que instruíam o processo para perseguir os eleitores que subscreveram aquele pedido.

A linha revisionista do PC Brasileiro impediu que os sindicatos se enraizassem no seio das massas, freiou o desenvolvimento das ações combativas das organizações populares e desarmou os trabalhadores. Esta linha oportunista é responsável, em grande parte, pelos insucessos do movimento democrático e antiimperialista.

O fracasso dessa linha provocou grande descontentamento entre muitos comunistas honestos que militam nas fileiras daquele partido. Estes militantes começam a procurar as causas que determinaram a derrota do movimento popular. Embora não vejam ainda que o erro essencial é proveniente da linha política, passaram a criticar as posições que vinham sendo defendidas pela direção do PC Brasileiro.

Preocupados com essa situação, Prestes e seus seguidores ensaiam, agora, pretensa autocrítica para justificar sua traição ao povo. Depois de pregar, convicta e exaustivamente, a via pacífica e de iludir as massas com suas panacéias reformistas, a direção do PC Brasileiro afirma que a sua orientação previa também o caminho não-pacífico, faltando apenas uma preparação adequada para cumprir esta diretriz. Trata-se de mais um embuste. Do começo ao fim, a sua linha era baseada na solução não-violenta. A vaga referência em seus documentos da possibilidade de uma saída não-pacífica visava simplesmente embair os militantes mais combativos de sua organização. Embora os revisionistas reconheçam que seu partido esteve realmente a reboque da burguesia, continuam afirmando que era correta a linha direitista aprovada no V Congresso. Mantêm a mesma orientação antimarxista e intentam continuar enganando as massas populares. Os comunistas honestos dêsse partido acabarão, porém, por repudiar o revisionismo e por voltar-se para o marxismo-leninismo.

2 A LINHA REVOLUCIONÁRIA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Foi comprovada pela prática a orientação política do Partido Comunista do Brasil, reorganizado em Fevereiro de 1962. Os marxistas-leninistas revolucionários viram ratificadas as teses que defendem.

Em seu programa, aprovado naquela data, sustentavam ser impossível resolver os problemas cruciais da Nação sem mudar o atual regime, uma vez que este é fundamentalmente contra o povo. Afirmavam com ênfase, que as classes dominantes tornavam inviável o caminho pacífico da revolução e que o povo devia trilhar o caminho revolucionário. Indicavam ainda a necessidade de forjar uma ampla frente única de todas as forças que se opõem ao imperialismo norte-americano e ao latifúndio. Na sua atividade política, o PC do Brasil se batia por uma posição independente do movimento de massas em face do governo e condenava as atitudes seguidistas. Conclamava os trabalhadores e o povo a confiar em suas próprias forças e se preparar para fazer frente à violência das classes dominantes, viesse de onde viesse. Jamais alimentou ilusões no chamado dispositivo militar do governo. Dizia que sob a liderança de Goulart, o movimento democrático e antiimperialista só poderia ser derrotado. Ainda que Goulart tivesse defendido algumas posições progressistas e que, em certa medida, marchasse com as massas populares, por sua condição de classe, não poderia dirigir com êxito aquele movimento. O PC do Brasil combateu intransigentemente o oportunismo e sempre persistiu nas posições revolucionárias.

Os fatos demonstram que o PC do Brasil foi a corrente política que melhor delineou uma orientação e uma perspectiva corretas para a situação brasileira. Por este motivo, os comunistas revolucionários sentem-se estimulados a prosseguir com mais decisão no caminho pelo qual enveredaram. A análise e as soluções apresentadas em seu programa são, hoje, inteiramente válidas.

Infelizmente, o PC do Brasil não dispunha de suficiente influência entre as massas para levá-las a interferir de maneira adequada nos acontecimentos. Ainda que tenha conseguido notável crescimento, tanto

numérico como na ligação com as massas, o Partido era uma organização pequena para a envergadura das tarefas que tinha a realizar. Isto resultou de uma série de dificuldades inerentes ao próprio processo de sua reorganização. Nêle também se manifestaram tendências sectárias. Estas consistiram em certa fuga ao trabalho nas organizações de massas, particularmente no movimento sindical, em não dar a atenção necessária ao contato mais estreito com as correntes políticas democráticas em alguns exagêros no combate ao que havia de errôneo na política do senhor João Goulart. Estas tendências, sem dúvida, obstaculizaram a maior participação do Partido no movimento democrático e antiimperialista e não permitiram que exercesse uma influência mais positiva nesse movimento.

Em que pese a brutalidade da reação, que também atingiu suas fileiras e suprimiu seu órgão legal de imprensa, o PC do Brasil, graças à sua orientação, não ficou perplexo e pôde resguardar a maior parte de suas fôrças. Seus militantes saíram mais convencidos da necessidade de construir um grande partido, capaz de cumprir sua missão.

3 FORJAR A VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA
O confronto entre a linha revisionista do PC Brasileiro e a linha marxista-leninista do PC do Brasil, que até então era feito principalmente no plano teórico, agora foi realizado no crisol da prática.

Nesta prova decisiva, ficou evidente a vitalidade e a sabedoria da grande doutrina revolucionária do proletariado e a fragilidade e a indigência do revisionismo, por mais que se enfeite com os atavios dos êxitos momentâneos. O revisionismo foi duramente abalado.

Isto pode ajudar os revolucionários do nosso país ainda iludidos pela linha originada do XX Congresso do PCUS a reencontrar o caminho do marxismo-leninismo e a se afastar do oportunismo. A êstes elementos, que não só almejam a revolução como sentem necessidade de por ela lutar, o PC do Brasil tem suas portas abertas. Além do mais, está sempre pronto a

discutir fraternalmente as questões da unidade do movimento comunista com todos os marxistas-leninistas.

O Partido Comunista do Brasil, embora no momento presente não seja uma organização poderosa, está chamado a desempenhar um destacado papel na condução da luta emancipadora do povo brasileiro. Pela clareza de seus objetivos, pela justeza de seu programa, pela doutrina em que se baseia, pela política que realiza e, enfim, por expressar os interesses do proletariado revolucionário, é a força que tem condições, no cenário político brasileiro, de vir a ocupar o posto de vanguarda da revolução.

A fim de atingir êste objetivo é necessário realizar um grande esforço para ampliar suas fileiras e estabelecer profundas ligações com as massas. O PC do Brasil deve reunir em seu seio os melhores filhos da classe operária, os mais combativos trabalhadores do campo, jovens estudantes, homens e mulheres do povo, dispostos a todos os sacrifícios para redimir a pátria da opressão estrangeira e, no futuro, construir o socialismo. Forjar esta vanguarda é uma exigência impostergável do desenvolvimento histórico de nosso país.

A construção de uma forte vanguarda revolucionária está estreitamente ligada a uma intensa atividade ideológica. Esta deve se desenvolver, basicamente, no combate às teorias dos revisionistas contemporâneos que se dizendo, com o maior farisaísmo, marxistas-leninistas, ajudam os imperialistas e os reacionários a enganar as massas. O partido da revolução é incompatível com o revisionismo bem como com o dogmatismo. A luta ideológica contra estas tendências estranhas ao movimento operário deve ser permanente.

IV

A LUTA CONTRA A DITADURA

1 FIRME OPOSIÇÃO AO GOVERNO CASTELO BRANCO. O govêrno atual ostenta fôrça e blasona prestígio. Dispõe das armas e do aparelho repressivo. Conta com o apoio dos reacionários. É incensado pela grande imprensa venal. Tem a ajuda dos monopolistas estadunidenses. Mas, em realidade, é fraco porque serve ao que há de mais retrógrado e se choca com os interêsses nacionais. Contra êle está o povo, que embora não demonstre ainda plenamente sua repulsa, mais dia menos dia levantar-se-á para jogar por terra o regime injusto que vigora no país.

Com a prorrogação do mandato presidencial, em que a vontade popular foi mais uma vez burlada, o marechal Castelo Branco pretende governar até março de 1967. No entanto, como repetidamente tem declarado o ministro da Guerra, general Costa e Silva, o grupo de militares que desfechou o golpe não revela a intenção de entregar o govêrno nem agora nem depois, em 1967. Segundo seus desejos, depois da saída de Castelo Branco da presidência da República, para ela deve ir um outro Castelo Branco, com ou sem farda.

São estes os seu planos. Todavia, o govêrno está minado por profundas contradições que se agravam cada vez mais. Não resolveu nem resolverá nenhum dos graves problemas que o país enfrenta. Ao contrário,

a situação é sempre mais difícil. Na medida em que as massas lutarem por suas reivindicações, o governo apelará em maior escala para a repressão e a violência, o que fará aumentar o seu isolamento.

Incumbe ao povo realizar ativa oposição, firme e decidida, à ditadura e aos que, como Lacerda, reclamam mais reação. Para os patriotas e democratas, o desmascaramento dos golpistas, de dentro e de fora do governo, é uma tarefa de todos os dias. Mobilizar o maior número de brasileiros contra a ditadura e contra os direitistas mais extremados é uma necessidade premente. Desta tarefa participam tanto revolucionários como reformistas, tanto militantes do PC do Brasil como do PC Brasileiro, tanto católicos como socialistas. Lado a lado podem atuar trabalhistas, bri-zolistas, comunistas, elementos do PSD, PDC, PSD e até da UDN. Na luta por objetivos concretos é preciso unir tôdas as fôrças capazes de serem unidas e neutralizar tôdas as que possam ser neutralizadas. Quando o governo aumenta o número de descontentes, maiores são as possibilidades de ampliar e fortalecer a aliança dos que resistem à ditadura.

Na situação presente, a luta pelas liberdades é fator fundamental para a ação política das massas. É uma forma concreta de combate ao governo ditatorial. Interessa vastos setores do povo. A libertação dos presos políticos, a denúncia dos crimes contra eles cometidos, a repulsa ao sistema de delação organizada, a liquidação dos inquéritos policiais-militares, a suspensão das intervenções nos sindicatos, a anulação das penalidades contra alunos e professores das universidades, a reabertura dos jornais arbitrariamente fechados, a cessação das perseguições a funcionários públicos, enfim, o restabelecimento das franquias democráticas, constituem uma exigência da Nação. Através da luta pelas liberdades é possível unir amplíssimas camadas populares.

Problema comum a todos os trabalhadores, funcionários públicos, donas de casa, profissionais liberais, etc., é a defesa de seu nível de vida, gravemente atingido pela política econômico-financeira do governo. Esta política vem acarretando diminuição violenta do salário real, brutal carestia de vida e desemprego em

massa, determina a redução dos proventos dos que trabalham por conta própria e abala seriamente o orçamento doméstico das famílias de poucos recursos. Diante disso, é preciso organizar a luta contra esta situação calamitosa. Através de greves, manifestações de rua e outras formas de atuação, é necessário fazer ouvir o protesto das massas populares contra aquela nefasta política governamental.

Grande é a significação da luta pelas reivindicações do homem do campo. Se antes do golpe já era difícil a sua situação, agora ficou ainda mais aflitiva. Os latifundiários, usineiros e grileiros, protegidos pela ditadura, investem furiosamente contra as massas camponesas, anulando, inclusive, direitos conquistados em árduas jornadas. Está na ordem-do-dia, não só a luta pelas reivindicações imediatas dos camponeses, como também a reforma agrária radical — a grande bandeira de união dos trabalhadores do campo e da aliança operário-camponesa.

O combate à espoliação imperialista norte-americana e à política entreguista do governo assumiu um caráter ainda mais relevante. É tarefa primacial do povo brasileiro. A ditadura abriu, de par em par, as portas do país à exploração dos monopolistas ianques e atrelou-se vergonhosamente à orientação do Departamento de Estado. Assim, a defesa da soberania nacional, da indústria brasileira e das riquezas do país, a luta para pôr fim ao domínio do imperialismo ianque, constituem o grande denominador comum da unidade do povo.

Parte integrante da luta dos brasileiros pela paz e a independência nacional é a solidariedade a Cuba, é o apoio à luta dos povos africanos por sua libertação, é a condenação veemente da intervenção criminosa dos imperialistas ianques na Ásia.

Desenvolvendo intensa actividade política de massas em torno de tais reivindicações ou de outras que possam surgir a cada instante, o movimento democrático e antiimperialista se ampliará e adquirirá novas energias. Essa actividade defronta-se, hoje, com maiores restrições, em virtude da ausência de liberdades. No entanto, elevou-se o ódio aos imperialistas norte-americanos e aos que oprimem o povo, ampliou-se o nú-

mero de pessoas que, com o golpe, foram despertadas para a vida política. Tudo isto permite intensificar as lutas de massa que, nas condições da ditadura militar, por mais simples que sejam, tendem a adquirir mais acentuado conteúdo político, a alcançar maior ressonância.

2 UTILIZAR TODAS AS FORMAS DE LUTA.
Na ação política de massas é necessário atuar sempre tendo em vista a revolução. Este é um processo complexo do qual o povo participa amplamente. Comporta as formas de luta mais elementares, os meios mais simples de organização até as ações mais enérgicas e tipos de organização mais elevados. Impõe perseverante trabalho de esclarecimento e de educação. Obriga a um esforço continuado para ajudar as massas a fazer sua própria experiência e trazê-las para as posições de vanguarda. Exige permanente atividade nas organizações de massa e saber empregar as formas legais e ilegais de luta. Reclama incansavelmente a tomada de medidas concretas visando as ações armadas.

O desencadeamento da revolução e o seu êxito, mesmo que hajam fatores objetivos os mais vantajosos, dependem decisivamente da existência de condições subjetivas favoráveis. A vanguarda deve preparar-se e preparar as massas, para as lutas de maior envergadura. Precisa fazer grandes esforços para aumentar suas forças e conquistar novas posições. Neste sentido adquire significativa importância a direção de luta quotidiana das massas e a utilização de todas as formas de lutas para elevar a consciência política do povo, adestrar os trabalhadores, forjar sua combatividade e cuidar de seu preparo em todos os terrenos.

Múltiplas são as atividades de preparação revolucionária que se desenvolvem nas frentes mais diversas. Seria incorreto pensar que somente a luta armada é trabalho revolucionário. Essa luta é, sem dúvida, a forma mais alta de atividade revolucionária. Mas não é possível prescindir, ao lado do esforço ininterrupto para fortalecer a vanguarda, da ação polí-

tica de massas. A oposição à ditadura e o combate aos ultra-direitistas, importante aspecto da luta democrática, contribuem enormemente para acumular forças.

As massas populares, guiando-se por uma orientação revolucionária, forjando ao mesmo tempo os instrumentos para enfrentar a violência da reação e do imperialismo, estarão em condições de melhor lutar por um programa radical e por um poder popular revolucionário.

* * *

O golpe do primeiro de abril objetivou barrar o ascenso do movimento democrático e antiimperialista. Enganam-se, porém, os fautores da quartelada e seus protetores norte-americanos. Nunca a idéia das transformações radicais se apresentou com tanto vigor. A ditadura, com suas violências e injustiças, com seu entreguismo, com suas medidas antipopulares, veio robustecer na consciência do povo a necessidade da revolução.

Os patriotas e democratas, as grandes massas trabalhadoras revelam preocupação sôbre o modo de alcançar a vitória. O PC do Brasil procura, aqui, ir ao encontro dessa preocupação. Reafirma que os problemas fundamentais do país não serão resolvidos pela via pacífica. Para vencer seus inimigos, o povo deve construir, na luta, suas próprias forças armadas.

Muitos podem objetar que êste rumo é o mais difícil e doloroso. Argumentarão que a situação brasileira tende a se normalizar, que será restabelecido um clima de liberdade dentro do qual se poderá retomar o caminho interrompido com o golpe. Admitindo-se, para efeito de argumentação, que êste clima viesse a ser restabelecido, que outra via se poderia indicar a não ser a que é apresentada pela experiência? O povo brasileiro enfrenta o dilema de permanecer na dependência dos imperialistas norte-americanos, viver humilhado e sem liberdade ou fazer a revolução. Não há um terceiro caminho. Não é possível repetir, sob outras formas, o mesmo ciclo já antes percorrido, ou seja,

conquistar pouco a pouco algumas liberdades, e, em seguida, suportar o pêso de um golpe militar, perder as posições conquistadas e recomeçar tudo de nôvo.

Este tem sido, durante anos e anos, por falta de uma justa perspectiva revolucionária, o trágico itinerário seguido pelas fôrças populares. Agora, à luz da nova experiência, é preciso afastar-se das antigas e tortuosas veredas e buscar a estrada real da revolução. Se a luta fôr difícil e dolorosa, não será por vontade do povo, mas pelo egoísmo e crueldade das classes dominantes. Sejam quais forem os sofrimentos que a luta possa acarretar, serão bem inferiores aos que padecem, hoje, milhões de brasileiros vítimas da exploração impiedosa, da opressão imperialista, da falta de assistência, do analfabetismo, da miséria e de uma vida sem horizontes.

Os êxitos golpistas são temporários. Aquilo que parece ser a sua fôrça, em realidade, não é mais do que a sua própria fraqueza. Enveredando pelo caminho revolucionário, atrevendo-se a enfrentar os imperialistas norte-americanos e seus sustentáculos internos, o povo brasileiro acabará triunfando. O decisivo é ter determinação e trabalhar com afinco para que a revolução deixe de ser um desejo e se transforme em esplêndida realidade.

Agosto de 1964.

A COMISSÃO EXECUTIVA DO PARTIDO COMUNISTA
DO BRASIL.

O MARXISMO-LENINISMO TRIUNFARÁ NA AMÉRICA LATINA

(Carta Aberta a Fidel Castro)

Camarada Fidel:

Seus mais recentes pronunciamentos sôbre questões relacionadas com o movimento comunista, sua atitude face a problemas cruciais da revolução, sua conduta na preparação e realização da Conferência Tricontinental e os inadmissíveis ataques por você desfechados contra a China Popular levam-nos a dirigir-lhe a presente Carta-Aberta.

Como é de seu conhecimento, nas fileiras comunistas, vem-se travando uma luta de importância histórico-mundial entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo. Há precisamente uma década, surgiu na União Soviética uma corrente oportunista cuja orientação substitui os princípios revolucionários pelos da evolução pacífica, quebra o ímpeto combativo das massas e serve objetivamente ao imperialismo. Em oposição a esta corrente, têm-se levantado os que se mostram fiéis à grande doutrina do proletariado.

No quadro geral desta contenda, a Revolução Cubana, em 1959, representou uma derrota das teses revisionistas. Mais uma vez, o preceito marxista-leninista da necessidade da violência revolucionária para derrubar os opressores e conquistar um poder popular foi ple-

namente comprovado em Cuba. Você, que não vacilara em apelar para as armas, a fim de libertar o povo cubano, também não hesitou em aderir publicamente ao marxismo-leninismo. Os povos do mundo saudaram o advento da Revolução Cubana. Inspirados no exemplo de Cuba, numerosos movimentos e organizações populares da América Latina desfraldaram a bandeira da luta armada. No Brasil, enorme foi a repercussão da façanha dos combatentes de Sierra Maestra.

Inconformados com a derrota, os imperialistas norte-americanos tramaram a invasão da ilha. Eisenhower e depois Kennedy não se detiveram em preparar e levar a cabo o desembarque de Playa Giron. Por sua vez, os revisionistas procuravam minimizar o alcance da revolução vitoriosa em seu país. Você, camarada Fidel, não se intimidou com as ameaças do imperialismo norte-americano, nem se deixou levar pelos revisionistas. Proclamou bem alto, na II Declaração de Havana, o direito dos povos à revolução, chamou as massas desta sofrida parte do Continente a se erguer em armas contra os monopolistas ianques e a reação interna. Recusou-se corajosamente a transacionar com o imperialismo e com os revisionistas contemporâneos. Empenhou-se em consolidar as conquistas revolucionárias através da mobilização de seu povo e do estímulo à luta emancipadora dos países da América Latina.

Esta sua posição foi calorosamente apoiada por todos os revolucionários latino-americanos. Nosso Partido, reorganizado em fevereiro de 1962, apesar das imensas dificuldades que arrostava, apoiou com decisão a Revolução Cubana e sempre se manteve nesta linha. Numa época em que os revisionistas sabotavam tudo que se referia à sua Pátria e ao camarada Fidel Castro, esforçávamo-nos para exaltar a luta travada na grande ilha das Caraíbas e difundir as transformações radicais que ali se operavam. Coube-nos a iniciativa de divulgar em larga escala no Brasil os documentos mais importantes dos dirigentes cubanos. Porfiávamos, também, na tarefa de esclarecer e pôr em movimento as massas, objetivando a defesa de Cuba contra as ações intervencionistas dos Estados Unidos.

Transmutação Política

Lamentavelmente você, camarada Fidel, pouco a pouco, foi abandonando as posições revolucionárias e se identificando cada vez mais com os revisionistas. Desde há muito tempo, vínhamos observando sua transmutação política. Com crescente preocupação, constatávamos que muitos de seus atos afetavam os interesses do movimento revolucionário e prejudicavam a causa comum de nossos povos contra o imperialismo norte-americano. Maior estranheza, porém, nos causaram as passagens de seus discursos do primeiro de janeiro, 6 de fevereiro e 13 de março dêste ano, nas quais você ataca injustificadamente a China Popular. Durante um longo período, julgávamos que seu procedimento se devia a fatores circunstanciais e a certo unilateralismo na apreciação dos diferentes problemas. Por isso, e levando em consideração seus propósitos antiimperialistas, abstivemo-nos de emitir nossa opinião crítica, confiando que, em tempo, você se desse conta do falso rumo que vinha seguindo. Você, no entanto, foi longe demais. Ultrapassou todos os limites. Não é mais possível silenciar sem incorrer em grave erro.

Já em 1963, não compreendíamos sua conduta em relação ao arqui-revisionista Kruschov. Este renegado do marxismo-leninismo, à frente do Partido Comunista da União Soviética, cometeu as maiores monstruosidades contra o movimento operário internacional. Formulou e impôs a absurda teoria da transição pacífica, investiu deslealmente contra honrados dirigentes revolucionários da URSS e de todo o mundo, provocou a cisão nas fileiras comunistas, apoiou a agressão da Índia a um país socialista, rompeu abusivamente relações com a Albânia, apresentou Eisenhower e Kennedy como defensores da paz, capitulou vergonhosamente diante do imperialismo norte-americano por ocasião da Crise das Caraíbas. Chegou à infâmia de negociar, à revelia do governo cubano, a inspeção ianque do território de Cuba. Foi o artífice-mór da política de estreita colaboração entre os Estados Unidos e a União Soviética, visando ao domínio do mundo.

No entanto, o camarada Fidel Castro, em sua primeira visita à URSS, não trepidou em cobrir de elogios a este cínico traidor da revolução. Além disso, você assinou um comunicado conjunto cubano-soviético, onde predominava a orientação capitulacionista do PCUS de permeio com algumas teses revolucionárias da II Declaração de Havana. Apondo sua assinatura naquele documento eclético, você revelou inconsequência e, na prática, ratificou a linha revisionista. Mais incompreensível foi o seu comportamento durante a segunda viagem a Moscou. Kruschov, já totalmente desmoralizado e repellido pelo próprio povo, estava para ser afastado da direção do PCUS. Justamente nesse momento, você apressou-se em levar-lhe apoio e fazer-lhe os mais rasgados encômios. Ajudou, dêste modo, a um inimigo dos povos, da revolução e do marxismo-leninismo.

Também nos causava espécie sua linha de conduta no concernente às divergências no movimento comunista. Você se declarava neutro nessa controvérsia, afirmando que não se devia «pôr lenha na fogueira» e que «roupa suja se lava em casa». Esta atitude não podia ser considerada como a de um marxista-leninista. Quando se trata de princípios, de problemas cardeais da revolução, não há neutralidade possível. Fatos posteriores vieram, porém, demonstrar que semelhante neutralidade não passava de um mito. Você proibiu, em seu país, a divulgação da literatura chinesa e albanesa, enquanto os materiais soviéticos circulavam fartamente. Neste caso, você, que se tem revelado tão corajoso, deu demonstração de medo, pânico ante as idéias revolucionárias. Que mal haveria em tornar conhecidas do povo cubano tôdas as opiniões divergentes no movimento comunista? Só quem não está com a razão ou seguro da justeza de seus argumentos teme o confronto de idéias. Os chineses, a quem você, no discurso de 13/3/66, acusou de esconder a verdade a seu povo, publicaram este mesmo discurso, tão insultuoso à China e aos seus dirigentes. E têm divulgado materiais dos partidos revisionistas que se opõem às

Cópia autêntica

posições do Partido Comunista da China, inclusive as «obras completas» de Kruschov. Sua decisão, camarada Fidel, foi, portanto, unilateral, favorável aos revisionistas.

Em março de 1965, grande foi a nossa indignação quando soubemos do envio de delegação de seu Partido à Conferência dos 19 Partidos Comunistas e Operários, realizada em Moscou. Esta Conferência, convocada por iniciativa de Kruschov, com o fim deliberado de dividir o movimento comunista, contou com o seu completo apoio. Você sabia que os Partidos Comunistas da Indonésia, Japão, Coréia, Vietnã, Romênia e China se recusaram a aderir àquela reunião divisionista. Dela participando, você abandonava o princípio norteador das relações entre os Partidos, expresso na Declaração de Moscou de 1960, que estabeleceu a unanimidade nas decisões, alcançada mediante consultas. Isto não é próprio de quem se diz partidário da unidade e acusa os outros de cisionistas.

Discriminação Odiosa

Sua atuação camarada Fidel, nos trabalhos preparatórios da Conferência Tricontinental foi verdadeiramente chocante. No convite às organizações que deveriam participar da reunião de Havana, você se portou como advogado do revisionismo. Todos os partidos e movimentos revisionistas foram diligentemente convocados a enviar delegações. Quanto aos partidos e movimentos revolucionários, houve a mais odiosa discriminação, em particular com os da América Latina.

O critério, por você adotado, na escolha dos delegados e convidados dos países do Continente não levou em consideração as posições antiimperialistas e revolucionárias das organizações existentes, mas o grau de confiança e simpatia que elas lhe inspiravam. Eis porque a representação latino-americana na Conferência Tricontinental estava muito longe de expressar tôdas as forças atuantes do movimento antiimperialista e democrático e de traduzir plenamente os senti-

mentos das massas dêste hemisfério contra os monopolistas ianques. É certo que alguns movimentos de libertação da América Latina estiveram presentes na bela capital de Cuba. Mas, enquanto os porta-vozes dos Prestes, Codovilla, Corvalán, et **caterva** — partidários fervorosos do caminho pacífico e que, até há pouco, elogiavam os representantes máximos do imperialismo ianque — tinham direito a falar e votar nas assembleias do «Habana Libre», os partidos autenticamente revolucionários, como os Partidos Comunistas, marxistas-leninistas, da Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Brasil foram privados de enviar um simples observador. Você acolheu como representantes do combativo povo da Bolívia a elementos revisionistas, alguns dos quais nem sequer vivem naquêle país, e obrigou a se retirar de Cuba expressiva delegação boliviana de frente única.

É verdade que, em seu discurso na Conferência Tricontinental, você condenou o imperialismo norte-americano e fez a apologia da luta armada. Mas suas palavras soam em falso quando se sabe que você envidou os maiores esforços para levar à Conferência os que repudiam a violência das massas e se apegam às soluções pacifistas e negou arbitrariamente a legítimos revolucionários o direito de participar daquela reunião. Também a Conferência, por sugestão sua, criou um comitê para coordenar, na América Latina, as lutas de libertação nacional. No entanto, na composição dêste comitê predominam os representantes das organizações revisionistas.

Com êste modo de agir, você deu provas de abominável parcialismo em favor dos que se opõem à revolução neste Hemisfério. As organizações e partidos revolucionários, que você aparenta desconhecer, existem objetivamente e não será sua discriminação que há de fazê-los desaparecer. Ninguém tem o direito de se arvorar em árbitro da revolução na América Latina. E mais ainda: é farisaísmo manifestar-se, em palavras, pela revolução e, de fato, aliar-se aos oportunistas.

Negação do Partido do Proletariado

No discurso de 13 de março na Universidade de Havana, você, camarada Fidel, agrediu os marxistas-leninistas da Bélgica e do Ceilão, tratando-os de «grupinho» e de «teóricos de uma guerra revolucionária que não farão jamais».

Por que esta atitude de desdém, de grande senhor, ante lutadores que se empenham firmemente na árdua tarefa de levar adiante o movimento em favor da emancipação de seus povos? Precisamente, esta foi a atitude dos oportunistas e revisionistas face aos militantes do «26 de Julho», no período heróico da Revolução Cubana. Os patriotas que, no México, sob sua liderança, ergueram o estandarte da libertação de Cuba não passavam de um punhado de combatentes. O que você chamou de «grupinho», é, na realidade, a vanguarda organizada dos trabalhadores da Bélgica e do Ceilão. É indiscutível que não serão os revisionistas daqueles dois países que dirigirão as massas belgas e cingalesas pelo caminho revolucionário. Admira-nos esta sua atitude, porque você deveria ser o último a descrer das possibilidades de êxito dos que pregam a revolução e por ela lutam, você que, no passado, também foi objecto da descrença e do desprêzo dos reformistas. No entanto, agora, você insulta os revolucionários e está de braço dado com os oportunistas.

Ao que parece, você se julga o único revolucionário sobre o globo terrestre e considera que sòmente ouvindo e seguindo seus conselhos se pode alcançar a vitória. Não é acidental que se venha fazendo na América Latina a difusão, cada vez maior, de uma pretensa teoria baseada nas particularidades da Revolução Cubana. Esta doutrina, segundo seus autores, seria uma espécie de marxismo-leninismo para esta parte do Hemisfério. Seus seguidores chamam-na de fidelismo. Mas ela está muito longe, em questões essenciais, de corresponder à verdade científica da grande doutrina do proletariado. Tôda tentativa de aplicar, dogmáticamente em outros países, o que há de específico naquela revolução só poderá redundar em fracasso. Ainda que o exemplo de Cuba, em especial no que se refere ao princípio geral da luta armada,

continue a inspirar os que lutam pela liberdade e contra o imperialismo norte-americano, o fidelismo não vem dando frutos neste Continente, não foi comprovado em nenhum outro país da América Latina.

O marxismo-leninismo é universal. Não existe marxismo-leninismo latino-americano como não há marxismo-leninismo russo ou chinês. O importante é saber ligá-lo à prática da revolução em cada país, levando sempre em conta as peculiaridades nacionais. A revolução em países como Brasil e Guatemala, Argentina e Panamá, Chile e São Domingos, com características tão diferentes, apresentará particularidades inerentes a cada um deles, distintas das da Revolução Cubana, embora todos tenham que trilhar pela senda da violência revolucionária. Querer, portanto, aplicar mecânicamente, em outros países do Continente o esquema da revolução que você dirigiu nas Caraíbas é o mesmo que tentar impor-lhes uma camisa-de-fôrça.

Seus ataques às vanguardas revolucionárias da Bélgica e do Ceilão refletem, por outro lado, profunda incompreensão sobre o papel dirigente do proletariado na revolução e sobre a necessidade da existência de autênticos partidos comunistas. Esta incompreensão você também tem revelado em relação à América Latina. Partindo do que ocorreu em Cuba, você considera, na prática, que a direção da luta de emancipação nacional cabe a setores da burguesia ou da pequena burguesia e que os partidos proletários, quando muito, devem ter função auxiliar. Por isso, suas atenções neste Continente sempre se voltaram para aqueles setores. Mas a experiência evidencia que, na época em que vivemos, de aguçamento sem precedente dos conflitos nacionais e sociais, quando o imperialismo ianque se extrema em selvageria contra os povos, somente o proletariado e o seu partido podem dirigir consequentemente a revolução.

As organizações que você intitulou de «grupinho», a partir de 1962, também surgiram na América Latina. No Brasil, Colômbia, Peru, Equador, Chile, Bolívia e São Domingos. E continuam a aparecer nos demais países do Hemisfério. São as novas fôrças revolucionárias que emergiram do embate com o revisionismo. Embora sejam ainda pequenas, elas crescem e aumen-

tam sua influência entre as massas. Constituem os verdadeiros partidos da classe operária, que se orientam pelo marxismo-leninismo. O futuro lhes pertence. Enquanto isso, muitos dos movimentos em que você depositou tantas esperanças, e que tiveram seu total apoio, desapareceram como bôlhas de sabão. Será que tais fatos não lhe ajudam a tirar as devidas lições?

Inadmissíveis Ataques à China

Por fim, camarada Fidel, você chegou ao cúmulo da ignomínia ao atacar um país socialista que é, hoje, o principal baluarte da luta contra o imperialismo norte-americano. Em seu discurso de janeiro, às vésperas da instalação da Conferência Tricontinental, você, de surpresa, teatralmente, em comício de massas, inculpou a China de criar sérias dificuldades à alimentação do povo cubano e de fazer pressão econômica com objetivos políticos. Os motivos por você alegados são insubsistentes e descabidos.

Sua acusação baseou-se no fato de que, em 1966, o volume de arroz a ser entregue pela China a Cuba será inferior ao de 1965. Neste problema, parece-nos inteiramente despropositada a sua conduta. Se uma simples diferença de opinião sobre o volume das trocas comerciais determinasse um comportamento idêntico ao que você assumiu, as relações entre os países socialistas não teriam nenhuma solidez e seriam menos estáveis que as existentes entre os países capitalistas. Que o impele a atacar de maneira tão insólita a China somente porque ela não pôde satisfazer inteiramente todas as demandas do Governo cubano?

Na entrevista de um porta-voz autorizado do Ministério do Comércio Exterior da China, publicada na revista **Pequim Informa**, são explicadas, a nosso ver, com a máxima clareza e serenidade, as razões do Governo chinês. Esclarece o entrevistado não existir compromisso para a entrega da quantidade de arroz por você reclamada e que o montante desse cereal a ser fornecido a Cuba, em 1966, será superior ao dos anos de 1962 e 1963 e, aproximadamente, igual ao de 1964. Sua afirmação de que as transações comerciais entre

Cuba e a China cairão a «um nível abaixo de qualquer dos anos de intercâmbio de 1961 a 1965», carece de fundamento. Não lhe é lícito atribuir a outros a culpa pelas dificuldades internas de seu país. O imenso alarido que você fez sobre este problema é totalmente desarrazado.

A «questão do arroz», no entanto, não é senão simples pretêxto. Isto ficou em sua alocução de 13 de março. Você a utilizou, através da distorção dos fatos, para tentar confundir o povo revolucionário de Cuba e justificar o papel que você vem desempenhando de participante do conluio revisionista contra a China.

Durante certo período, você cuidou de omitir-se face à grande divergência que separa, em todo o mundo, os marxistas-leninistas dos revisionistas. Agora, tornou-se visível de que lado você se coloca. Sem nenhuma base, você increpou o PC da China de ter dividido o campo socialista e o movimento comunista mundial, de fomentar o culto à personalidade, de realizar bloqueio econômico contra Cuba, de servir com sua política ao imperialismo norte-americano, de interferir nos problemas internos cubanos, de querer impor sua ideologia a outros partidos. Você não teve pêjo em apresentar, grosseira e cavilosamente, a China como inimiga do povo de Cuba e país que se ombréia, em banditismo e pirataria, com a América do Norte. Semelhantes ataques constituem injúria inominável e golpe traiçoeiro no movimento comunista e na causa da emancipação nacional dos povos oprimidos. Tudo que você afirmou em relação à China, em sua fala na Universidade de Havana, é uma repetição enfadonha e lamentável do que disseram os mais categorizados expoentes do revisionismo contemporâneo, desde Tito até Kruschov. São infâmias e deturpações que colidem com os fatos e já foram inteiramente refutadas pelos dirigentes chineses e demais marxistas-leninistas de diferentes países.

É preciso estar completamente desinformado ou despir-se da condição de revolucionário para aceitar a tese de que o PC da China é o responsável pela divisão do movimento comunista. Não é necessário desenvolver grande esforço mental para compreender que a traição ao marxismo-leninismo e à revolução por parte

dos dirigentes do PCUS é que provocou a cisão nas fileiras comunistas. O PC da China e seu eminente líder Mao Tsetung sempre pugnaram, e continuam pugnando, pela unidade dos autênticos revolucionários. Ao defender a doutrina de Marx, Engels e Lênin e ao manter bem alto a bandeira revolucionária, vêm prestando um inestimável serviço à causa dos trabalhadores e da Humanidade progressista. Não fôra a corajosa atitude que tomaram, juntamente com os marxistas-leninistas de outras partes do mundo, bem difícil seria a situação do movimento revolucionário. Prevaleceriam as idéias revisionistas e a capitulação indecorosa ao imperialismo norte-americano. Mais dura e mais longa seria a caminhada dos povos em busca de sua libertação.

Com suas agressões verbais à China, você, para nosso pesar, juntou-se de fato ao raivoso vozerio anti-chinês dos reacionários e oportunistas de todos os países. É sabido que, na presente situação, a política e a estratégia militar dos governantes estadunidenses dirigem-se em primeiro lugar contra a China, têm como objetivo principal isolá-la e agredí-la. A administração Johnson tudo subordina a êste objetivo. Toleram mesmo os que se proclamam revolucionários, desde que se manifestem contra aquela nação socialista da Ásia. Os monopolistas ianques consideram a China, com os 650 milhões de habitantes e dirigida por um grande partido marxista-leninista, o mais sério obstáculo a transpor na consecução de seus insensatos planos de domínio do mundo. Tramam, por esta razão, a guerra contra aquêle país. Mobilizam neste sentido os militaristas japoneses, os reacionários hindus, a camarilha de Chiang Kai-chek e outros títeres do continente asiático. Contam, nesta empreitada, com a conivência da direcção revisionista do PCUS.

O tratado recentemente subscrito, sob o patrocínio dos Estados Unidos, entre o Govêrno japonês e o regime fantoche da Coréia do Sul, é uma aliança militar que tem em vista o cêrco da China e prevê a utilização de soldados nipônicos e coreanos para a agressão planejada pelo Pentágono. Os belicistas de Washington fornecem pròdigamente armas e munições, técnicos e conselheiros militares à Índia, a fim de estimular os reacionários hindus na execução de seus projetos ane-

xionistas contra o povo chinês. A extensão da guerra do Vietnã, arquitetada pela Casa Branca, visa primordialmente a China, Bombardeiros norte-americanos já deixam cair bombas bem próximo das fronteiras com este país. Barcos de nacionalidade chinesa são metralhados ou afundados pelas forças militares estadunidenses. Aviões ianques violam repetidamente o espaço aéreo da China Popular.

Os Estados Unidos se concentram, assim, na execução de um vasto plano agressivo, tanto político como militar, orientado no sentido de estender a guerra na Ásia. Em tais circunstâncias, a quem servem os ataques desferidos por você contra os dirigentes chineses?

Pedras-de-Toque do Internacionalismo Proletário

A concentração de esforços que o governo Johnson realiza, com vistas a agredir a China, resulta do fato de que esta nação se transformou na maior e mais poderosa base de apoio do movimento revolucionário mundial. Todos os que pugnam pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo têm no povo chinês um verdadeiro amigo e fiel aliado. Nenhum país tem ajudado tanto o povo do Vietnã na sua luta justa e patriótica como a República Popular da China.

Investir contra a China é a palavra-de-ordem central do imperialismo norte-americano. Não por acaso as camarilhas reacionárias da Ásia, África e América Latina, insufladas pelos monopolistas ianques, quando vitoriosas em seus golpes militares, antes de tudo, rompem relações diplomáticas com Pequim, proíbem as atividades jornalísticas de suas agências de notícias e perseguem cidadãos chineses. Mas se a China atrai o ódio dos miliardários estadunidenses e de seus lacaios, por sua vez vê aumentar seu prestígio entre as massas populares daqueles três continentes.

O país mais populoso da Terra encontra-se, presentemente, em situação semelhante à da União Soviética, quando era o principal sustentáculo do movimento revolucionário. Então, os monopolistas e os reacionários centralizavam suas ações agressivas e suas atividades de sapa contra o primeiro Estado Socialista do

mundo. Naquela época, denegrir a URSS correspondia a ajudar, de forma objetiva, os imperialistas. Todos os que assim procederam tiveram um triste destino, repudiados que foram pelas massas. Daí porque, no momento, a posição face à China, em nosso entender, define os campos de luta: a favor ou contra o imperialismo norte-americano. Esta questão, na fase atual, é a pedra-de-toque do internacionalismo proletário, serve para demarcar as posições revolucionárias.

Os imperialistas ianques, procurando impor sua hegemonia em todo o mundo, tornaram-se os piores inimigos dos povos, inclusive das amplas massas populares dos Estados Unidos. Levam a morte e a destruição mais bárbara ao Vietnã. Fomentam em toda parte a liquidação do mais negro terror. Ameaçam a Humanidade com a guerra nuclear. Nos cinco continentes encontram-se bases e soldados da América do Norte, armados até aos dentes, para agredir os povos e submetê-los ao controle norte-americano. Nestas condições, trava-se uma luta de vida ou de morte, no âmbito mundial, entre o imperialismo estadunidense e os povos que se erguem para assegurar as liberdades, defender ou conquistar a independência nacional.

A frente desta gigantesca luta contra o inimigo comum está a República Popular da China. A União Soviética, dominada pelos revisionistas, renunciou ao papel dirigente das forças antiimperialistas e democráticas. Coloca, hoje, seus interesses acima da causa da emancipação dos povos. A nação que reúne, na atualidade, as condições para se colocar à vanguarda da luta dos povos contra os monopolistas ianques é a China. Não teme os imperialistas norte-americanos, responde à altura às ameaças e aos atos agressivos dos militaristas do Pentágono e declara solenemente sua disposição de apoiar e ajudar todos os povos que se atrevem a enfrentar os bandidos de Washington. A ela incumbe essa missão histórica de vanguarda, tal como, no passado, coube à URSS liderar a luta mundial contra o fascismo.

Se você, camarada Fidel, pretende perseverar na luta contra os espoliadores ianques, não se pode colocar irracionalmente em oposição à China. Não pode, de nenhum modo, fazer gratuitos e violentos ataques

àquela nação, ao seu provado Partido e ao camarada Mao Tsetung, o maior marxista-leninista de nossos dias, valoroso revolucionário, admirado e acatado em todo o mundo. Insistindo em sua atitude antichinesa, você, queira ou não, enfileira-se nas hostes da contra-revolução mundial, ao lado dos monopolistas estadunidenses e dos traidores do marxismo-leninismo.

Conjura Revisionista

Todos êstes fatos, camarada Fidel, patenteiam sua passagem do campo revolucionário para o do revisionismo contemporâneo. Você, de fato, adotou a política capitulacionista e de traição dos dirigentes do PCUS, com os quais se mostra cada vez mais afinado. Embora você procure aparentar independência, fica evidente para os trabalhadores e os revolucionários da América Latina que você atua como peça do mecanismo montado por Kruschov e aperfeiçoado pelos seus sucessores. Nos dias atuais, o revisionismo representa uma conjura, em escala internacional, contra o socialismo e a luta dos povos oprimidos por sua independência. Os revisionistas chegaram ao auge da degradação ao estabelecer, sub-repticiamente, a cooperação soviético-norte-americana, visando à divisão do mundo em esferas de influência dos Estados Unidos e da URSS. A União Soviética, devido à traição de seus dirigentes, deixou de ser a poderosa força de combate ao imperialismo ianque. Os representantes do Governo de Moscou, em tôda a parte, na ONU ou em outras entidades internacionais, nas conferências de alto nível ou nos entendimentos com governos de outros países, buscam sempre, para os problemas colocados na ordem-do-dia, soluções que prejudicam os povos e favorecem os comparsas norte-americanos. Você, por atos e palavras, filia-se à corrente revisionista e junta-se, dêste modo, à escória do movimento revolucionário.

Sòmente isto pode explicar seus rancorosos ataques à China Popular e sua oposição cega aos marxistas-leninistas. Se você pensa que as massas sofredoras da América Latina o acompanharão em sua

atitude antichinesa, está redondamente enganado. Elas aspiram à libertação e consideram o imperialismo ianque o seu maior inimigo. Sabem discernir quem luta efectivamente contra os monopolistas estadunidenses e quem finge combatê-los para melhor com eles colaborar. Vêem no povo revolucionário da China um lutador irreconciliável contra os opressores norteamericanos e, portanto, seu melhor aliado. Esta a razão por que aumenta a influência e o prestígio da grande nação asiática entre as amplas massas trabalhadoras e a intelectualidade latino-americanas.

Ao emitir estas opiniões, temos consciência de nossas limitações e do pouco que ainda fizemos em prol da revolução em nosso país e na América Latina. Apesar disto, acreditamos ser indeclinável dever internacionalista expor francamente, nesta carta, o que pensamos. Preocupa-nos o destino da Revolução cubana, hoje património de todos os povos deste Continente. Por melhores que sejam suas intenções, os dirigentes cubanos, trilhando pelo caminho do revisionismo, fracassarão rotundamente e causarão imensos danos à obra revolucionária tão auspiciosamente iniciada em seu país. Você afirmou, muitas vezes, que os que se opõem à marcha do progresso da Humanidade acabarão mais cedo ou mais tarde, varridos como lixo da História. É uma grande verdade que diz respeito não apenas aos reacionários, mas também aos homens avançados que se desviaram do rumo, se atrasam e terminam por contrariar os interesses dos povos. Seus últimos discursos são escolhos atirados no caminho revolucionário. São ações impensadas de quem perdeu a perspectiva política e não confia na força das massas.

Apêlo Fraternal

Permita-nos, camarada Fidel, dirigir-lhe um apêlo fraternal no sentido de que retorne às posições revolucionárias que tanto o engrandeceram, ao caminho luminoso apontado na história Declaração de Havana. Em que pesem as suas posições equivocadas, não o

confundimos com os Titos e os Dange, com os Brezhnev e Kossiguin, que capitulam inglòriamente diante do imperialismo norte-americano.

Ainda acreditamos que você deseja a revolução na América Latina. Soldados ianques, em Guantánamo, ocupam território de Cuba, e lembram ao povo cubano, a cada instante, que é preciso lutar firmemente contra o seu principal inimigo. Os imperialistas dos Estados Unidos são os gendarmes da reação mundial, opri-mem e espoliam nações em todos os continentes. Os povos do mundo têm necessidade de se unir para enfrentá-los e derrotá-los. Os revisionistas não se atrevem a lutar contra êles. Ao contrário, cooperam com os governantes ianques.

É necessário, assim, estabelecer a linha divisória entre os aliados e os inimigos, entre os verdadeiros e os falsos amigos. Esperamos que você se afaste do tortuoso e traiçoeiro caminho do revisionismo. Se você, no entanto, levado pela paixão, persistir nas atitudes que vem assumindo, poderá dificultar a luta comum dos povos latino-americanos, mas não deterá jamais o curso irreprimível da revolução neste Continente.

Queira receber, camarada Fidel, as nossas saudações revolucionárias.

Rio de Janeiro, março de 1966.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA
DO BRASIL

UNIÃO DOS BRASILEIROS PARA LIVRAR O PAÍS DA CRISE, DA DITADURA E DA AMEAÇA NEOCOLONIALISTA

Passaram-se mais de quatro anos desde a realização da Conferência que reorganizou o Partido Comunista do Brasil. Foi um período repleto de importantes acontecimentos políticos em nosso país e no mundo, de luta em defesa do marxismo-leninismo e de ingentes esforços para construir uma vanguarda revolucionária da classe operária.

No cenário internacional, intensificaram-se as lutas libertadoras dos povos da Ásia, África e América Latina e os imperialistas norte-americanos, enfurecidos, tornaram-se mais agressivos e sanguinários. Opondo tenaz resistência aos invasores ianques, os vietnamitas escrevem verdadeira epopéia para assegurar a independência e a reunificação de sua Pátria. Avançou em nosso Continente a luta armada pela emancipação nacional.

O povo brasileiro viveu uma fase de ricos ensinamentos e recolheu valiosas experiências. Alcançou inúmeras conquistas democráticas. Mas sofreu duro revés com o golpe do primeiro de abril, que anulou essas conquistas e instaurou no país uma ditadura militar a serviço dos monopólios estadunidenses. Amadureceu mais ainda a consciência revolucionária das massas trabalhadoras e da intelectualidade progressista.

Aguçou-se extremamente a luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo. Nesta con-

tenda a grande doutrina do proletariado revelou sua imensa vitalidade. Seus adversários amargaram pesadas derrotas, mostraram sua verdadeira face de oportunistas, de cúmplices do imperialismo e de inimigos da revolução.

O Partido Comunista do Brasil obteve assinalados êxitos. Consolidou sua organização, aumentou seus efetivos e ampliou o círculo de sua influência. Nem a reação, nem os revisionistas conseguiram impedir que o Partido se robustecesse e se transformasse em um agrupamento político conhecido dos trabalhadores e das correntes democráticas. Fiel às melhores tradições do movimento operário, o Partido Comunista do Brasil adquiriu características novas e orienta toda a sua atividade objetivando a revolução. Agora, já é possível aquilatar a significação histórica da Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962.

AGRAVA-SE A LUTA ENTRE OS POVOS E O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

Desde o término da Segunda Guerra, nunca o desenvolvimento da situação internacional exerceu tanta influência no curso dos acontecimentos internos dos diferentes países. Por sua vez, os fatos políticos de maior expressão verificados em cada país jamais repercutiram tão intensamente no conjunto da situação mundial. Isto porque se trava, nos dias de hoje, uma luta que tende a envolver tãda a Humanidade. É a luta entre o imperialismo norte-americano, que quer impor seu domínio no mundo, e os povos que aspiram à libertação, à democracia e ao socialismo.

O pior inimigo da Humanidade

1. Após a derrota dos nazistas e dos militaristas japoneses, em 1945, o imperialismo norte-americano estabeleceu, e procurou levar à prática, um plano ambicioso de dominação de vastas regiões do globo. Disseminou milhares de bases nos cinco continentes, enviou tropas a numerosos países, desenvolveu intensa corrida armamentista e começou a pôr em execução uma política expansionista e guerreira. Baseado no monopólio da bomba atômica, tentou intimidar os povos com a chantagem nuclear.

Os projetos dos imperialistas ianques encontraram, no entanto, firme resistência. A vitória da Revolução Chinesa, em 1949, foi um golpe demolidor nesses criminosos intentos. Sendo o acontecimento de maior importância histórico-mundial depois da Revolução de Outubro, refletiu vivamente entre os povos oprimidos. As grandes massas do mundo colonial e dos países dependentes ergueram-se para conquistar sua emancipação. Particularmente na Ásia e na África, o movimento de libertação nacional atingiu elevado nível. Mais tarde, a Revolução Cubana assestou outro golpe nos desígnios norte-americanos. A América Latina ingressou em nova fase da luta antiimperialista.

2. Desesperados ante seus fracassos, os monopolistas dos Estados Unidos mostraram-se mais cruéis e agressivos. Passaram à intervenção brutal em toda parte onde os povos se levantam contra a opressão. No Congo, ajudaram militarmente os colonialistas belgas e seus títeres a massacrar patriotas. Organizaram o malogrado desembarque de mercenários cubanos na Baía dos Porcos. Soldados ianques assassinaram estudantes panamenhos que exigiam fôsse respeitada a soberania de seu país na Zona do Canal. Em São Domingos, tropas norte-americanas reprimiram a rebelião popular pela liberdade e a independência. Os militaristas dos Estados Unidos levam a cabo uma guerra monstruosa no Vietnã do Sul e bombardeiam criminosamente a República Democrática do Vietnã. Tudo isto é feito sob o cínico pretêxto de defender a segurança do Estado norte-americano e do «mundo livre».

A intervenção estadunidense se faz também de maneira indirecta, particularmente através de golpes militares. As recentes deposições de governos democráticos na África, bem como a implantação de uma ditadura terrorista na Indonésia, foram maquinadas em Washington. Na América Latina, os sucessivos pronunciamentos militares foram dirigidos por agentes norte-americanos. Segundo testemunho insuspeito do «New York Times», a CIA — órgão de informação e contra-espionagem do Governo ianque — atua em todos os países do Continente e ajuda a derrubar governos.

3. Os imperialistas norte-americanos desencadeiam a reação e o terror nas mais diversas regiões. Sob sua orientação, as forças retrógradas recorrem aos métodos fascistas para deter a luta das massas populares por seus direitos. Liquidam as liberdades, fecham as organizações democráticas, investem contra o direito de voto e o princípio da soberania popular, prendem e perseguem patriotas. Empregam, em escala sem precedentes, as mais bárbaras torturas e massacram milhares de pessoas como se fôra simples atividade de rotina. Na Indonésia, assassinam mais de 200 mil partidários da independência nacional e da democracia. No Peru, centenas de camponeses e intelectuais são trucidados sumariamente. Em São Domingos, matam de maneira covarde numerosos cidadãos que se opõem à ditadura. Nos Estados Unidos, os negros padecem tôda a sorte de vexames, são encarcerados ou mortos por reclamarem seus direitos.

4. Na execução de sua desvairada política, os governantes de Washington dão novos passos para ampliar a guerra e realizar outras agressões. Alegando a necessidade de conter pretensa infiltração comunista no Continente, cuidam da formação de uma tropa interamericana que, sob o controle dos generais ianques, servirá de instrumento de repressão às lutas populares na América Latina. Com a criação de semelhante força armada, formalmente patrocinada pela OEA, o Governo norte-americano trata de arrastar os países deste Hemisfério para suas aventuras guerreiras em outras partes do mundo.

Com a finalidade de expandir a guerra do Vietnã, o Pentágono executa a chamada política da «escalada». Dia a dia, aumentam as áreas das operações militares ianques no Sudeste Asiático. Bombardeiros estadunidenses atingem os subúrbios de Hanói, enquanto os militaristas norte-americanos fazem constantes provocações contra Camboja e Laos.

O Governo de Johnson prepara ativamente a guerra contra a China Popular. A estratégia dos Estados Unidos tem como alvo principal isolar e agredir a China. Repetem-se as violações do espaço aéreo e das

águas territoriais chinesas. Os dirigentes norte-americanos incitam o governo reacionário da Índia a prosseguir nos conflitos fronteiriços com a China, ajudando-o econômica e militarmente. Aliam-se aos militaristas nipônicos, procurando transformar o Japão em base de agressão ao povo chinês. Reforçam suas posições em Formosa, na Tailândia e na Coreia do Sul.

5. Na consecução de seus planos, os governantes ianques usam uma tática de duas caras. Falam em paz e provocam a guerra, apresentam-se como partidários de governos representativos e impõem ditaduras reacionárias, dizem-se defensores da democracia e estimulam a repressão, manifestam-se a favor da livre empresa e estabelecem o domínio dos monopólios.

O imperialismo norte-americano revela, assim, sua natureza rapace e belicista, demonstra seu caráter terrorista e liberticida. Nesta fase do capitalismo em decomposição, ultrapassa em crueldade e banditismo o próprio Hitler. É o pior e o principal inimigo da Humanidade, o agressor mais feroz e insolente da História.

Expandem-se a luta dos povos contra os opressores ianques

6. Uma das características de nossa época é o extraordinário ascenso da luta das massas pela liberdade, a independência e contra o neocolonialismo. Os povos vêm assestando potentes golpes no imperialismo norte-americano. Crescem impetuosamente as forças revolucionárias. Em toda parte, avançam as correntes antiimperialistas, englobando não somente a classe operária e os camponeses como os mais diversos setores sociais.

Expressão mais elevada da luta das nações oprimidas é a guerra popular dos sul-vietnamitas contra os invasores norte-americanos e seus lacaios. O heróico povo do Vietnã está na primeira linha da grande batalha mundial contra o barbarismo dos monopolistas estadunidenses. Em que pesem a imensa máquina de guerra acionada pelo Pentágono e a utilização pelas forças

armadas ianques dos mais selvagens meios de morte e destruição, os gloriosos combatentes do Vietcong infligem derrota após derrota à maior potência do mundo capitalista. No Camboja e no Laos, os patriotas repelem ataques de soldados norte-americanos e mostram-se dispostos a rechassar a agressão. Na Coreia do Sul e no Japão, as massas populares realizam grandes demonstrações antiianques e condenam o tratado nipo-sul-coreano que visa a envolver estes dois países numa guerra contra a política de fome da camarilha governante. Em diferentes países da África, estende-se a guerra popular pela libertação. O povo congolês não cedeu às investidas do imperialismo e de seus fantoches e continua de armas na mão a lutar por sua independência. Na Guiné, em Angola e Moçambique prossegue o movimento armado para liquidar a opressão de Portugal. Inúmeros países africanos constituíram governos patrióticos que combatem o colonialismo. Na América Latina, os povos não querem viver sob o guante dos imperialistas e das oligarquias reacionárias. Na Venezuela, Colômbia e Guatemala, as guerrilhas progridem e conquistam êxitos. O povo dominicano recorreu às armas para derubar uma ditadura a serviço dos monopolistas estadunidenses. As massas populares do Equador, através de poderosas greves e manifestações de rua, puseram abaixo a Junta Militar. No Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Bolívia, Panamá e outros países, o sentimento contra os Estados Unidos alcança nível jamais conhecido. Cuba, valentemente, enfrenta os imperialistas norte-americanos.

Ao mesmo tempo que se desenvolvem as tempestades revolucionárias na Ásia, África e América Latina, amplia-se a luta dos trabalhadores na Europa Ocidental, América do Norte e Oceania contra o capital monopolista, pela paz, pela democracia e por melhores condições de vida. O movimento pelos direitos dos negros norte-americanos cresce continuamente, desmascara o conteúdo reacionário da política de Johnson e ajuda a resistência dos povos ao imperialismo. Os protestos indignados contra a guerra suja dos mono-

polistas ianques no Vietnã sucedem-se nos países capitalistas. Tais protestos vêm-se avolumando nos Estados Unidos.

7. Em sua luta contra o imperialismo norte-americano, os povos do mundo inteiro contam com a solidariedade firme e decidida da China Popular, da República Popular da Albânia, da República Democrática do Vietnã e da República Democrática e Popular da Coréia. A China é a mais poderosa base de apoio do movimento revolucionário mundial. Aceita corajosamente o desafio da Casa Branca e não se abala com suas ameaças e ações agressivas. Coloca-se, sem temor, ao lado de todos os que se atrevem a enfrentar os monopolistas norte-americanos. A ajuda do povo chinês aos valorosos combatentes vietnamitas tem sido importante fator na resistência aos invasores.

Devido à posição revolucionária e internacionalista da China Popular, os imperialistas dos Estados Unidos consideram-na seu principal inimigo e contra ela vêm concentrando forças. Mas, com seus 700 milhões de habitantes e seu regime socialista, com seu glorioso Exército Popular de Libertação, a China, sob a direcção de seu provado Partido Comunista e de Mao Tsetung, está preparada para desbaratar os salteadores ianques. O êxito das experiências atômicas chinesas reforça a defesa do país e favorece a causa da paz. Ao atrair sobre si vastos recursos militares dos Estados Unidos, a China presta inestimável concurso aos povos que se empenham na luta pela libertação.

O papel nocivo da política soviética

8. Os povos que se defrontam com o imperialismo norte-americano não podem contar com o apoio e a ajuda verdadeira da União Soviética. Esta deixou de ser a base poderosa e aberta da revolução mundial.

A URSS dispõe de enorme poderio econômico e militar. É membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, participa com destaque nas conferências internacionais e influi sobre governos de nu-

meras nações. País onde pela primeira vez venceu a Revolução Socialista e que desempenhou a função principal na derrota do nazismo, a União Soviética conquistou largo prestígio no mundo. Se prosseguisse na tradição de Lênin e de Stálin, muito poderia contribuir para a emancipação da Humanidade. No entanto, ao enveredar pelo caminho do revisionismo, adotou uma orientação contrária aos interesses dos povos e que pesa negativamente no conjunto da situação internacional.

O Governo soviético segue uma política de cooperação com os Estados Unidos, intentando dividir o mundo em esferas de influência entre os dois países. Junta-se aos imperialistas ianques na campanha de calúnias contra a China. Assina o tratado de proscrição parcial das experiências nucleares, com o propósito de assegurar para a União Soviética e os Estados Unidos o monopólio das armas atômicas. Fornece auxílio aos reacionários hindus. Tenta encontrar uma «saída honrosa» para a aventura ianque no Vietnã. Chega à ignomínia de participar da reunião em que se resolveu organizar o chamado Banco para o Desenvolvimento dos Países da Ásia, proposto pelo governo norte-americano, e na qual estiveram presentes delegados das camarilhas governantes do Japão, Coreia do Sul, Tailândia, Formosa e Saigon. A colaboração dos dirigentes da URSS com a administração Johnson permite ao Pentágono transferir tropas de ocupação da Alemanha para o Sudeste Asiático.

Há, sem dúvida, contradições entre a União Soviética e os Estados Unidos. Mas, em virtude da posição chovinista e revisionista dos líderes da URSS, tais contradições passaram a ter caráter secundário. Atualmente, é a cooperação que está em primeiro plano nas relações entre os governos de Moscou e de Washington.

Os governantes soviéticos, visando a enganar os povos de seu país e a opinião pública mundial, encobrem sua política com palavras de condenação ao imperialismo e declarações de que o socialismo vencerá o capitalismo pacificamente, pela força do exemplo, assim como afirmando que se empenham em

contradição principal e secundária

livrar a Humanidade de uma terceira guerra. Embora proclamem sua adesão às lutas emancipadoras, na realidade, não enfrentam o imperialismo ianque. Ao contrário, com sua política capituladora, estimulam a agressividade e a ousadia dos monopolistas norte-americanos e procuram impedir, por diferentes formas, o surgimento e o avanço das lutas de libertação nacional.

Contrapondo-se aos anseios dos povos e traindo a causa do socialismo, os dirigentes da URSS levam-na a um desprestígio crescente. Mas os povos da União Soviética que, no passado, tanto fizeram pela revolução, não suportarão por muito tempo a felonía dos revisionistas.

A contradição principal do mundo contemporâneo

9. Na Ásia, África e América Latina têm lugar os grandes choques que debilitam seriamente o imperialismo norte-americano e acabarão por levá-lo à derrota. A contradição predominante no mundo contemporâneo é a que se verifica entre os imperialistas, tendo à frente os Estados Unidos, e os povos oprimidos daqueles três continentes.

Os imperialistas não podem existir sem a exploração e o saque de extensas regiões do globo. Por outra parte, a luta dos povos da Ásia, África e América Latina contra o imperialismo norte-americano é uma exigência essencial e inadiável para que seus países se desenvolvam e se transformem em nações verdadeiramente independentes. Esta contradição não será resolvida sem que os imperialistas e seus agentes sejam completamente derrotados.

Naquelas regiões, após a Segunda Guerra Mundial, sobrevieram formidáveis tormentas revolucionárias que golpearam, e golpeiam profundamente, o sistema imperialista. Os territórios da Ásia, África e América Latina são, hoje, o cenário onde se travam as mais encarniçadas pelejas da grande luta entre os povos de todo o mundo, de um lado, e o imperialismo norte-americano e seus lacaios, de outro. Na atuali-

dade, o destino da revolução mundial está intimamente ligado aos embates que se verificam, e venham a se verificar, nos países dessas regiões. Aí se encontra a maior parte da população da Terra e aí também se processa a maior exploração. É o terreno mais propício para derrotar os belicistas ianques. A medida que os povos oprimidos forem se rebelando, mais difícil se tornará a situação do imperialismo, mais próxima estará a sua derrocada final. O aguçamento da contradição principal do mundo contemporâneo estimula a luta em toda parte contra os imperialistas.

Os espoliadores ianques são execrados em todos os quadrantes do globo. Não têm condições para derrotar as massas populares. Quanto mais forças militares empregarem na expansão da guerra na Ásia, tanto mais vulneráveis serão na África e na América Latina. A luta armada está ainda restrita a alguns países daqueles três continentes e mais de um milhão de soldados estadunidenses encontram-se espalhados nos quatro cantos do mundo. Cada intervenção militar do imperialismo ianque, neste ou naquele país, é mais uma pá de terra que retira da cova em que será sepultado.

União dos povos para derrotar o imperialismo ianque

10. Os imperialistas norte-americanos não se retirarão espontaneamente da arena histórica. Resistirão até ao fim. Terão que ser destruídos no campo de batalha. Para vencê-los faz-se necessária a união dos povos em cada país e a criação da frente mundial contra o imperialismo dos Estados Unidos.

Tendo-se transformado em inimigo comum de todas as nações, os monopolistas ianques devem ser combatidos conjuntamente por todos os povos. Somente desta maneira se pode apressar a liquidação de um adversário que ainda dispõe de amplos recursos materiais. Seria mais áspera a luta se cada povo tivesse que enfrentá-lo isoladamente.

Os acontecimentos evidenciam que os choques que ocorrem na esfera internacional tendem a ampliar-se e a tornar-se mais violentos. Em consequência, acen-

tua-se a polarização de forças. Numa parte, estão os imperialistas e seus lacaios e, na outra, vão-se agrupando as massas populares do mundo inteiro. A neutralidade é cada vez mais difícil. Mister se faz, portanto, unir as forças populares dos diversos países, unir todos os que são vítimas das agressões e das tropelias dos Estados Unidos e aproveitar as contradições de qualquer natureza com o imperialismo norte-americano a fim de isolá-lo e assestar-lhe golpes destruidores.

A frente única mundial dos povos se consolidará não só na luta que se trava dentro de cada país pela liberdade e a independência ou contra os monopólios, como também, na ação comum, no plano internacional, contra os agressores estadunidenses. É uma unidade de combate que exige a participação concreta na luta para derrotar os militaristas ianques. A solidariedade ativa aos povos que sofrem a intervenção do Governo de Johnson é fator importante para a unificação das forças antiimperialistas. Contribuem para fortalecer a frente antinorte-americana aqueles que, efetivamente, ajudam ao heróico povo vietnamita a expulsar os invasores e não procuram com êles conciliar.

11. A luta para vencer o imperialismo ianque e seus lacaios ocupa todo um período histórico. Por sua envergadura e complexidade e pelo fato de que os povos oprimidos não contam com suficientes meios materiais, ela será longa e difícil. Comporta vitórias e insucessos, momentos de maior ou menor tensão, avanços e recuos. Através desse sinuoso movimento progridem as correntes revolucionárias. Os últimos golpes militares verificados na África são derrotas parciais das massas populares. Na Indonésia, a ação dos generais direitistas representou um retrocesso. Também na América Latina, o movimento democrático e anti-imperialista sofreu revezes. No entanto, todos estes malogros não denotam força da reação e do imperialismo, mas, precisamente, sua fraqueza. Ao suprimir as liberdades e ao pôr em prática uma política entreguista, os reacionários e os agentes do imperialismo isolam-se, provocam a ira das grandes massas que, deste modo, inclinam-se mais para a revolução. Aquilo que aparece, momentaneamente, como derrota é uma fase na qual

o povo aprende com a própria experiência e passa à preparação da luta em nível mais elevado. Lênin afirmou, em 1909, num período de descenso da revolução russa, que a crise revolucionária, naquela época, avançava e amadurecia «sob outras formas e por diferentes caminhos». Na Indonésia como no Brasil, em Gana como na Bolívia, no Congo como na Argentina, o sentimento a favor da revolução, depois dos golpes reacionários, tornou-se mais forte ainda, enquanto os golpistas se encontram acossados e incapazes de resolver qualquer problema essencial da nação.

12. O desenvolvimento da situação internacional é favorável aos povos e desfavorável aos imperialistas e reacionários. Aprofunda-se a crise geral do capitalismo, desmorona o sistema imperialista. As suas contradições aumentam e as alianças militares dos Estados Unidos começam a se desintegrar. A posição da França é um exemplo. Enquanto isto, amplia-se o movimento de emancipação nacional. Novos países recorrem às ações armadas para conquistar sua independência. A China e outras nações socialistas se fortalecem em ritmo acelerado.

A causa que os reacionários norte-americanos defendem é injusta, significa escravidão e espoliação. Os povos pugnam por elevados ideais, como os da libertação nacional, da democracia e do progresso social. A razão lhes pertence. Por isso são invencíveis. A guerra no Vietnã demonstra que os bandidos ianques não são tão poderosos como aparentam. Não há força capaz de dobrar a vontade de um povo que defende o direito de ser livre e está decidido a alcançar a vitória.

Os povos se levantarão em toda parte para conquistar uma nova vida. Ressoa intensamente o apelo de Mao Tsetung: «Povos de todos os países, uní-vos, derrotai os agressores norte-americanos e todos os seus lacaios! Povos de todo o mundo, sede corajosos, atrevei-vos a lutar, desafiad as dificuldades, avançai, um após outro, e, assim, o mundo vos pertencerá!»

Face à situação internacional, as tarefas do Partido são:

- Prestar ativa solidariedade ao povo do Vietnã, que suporta o pêso principal da agressão norte-americana. Protestar contra o envio de víveres e medicamentos que o Governo brasileiro vem fazendo aos títeres de Saigon. Exigir a volta imediata dos soldados do Brasil que se encontram em São Domingos. Ajudar os que, na América Latina, de armas na mão, lutam contra a reação e o imperialismo.
- Desmarcar a política do imperialismo norte-americano de agressão e de expansão da guerra na Ásia, denunciar suas hipócritas manobras de paz, sua criminosa atividade para estabelecer a reação e o terror em tôda parte.
- Apoiar os esforços da China Popular para unir todos os povos, a fim de desbaratar os planos de domínio mundial do imperialismo dos Estados Unidos. Revelar o verdadeiro conteúdo da cooperação soviético-norte-americana que objetiva dividir o mundo em esferas de influência.
- Contribuir para a união dos povos latino-americanos na luta contra os monopolistas ianques. Defender as conquistas da Revolução Cubana em face das ameaças do Governo de Johnson. Combater enèrgicamente a organização da chamada Fôrça Interamericana de Paz.

II

O BRASIL SOB A DITADURA MILITAR

A situação política nacional apresenta um quadro de que ressalta o aprofundamento de tôdas as contradições da sociedade brasileira. Surgiu no país uma nova disposição das fôrças políticas, tanto no terreno das classes dominantes como no âmbito das correntes populares. O Poder passou para as mãos dos elementos mais reacionários e pró-americanos, que introduziram sérias alterações antidemocráticas na superestrutura política e jurídica da Nação. Alastra-se o descontentamento diante da orientação antipopular e antinacional da ditadura e amadurece a idéia da revolução.

A significação do golpe de abril

1. O povo brasileiro sofreu duro revés com o golpe do primeiro do abril e no país ocorreu uma reviravolta política de sentido reacionário. Foi implantada uma ditadura militar. Ascenderam ao Govêrno pessoas diretamente ligadas ao Pentágono e ao Departamento de Estado e que não têm nada de comum com os interesses nacionais. A orientação que preconizam, as soluções que apresentam e as medidas que executam são inspiradas ou ditadas por Washington.

Em pouco mais de dois anos, o Governo de Castelo Branco caracterizou-se pelo mais descarado entreguismo, por uma conduta contrária ao desenvolvimento do país e de esfomeamento do povo e pela supressão das liberdades democráticas. Adotou uma política externa de total submissão aos Estados Unidos, enviou tropas a São Domingos e apoiou a criação da Fôrça Interamericana de Paz. O Brasil passou a ser simples caudatário da Casa Branca e é utilizado como peão pelo Departamento de Estado nas suas manipulações internacionais. A ditadura arrogou-se a faculdade de cassar mandatos de parlamentares e governadores e direitos políticos de seus adversários, de decretar o recesso do Parlamento e das Assembléias Legislativas. Atentou contra os direitos dos cidadãos, perseguiu, prendeu e torturou dezenas de milhares de brasileiros. Indiciou em inquéritos policiais-militares mais de dez mil pessoas. Desencadeou o terrorismo cultural. Qualquer resistência à penetração ianque é considerada crime. Os direitos dos trabalhadores, conquistados com imensos sacrifícios, vêm sendo, pouco a pouco, suprimidos. Por exigência de investigadores ianques, o instituto da estabilidade acha-se ameaçado de desaparecer.

Castelo Branco e sua camarilha puseram em prática uma política económico-financeira elaborada pelo Fundo Monetário Internacional. Liquidaram os subsídios para o trigo e o petróleo. Congelaram, de fato, os salários e vencimentos. Seu proclamado combate à inflação constitui uma fraude. Em 21 meses, foram emitidos um trilhão e 380 bilhões de cruzeiros, mais do que o montante das emissões de todos os governos da República em seu conjunto. Enquanto empresas nacionais carecem de crédito, firmas estrangeiras têm obtido financiamentos com a maior facilidade. O Governo afirma cìnicamente que as medidas antipopulares e de restrição ao crédito são adotadas tendo em vista salvar a economia nacional do caos inflacionário. Na realidade, porém, trata-se de uma orientação para servir exclusivamente os monopólios norte-americanos e impedir o desenvolvimento do país.

2. Com a instauração da ditadura, os imperialistas ianques aceleraram o processo de recolonização do Brasil. Acumpliciados com o grupo que está no poder, assenhorearam-se de informações e segredos atinentes à defesa nacional. Passaram a controlar as Forças Armadas e conseguiram colocar à frente dos Ministérios mais importantes homens de sua inteira confiança. Através da USAID, sob o rótulo da Aliança para o Progresso, criaram uma superadministração norte-americana no país. Funcionários ianques atuam até mesmo no Departamento Federal de Segurança Pública e em repartições que cuidam de problemas sigilosos, como o Departamento Nacional do Imposto de Renda. A Embaixada dos Estados Unidos e as Missões Militares norte-americanas são centros de corrupção e conspiração e intervêm, desenvoltamente, nos negócios internos do Brasil. Os imperialistas estadunidenses vêm se apossando de meios de publicidade vivsando a desorientar a opinião pública e a preparar ambiente favorável à política ianque. Além do contrôlo da TV e Rádio Globo, compraram 29 emissoras de rádio em São Paulo e se aprestam para instalar 26 outras estações radiofônicas em várias cidades do país. Editam grande número de revistas no Brasil e manejam importantes jornais. Utilizando os Voluntários da Paz, auscultam o estado de espírito das massas, pesquisam as possibilidades de rebelião no campo e estudam as medidas de repressão a serem tomadas. No Nordeste, patrocinam a fundação de campos de treinamento para jovens do interior. Procuram enquadrar 100 mil camponeses nesses campos, em grupos de 5 mil, cada um deles comandado por um coronel do Exército. Pretendem evitar explosões revolucionárias naquela região e adestrar soldados para serem utilizados contra o povo ou enviados para o exterior como carne-de-canhão. Os monopolistas ianques, estimulando a militarização da indústria brasileira, tentam atrair parte da burguesia para a sua política belicista. Ainda recentemente, agentes do Departamento de Defesa dos Estados Unidos discutiram com industriais paulistas a fabricação imediata no Brasil do avião OV-10c, que está sendo usado no Vietnã no combate às guerrilhas.

3. Um dos objetivos do grupo que assaltou o poder em abril de 1964 foi estabelecer um sistema político que reduzisse ao mínimo a participação do povo na vida pública e assegurasse a continuidade da orientação favorável aos interesses ianques e às forças mais reacionárias internas. Com esta finalidade, Castelo Branco rasgou a Constituição de 1946 e fez profundas transformações na superestrutura política do Brasil. O sufrágio universal, direto e secreto, para a escolha dos governantes, foi abolido. Instituiu-se o princípio de eleições indiretas para Presidente da República e Governadores. Os Prefeitos das capitais dos Estados serão nomeados. A alteração da lei orgânica dos partidos outro escopo não teve senão o de limitar as entidades partidárias a um pequeno número e impedir a existência de partidos onde se pudesse fazer sentir a influência popular. A remuneração dos vereadores foi liquidada, medida demagógica visando a evitar que pessoas sem recursos participem das Câmaras Municipais. As funções do Supremo Tribunal Federal foram restringidas. Criou-se a Justiça Federal de primeira Instância para punir pretensos crimes contra a propriedade. Atribuiu-se à Justiça Militar competência para julgar os chamados delitos políticos. São as Forças Armadas que realizam inquéritos e instauram processos de natureza política. Tudo isto teve em vista institucionalizar um sistema reaccionário e de carácter ditatorial. Castelo Branco e seus apaniguados, sob inspiração norte-americana, pretendem tornar permanente o regime implantado no primeiro de abril.

Situação calamitosa do país

4. Catastróficas têm sido as consequências da política do Governo de Castelo Branco. Ela prejudica gravemente o povo e a Nação, conduz a economia nacional à crise e coloca o Brasil em uma dependência maior aos Estados Unidos. Ascendeu a quase 5 bilhões de dólares a dívida externa. A indústria brasileira que, em anos anteriores alcançara índice de desenvolvimento de até 10,3 %, caiu, em 1964, em 5 % e, no ano passado, teve nova queda de 7 % em relação ao ano

precedente. O declínio das importações que se verificou em 1965 — menos 447 milhões de dólares do que o montante das importações oficialmente previsto — representou substancial diminuição na compra de equipamentos industriais do exterior, o que comprova a redução das inversões. No último ano, somente em São Paulo, 5 mil empresas cerraram suas portas. Está em marcha um processo de desnacionalização de importantes ramos da economia nacional. Muitas indústrias passam às mãos dos trustes norte-americanos. E o mais grave é que estes trustes adquirem as empresas de capitais nacionais, quase sempre, com recursos obtidos nos meios bancários brasileiros. No que se refere ao comércio exterior, aumenta o controle dos monopólios ianques. Uma única firma norte-americana, a Anderson Clayton, detém 80 % da exportação do café. A agricultura defronta-se também com enormes dificuldades. Está em crise a produção açucareira, em particular no Nordeste. Paradoxalmente, num país de tão extensa área cultivável como o Brasil, não se produzem gêneros alimentícios em quantidade necessária ao consumo da população. Os lavradores de algodão, arroz e outros produtos agrícolas atravessam situação grave em virtude das restrições de crédito e dos preços mínimos insuficientes. O comércio interno ressent-se da queda do poder aquisitivo do povo. Nos três primeiros meses de 1966, as vendas a varejo decaíram na Guanabara em 40 %, em Belo Horizonte 64 % e em São Paulo 43 %.

5. A situação das massas tornou-se verdadeiramente insuportável. A carestia de vida chegou a um nível jamais registrado. Enquanto o aumento do salário-mínimo não ultrapassou os 100 %, a taxa da inflação, que repercute nos preços, foi de 220 %. A capacidade de compra dos trabalhadores ficou reduzida a menos de metade. Além disto, setores do proletariado tiveram suprimidas vantagens salariais. O desemprego é, atualmente, um flagelo para a classe operária. No campo, a situação é pior ainda. As massas camponesas vivem em condições de miséria. No Nordeste, 100 mil assalariados agrícolas perderam o emprego. Mesmo em São Paulo, onde a agricultura é mais desenvolvida, os

trabalhadores do campo percebem, a sêco, a insignificância de mil e quinhentos cruzeiros diários. Devido ao êxodo rural, o fenômeno das favelas começa a se alastrar também nas cidades do interior desse Estado. O aumento considerável das anuidades e taxas escolares e dos preços dos livros didáticos vem tornando o ensino um privilégio dos ricos. Pesadas majorações recaíram sobre as refeições nos restaurantes universitários. O funcionalismo público, sem o adequado reajustamento de seus vencimentos, vive num regime de restrições sempre maiores. A elevação dos aluguéis, constantemente decretada pelo Governo, fez mais agudo ainda o problema da moradia.

Nunca os brasileiros atravessaram situação tão calamitosa.

Cresce a resistência popular ao Governo

6. O povo não se mantém passivo diante da política antinacional e antipopular da ditadura. O descontentamento das massas, que se revelou desde os primeiros dias do golpe, generalizou-se e manifesta-se abertamente. O Governo é odiado pelos patriotas e democratas.

Ações vigorosas de diversas camadas sociais têm lugar em todo o país e contribuem para desmascarar e isolar a ditadura. Os estudantes realizam, corajosamente, demonstrações públicas em favor das liberdades. Promovem passeatas e, por mais de uma vez, entraram em choque com as forças de repressão. Não aceitam a dissolução arbitrária da UNE e dos Diretórios Acadêmicos. Fazem intensa campanha contra a Lei Suplicy e se negam a estabelecer qualquer diálogo com o Governo. Os intelectuais condenam o terrorismo cultural, protestam contra as perseguições a professores e cientistas, exigem um clima de liberdade. Expressam na literatura, no teatro, na música, no humorismo, sua repulsa aos homens do primeiro de abril. Os trabalhadores repudiam os governantes, opõem-se às tentativas de liquidação de seus direitos. Organizam campanha em defesa da estabilidade. Os portuários de Santos, utilizando formas adequadas de luta, reivin-

dicam o retôrno das vantagens de que foram esbulhados. Em vários pontos do país, camponeses têm resistido à ação dos grileiros que tentam expulsá-los de suas posses. Donas de casa saem às ruas para clamar contra a carestia de vida.

7. Correntes democráticas demonstram sua inconformidade com o atual estado de coisas e verberam as violências e as ilegalidades da ditadura. Dissolvendo os partidos políticos, reduzindo a quase nada as possibilidades de concorrência aos postos eletivos, cassando mandatos e direitos políticos, o grupo governante acabou sendo combatido por importantes alas dos antigos partidos, como o PTB, PSP, PDC, PSD e o janismo. Aquelas correntes, participando das eleições diretas para a escolha de governadores, verificadas antes da vigência do ato do Govêrno que estabeleceu eleições indirectas, contribuíram para derrotar os candidatos que representavam as fôrças do golpe do primeiro de abril. Reprovam os Atos Institucionais e reclamam anistia para os perseguidos políticos e o restabelecimento das liberdades democráticas. Estão empenhadas na campanha por eleições diretas.

8. Avolumam-se os protestos contra o entreguismo do Govêrno. Nunca foi tão acentuado o sentimento antinorte-americano no Brasil. Crescem as manifestações de repúdio à desnacionalização da indústria brasileira e ao saque criminoso de nossas riquezas mineiras perpetrado pelos trustes estadunidenses. Geral é o clamor face à política econômico-financeira do Govêrno que só beneficia os norte-americanos. Ganha vigor a campanha que desmascara a tentativa de açambarcamento da imprensa, do rádio e da televisão por grupos financeiros dos Estados Unidos. Durante várias semanas, a Câmara dos Deputados não pôde aprovar o famigerado Acôrdo Atômico com o Govêrno de Johnson porque grande número de deputados a êle se opôs. A fundamentada denúncia do Partido Comunista do Brasil sôbre a ameaça de recolonização do país alcançou repercussão entre as correntes democráticas.

Acentuam-se as divergências com Castelo Branco

9. Dois anos após a quartelada de abril, as forças que levaram a termo o golpe encontram-se divididas. A maior parte está em oposição à ditadura, que perdeu, inclusive, apoio de ponderáveis setores das Forças Armadas. O grupo de Castelo Branco é sustentado pelo imperialismo ianque e por generais e políticos ultra-reacionários.

Diante da impopularidade do Govêrno, de seu exclusivismo, do fracasso total de sua política e da resistência sempre maior aos militares no Poder, elementos que tiveram atuação destacada no golpe declararam-se em divergência com os governantes. Carlos Lacerda aponta o Govêrno como entreguista. Ademar de Barros chegou a pedir a renúncia de Castelo Branco, a liquidação dos Atos Institucionais e a realização de eleições direitas. Magalhães Pinto impugna a política econômica-financeira. Mourão Filho apresenta-se em oposição e considera as eleições indiretas uma burla. Na área militar, aumenta o número dos descontentes.

10. Com a aproximação das datas em que serão escolhidos o Presidente da República e os Governadores de onze Estados, acentuam-se as discordâncias com Castelo Branco. Vai-se decidir qual o grupo que empolgará o Poder. Os imperialistas norte-americanos tudo fazem para assegurar as posições alcançadas com o golpe de abril. Desejam manter, na direção do país, homens de sua estrita confiança. Tôda a atividade de Castelo Branco, na questão sucessória, visa a garantir a continuidade de sua camarilha. Depara-se, contudo, com sérias dificuldades. Viu-se forçado a aceitar a candidatura Costa e Silva. Mas continua negaceando. Embora Costa e Silva seja um dos generais mais retrógrados e ligado ao Pentágono, sofre pressão de grupos militares, também reacionários, que fazem, entretanto, restrições à política econômico-financeira e, mesmo, a certos aspectos da política exterior.

A sucessão presidencial, apesar da aprovação pela ARENA da candidatura Costa e Silva, não pode ser considerada resolvida.

Na substituição dos governadores, a interferência de Castelo Branco é das mais cínicas e arbitrárias. Fazendo ameaças de toda natureza, impõe como candidatos pessoas de sua grei, com o objetivo de fortalecer-se em todo o país. Agindo deste modo, entra em conflito com importantes correntes políticas e com militares que aspiram a cargos executivos estaduais.

11. Estas divergências que se vêm acentuando, particularmente em torno da sucessão presidencial e da substituição de Governadores, podem evoluir e ocasionar choques mais sérios. Em virtude da predominância de um sistema discricionário, a atividade política das diferentes forças em pugna se orienta principalmente no sentido da conspiração. Castelo Branco e elementos da oposição, sigilosamente, fazem articulações de toda a ordem para impor suas soluções. A conjuntura nacional é extremamente instável. Podem advir golpes militares, novas medidas de perseguição a patriotas e adversários do Governo e conflitos de maior profundidade, mesmo armados.

Embora levantando bandeiras democráticas, e até mesmo populares, a oposição de Ademar, de Lacerda e de setores militares, se bem que ajudem a luta contra Castelo Branco, não visa à instauração de um clima de liberdade para o povo e a adoção de uma política de acordo com os interesses da Nação. Por maiores que sejam suas discrepâncias com Castelo Branco, eles temem as massas populares e querem salvar o atual regime.

12. A situação brasileira apresenta, assim, uma perspectiva de agravamento das principais contradições internas e externas. Em especial, as contradições entre o povo e o Governo e entre a esmagadora maioria da nação e o imperialismo norte-americano tendem a adquirir caráter mais agudo. Qualquer das saídas presentemente tentadas pelas classes dominantes não amainará as divergências entre os grupos políticos em choque e, muito menos, o descontentamento e a luta

popular. Os imperialistas ianques, aliados à reação interna, se esforçarão para consolidar o que obtiveram no primeiro de abril e intensificarão sua atividade neo-colonialista no país.

Tudo isto demonstra que o Brasil marcha para sérios conflitos políticos, convulsões sociais e lutas de maior envergadura. As contradições fundamentais que se agravam são irreconciliáveis e só podem ser superadas pela revolução.

III

A LUTA DO POVO BRASILEIRO PELA DEMOCRACIA E PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Os acontecimentos verificados a partir de abril de 1964, vieram comprovar, mais uma vez, que os problemas básicos do povo brasileiro demandam soluções radicais. O país somente sairá da profunda crise em que se debate liquidando os principais entraves que se antepõem ao seu progresso, a sua completa independência e ao bem-estar de sua população. O desenvolvimento do Brasil exige que se ponha têrmo à espoliação do imperialismo norte-americano e que se acabe com o iníquo sistema do latifúndio. Exige também a substituição das atuais instituições por outras que estejam em consonância com os interesses nacionais.

Aprofunda-se a crise brasileira

1. A crise de estrutura que o Brasil atravessa já vem de longe. Os políticos mais progressistas das classes dominantes têm, a seu modo, procurado solucioná-la. Nos últimos decênios, várias iniciativas foram adotadas visando a superar o atraso e o subdesenvolvimento. Teorias as mais diversas têm sido apresentadas para resolver as dificuldades. Mas a crise per-

siste e agrava-se cada vez mais. Isto porque nem o latifúndio, nem a dominação imperialista norte-americana foram atingidos.

Com a ditadura, o jugo do imperialismo ianque tornou-se mais opressivo. Não tem limites a espoliação estrangeira. Ficou ainda mais difícil o acesso à terra. Milhões de camponeses não possuem sequer uma pequena gleba, enquanto o latifúndio se amplia sob a forma mais atrasada, a da pecuária extensiva.

A permanência dos fatores adversos à independência e ao desenvolvimento do Brasil faz mais dramáticas as condições de vida da imensa maioria da população. Em 3.554 municípios existentes, 1.379 não contam com um único médico. O quadro nosológico do país revela que 43 milhões de brasileiros são enfermos.

Sòmente nas capitais e grandes centros, onde existe alguma assistência médica e melhores condições de higiene do que no interior, 1.020 crianças, de 1 a 4 anos, morrem diariamente vítimas da sub-alimentação. Quase 3 mil cidades, com população entre 10 mil a 20 mil habitantes, não têm rede de abastecimento de água. Anualmente, 600 mil jovens atingem os 14 anos de idade no mais completo analfabetismo. De 100 alunos que ingressam na 1.ª série primária, apenas 16 chegam à 4.ª série. No hemisfério, única-mente o Haiti e a Nicaragua encontram-se, a êsse respeito, em pior situação. Em fins de maio dêste ano, o II Congresso Nacional de Problemas de Alimentação chegou à conclusão de que «o consumo de alimentos não atinge a exigência diária de calorias a serem absorvidas e que se observa alta incidência de doenças carenciais na população brasileira».

Acentua-se o desenvolvimento desigual do país, não só entre as regiões Norte e Nordeste, de um lado, e a região Centro-Sul, de outro, mas também entre o litoral e o interior. Na faixa litorânea, onde se situam as principais cidades, sempre é possível registrar sinais de progresso. No entanto, as vastas regiões interiores estão completamente abandonadas. Sua população não conta mesmo com os precários recursos de que dispõem as classes menos favorecidas das grandes cidades. Tornam-se cada vez mais definidos os con-

tornos de dois Brasis: um que desfruta de certas vantagens da civilização moderna e outro que vive num atraso secular.

2. A revolução é o único meio para resolver a profunda crise que avassala o país. Sòmente ela pode dar uma nova estrutura econômica à Nação, acabar com o odioso monopólio da terra e com a espoliação estrangeira, propiciar liberdade, cultura e bem-estar ao povo, pôr fim às desigualdades entre as diferentes regiões do país. Sòmente ela pode impedir que o Brasil seja utilizado como instrumento dos imperialistas norte-americanos em seus planos de domínio do mundo. A revolução fará surgir um autêntico govêrno do povo, um regime democrático e progressista.

3. Em seu Programa, aprovado na Conferência de fevereiro de 1962, o Partido Comunista do Brasil indicou o caminho da revolução nacional e democrática, agrária e antiimperialista. Mostrou o caráter reacionário e antinacional do atual regime e a impossibilidade de resolver, dentro de seus limites, os problemas fundamentais do país. Definiu as tarefas dessa revolução e apontou a maneira de enfrentá-las. A vida encarregou-se de comprovar a justeza do Programa do Partido. Por isso, os comunistas, em sua multifacética atividade, jamais devem perder de vista o seu Programa. Precisam nortear-se por êle, que é a meta a atingir nesta primeira etapa da revolução.

União pela independência, o progresso e a liberdade

4. Na luta pelo seu Programa, o Partido busca, no processo político em curso, as formas e meios de aproximar-se de seus objetivos. Na hora presente, o povo brasileiro tem diante de si importante e urgente tarefa: unir-se e lutar para livrar o país da ameaça de recolonização, da grave crise em que se debate e do sistema político ultra-reacionário impôsto pela ditadura. Perigo sem precedente paira sôbre o Brasil, sujeito a viver longo tempo sob o regime ditatorial, a ter seu desenvolvimento interrompido e a perder

suas características de nação independente. Em tal circunstância, nenhum problema pode sobrepôr-se ao objetivo de salvar o país dêsse perigo.

Está colocada na ordem-do-dia a necessidade de organizar a mais ampla união patriótica que, sob o lema de independência, progresso e liberdade, possa aglutinar em um impetuoso movimento nacional as forças populares e as correntes democráticas. É a união para aniquilar a ditadura e postular transformações progressistas. Qualquer que seja a filiação partidária, a tendência filosófica ou religiosa, a classe ou camada social a que pertençam, os verdadeiros patriotas têm o dever irrecusável de se unir para a ação comum contra os inimigos da democracia e da soberania nacional. Estão em jogo os próprios destinos da Pátria.

5. Atualmente, existem aspirações comuns aos mais amplos setores da população e que servem de base para unificar o povo brasileiro. Estas aspirações, hoje sentimento irreprimível, vinham-se delineando há muitos anos. Traduziam-se na exigência da fundação das indústrias de base, ampliação do mercado interno, realização de uma reforma agrária, liquidação do atraso das regiões Norte e Nordeste, enfim, de desenvolvimento da Nação. Expressavam-se, também, nos reclamos de uma política externa independente e de respeito à soberania do país e nos protestos contra a espoliação estrangeira. Manifestavam-se, de igual modo, na demanda da Reforma Universitária e da preparação de técnicos e cientistas, na afirmação de uma arte brasileira, em suma, nos anseios de uma cultura genuinamente nacional. Revelavam-se, finalmente, no ardente desejo de liberdade, franco debate das idéias, extensão do voto ao analfabeto, constituição de um governo democrático, em síntese, na reivindicação de uma autêntica democracia.

Nas novas condições políticas, são mais intensos ainda os anseios de progresso e renovação. Cresce, sem cessar, a resistência ao grupo militar no Poder. A luta contra Castelo Branco une as mais variadas forças políticas e sociais. Derrubar a ditadura e todo o sis-

tema político por ela criado passou a ser um reclamo geral. As questões que melhor exprimem êsses anseios e que afloram com bastante vigor no próprio curso dos acontecimentos podem, em linhas gerais, ser assim formuladas:

- Oposição decidida à recolonização do Brasil pelos Estados Unidos. Defesa da soberania nacional. Política externa independente. Combate à espoliação do país pelos trustes norte-americanos.
- Desenvolvimento independente da economia nacional. Providências que impeçam a desnacionalização da indústria brasileira. Ajuda às regiões mais atrasadas. Reforma agrária que beneficie as massas camponesas. Preservação e ampliação dos direitos da classe operária. Elevação dos salários dos trabalhadores e contenção da alta do custo de vida. Bem-estar do povo.
- Defesa da cultura nacional. Combate ao analfabetismo. Reforma Universitária e liberdade de cátedra. Medidas contra a penetração norte-americana na imprensa, no rádio e na televisão. Proteção ao livro brasileiro.
- Garantia das liberdades democráticas. Voto universal, direto e secreto, inclusive para os analfabetos. Direito de reunião e de organização. Livre manifestação do pensamento. Anulação de todos os atos da ditadura de perseguição aos patriotas.
- Governo democrático, representativo de tôdas as forças patrióticas. Convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita.

6. Uma plataforma dêste tipo pode servir de denominador comum à união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade. Por sua amplitude, por seus objetivos democráticos e de defesa dos interesses nacionais, está chamada a desempenhar importante papel na mobilização do povo e na aglutinação de tôdas as forças suscetíveis de serem unidas.

Outras correntes políticas têm apresentado programas visando a unir os brasileiros contra a ditadura. São manifestações do desejo de unidade que correspondem à vontade das massas. Estão maduras as condições para forjar, na luta, uma ampla união patriótica. Numerosas são as ações pelas liberdades e a emancipação nacional. Grande a insatisfação com o atual estado de coisas. Tudo isto pode ser canalizado para um mesmo leito. A concretização de um movimento como a união patriótica pela independência, o progresso e a liberdade faria surgir uma poderosa força capaz de enfrentar com pleno êxito os inimigos mortais do povo brasileiro, assestar golpes nos imperialistas norte-americanos e seus lacaios e descortinar uma nova situação política no país.

Esta nova situação não advirá sob o Governo de Castelo Branco ou de um Costa e Silva qualquer. Necessariamente, terá que ser implantado um novo governo de tipo completamente diverso do atual. É possível que se instaure, como resultado da vitória do movimento pela independência, o progresso e a liberdade, um governo democrático, representativo de todas as forças patrióticas. Um governo desta natureza teria como uma de suas principais atribuições a convocação de uma Assembleia Constituinte. Só nestas condições tal Assembleia poderia corresponder às aspirações nacionais. Dentro do sistema vigente, sob a égide dos generais reacionários, a Constituinte não passaria de uma farsa.

A união dos patriotas, hoje um sentimento que começa a tomar vulto, pode concretizar-se e rapidamente tomar forma organizada. Iniciativas objetivando estruturá-la em diferentes esferas de atividade terão grande significado para criar êsse poderoso instrumento de luta do povo.

7. O Partido Comunista do Brasil empenhará todas as suas energias para que se concretize essa frente única dos patriotas. O fato de o imperialismo ianque atuar no sentido da recolonização de nossa Pátria, determina modificações tanto no campo das forças revolucionárias como no da contrarrevolução.

Nesta conjuntura, o problema da frente única adquire importância primordial. Torna-se um imperativo reunir o máximo de forças para combater o imperialismo norte-americano e seus lacaios. Assim agindo, os comunistas estão coerentes com os seus princípios. Partem de questões que sensibilizam diretamente vastas camadas do povo e galvanizam grandes massas. O Partido considera que a solução da crise brasileira está no triunfo total da revolução nacional e democrática. Não tem dúvida, porém, de apoiar um movimento de união patriótica com objetivos mais limitados. Quanto maior fôr o contingente da população mobilizado para a luta contra a ameaça neocolonialista e a ditadura, tanto mais próximo o povo está de sacudir o jugo da opressão estrangeira.

Se os comunista não trabalharem para formar essa frente única, não conseguirem aliar-se com as diversas correntes e elementos dispostos a contribuir para a derrota dos exploradores estadunidenses, não encontrarem a melhor maneira de atuar com estas correntes e elementos, impossível será alcançar a vitória.

No esforço para forjar a frente única, os comunistas devem desenvolver intensa atividade, particularmente entre a classe operária e as grandes massas camponesas, tendo sempre em vista formar a aliança destas duas classes sociais. O Partido estará, assim, concorrendo para assegurar a hegemonia do proletariado na revolução.

Desenvolver ação política de massas

8. Um poderoso movimento de massas, apoiado na unidade popular e patriótica, de imediato, tornaria mais difícil à ditadura realizar sua política entreguista e liberticida, faria aumentar as divergências no campo da reação, criaria condições favoráveis à elevação do nível das lutas. Não se pode esperar que a ditadura caia por si mesma. Tampouco se modificará a situação nacional se predomina a passividade e se se aguarda, contemplativamente, um levante popular espontâneo e geral.

O alvo principal do ataque das correntes populares e patróticas é o Governo de Castelo Branco, que representa os interesses dos imperialistas norte-americanos e de tudo o que há de mais obscurantista no país. É o agente mais destacado dos monopólios ianques, em torno do qual se junta a fina flôr do entreguismo. Suas tentativas hipócritas de aparecer como defensor da legalidade precisam ser incessantemente desmascaradas.

Desenvolver o movimento político de massas tem que ser a preocupação dos verdadeiros patriotas. Sem a participação ativa do povo não se conseguirá modificar a atual situação, o país permanecerá sob a ditadura e continuará a sofrer as consequências de uma política de traição nacional. Por maior que seja o descontentamento, se as massas não forem mobilizadas para a luta não se derrotará o grupo que se apoderou do Poder.

É indispensável, portanto, que as massas intervenham nos acontecimentos políticos e lhes imprimam um rumo em consonância com os reais interesses da Nação. Levantando as reivindicações populares, opondo firme resistência à entrega do país ao estrangeiro, erguendo as bandeiras democráticas e utilizando as contradições entre os reacionários — o movimento patriótico se fortalecerá e conquistará novas posições.

A ação de massas deve estender-se por todo o país e abarcar as mais diversas camadas da população. Nas cidades, os operários, os estudantes, a intelectualidade e as donas-de-casa podem organizar demonstrações contra a ditadura e a dominação ianque. É no campo, porém, onde existem as melhores condições para desenvolver as lutas do povo brasileiro.

O trabalho de massas no campo

9. Os movimentos de renovação social e política que ocorreram em distintos períodos de nossa História, e que se propagaram nas cidades, não lograram êxito, nem tiveram maior consequência, exatamente porque não contaram com o respaldo do campesinato. Na presente situação, o movimento democrático e

antiimperialista se ressentia da falta de maior atuação do regime atrabiliário que impera no país, ainda há condições de utilizar formas abertas de atuação. Desfiles, comícios, greves, marchas contra a carestia, assembleias sindicais, paralisações parciais de trabalho têm sido usados pelos estudantes, trabalhadores e donas-de-casa. O emprêgo destes meios de luta está relacionado com a situação política e as condições concretas de cada lugar. Às vezes há ambiente mais favorável em um Estado do que em outros para desencadear ações populares. As massas podem ir forçando o uso das massas camponesas. No entanto, os camponeses são os mais interessados na reforma agrária e em outras transformações de caráter progressista.

No campo vivem milhões de brasileiros, abandonados, sem nenhum direito, sem assistência de qualquer espécie, submetidos a impiedosa opressão e terrivelmente explorados. Qualquer luta por suas reivindicações é respondida com a violência mais brutal. Sob a ditadura, agravaram-se as condições de vida das populações do interior. Os assalariados agrícolas são numerosa massa de trabalhadores que percebem ínfimos salários e labutam em regime desumano. Não têm serviço permanente e passam longos períodos sem emprêgo. Os posseiros encontram-se constantemente ameaçados de expulsão da terra que ocupam. Os parceiros, os camponeses pobres e, mesmo, os camponeses médios curtem privações e são vítimas da ganância dos intermediários. Até agricultores que possuem bastante terra não têm recursos financeiros para explorá-las, nem possibilidades de melhorar sua situação. Intensificam-se as perseguições aos camponeses. Milhares de lutadores que dirigiram movimentos em prol da reforma agrária foram obrigados a abandonar os lugares onde moravam. A criação do IBRA somente acarretou ônus para os pequenos proprietários e o cadastramento rural outro propósito não teve senão o de agravar impostos.

A massa camponesa é uma grande força a ser mobilizada para a conquista dos objetivos democráticos e nacionais. Possui tradição de luta e espírito de combatividade. Nos últimos anos, manifestou com veemência sua aspiração à posse da terra. Apesar de

viver apartada dos centros mais adiantados, de ser secularmente oprimida, constitui inesgotável reserva de energias revolucionárias. Posta em movimento, sob uma direcção consequente, mudará o rumo dos acontecimentos e transformará a fisionomia política, económica e social do país.

Por esta razão, é dever precípua dos democratas e patriotas das cidades ajudar os camponeses a tomar consciência do papel que estão chamados a desempenhar, auxiliá-los por todos os meios a engajar-se na luta. Em especial, operários e estudantes, assim como professores, médicos, agrônomos e técnicos agrícolas, que tenham condições de se deslocar para o interior, precisam dedicar-se à honrosa tarefa de vincular-se estritamente aos camponeses, conhecer suas aspirações, prestar-lhes solidariedade, organizá-los e orientá-los. No seio da própria massa camponesa encontram-se homens e mulheres capazes de se converter, rapidamente, em líderes combativos dos movimentos pela terra e por outras reivindicações democráticas.

Formas de lutas

10. Concentrando sua atividade contra a ditadura, as massas recorrem a várias formas de luta. Apesar do regime atabaliário que impera no país, ainda há condições de utilizar formas abertas de atuação. Desfiles, comícios, greves, marchas contra a carestia, assembléias sindicais, paralizações parciais de trabalho têm sido usados pelos estudantes, trabalhadores e donas-de-casa. O emprego destes meios de luta está relacionado com a situação política e as condições concretas de cada lugar. Às vezes há ambiente mais favorável em um Estado do que em outros para desencadear acções populares. As massas podem ir forçando o uso dos direitos democráticos.

É preciso utilizar também as formas de luta clandestinas, tais como distribuição de volantes, pinturas murais, comícios-relâmpagos, demonstrações contra os espoliadores norte-americanos e resistência às violências policiais. É necessário organizar a proteção das manifestações populares diante da brutalidade da rea-

ção. Particularmente no campo, onde a mais simples ação é reprimida com ferocidade, a formação de grupos de autodefesa destaca-se como imperativo da luta e da preservação da vida dos camponeses.

Merecem especial atenção os tipos de luta capazes de mobilizar massas, contribuir para fortalecer o movimento contra a ditadura e ajudar a acumulação de forças. É preciso evitar os atos aventureiros que isolem os revolucionários e permitam à reação golpeá-los.

11. A vitória das correntes democráticas, porém, não será conseguida unicamente através daquelas formas de luta. Os esforços do povo para alcançar pacificamente seus fins têm encontrado a mais ferrenha resistências das forças retrógradas internas e do imperialismo ianque. Toda tentativa de modificações progressistas, como a alteração do estatuto da propriedade da terra e a doação de medidas para refrear, em benefício dos interesses nacionais, a exploração dos monopólios alienígenas, é repelida violentamente. Nem mesmo as medidas de menor alcance são toleradas. As Forças Armadas têm sido o principal instrumento de repressão e os elementos patriotas e democratas, que sempre surgem em seu seio, são periodicamente expurgados.

Em 1954, Getúlio Vargas foi levado ao suicídio porque pretendia promulgar leis restritivas ao capital estrangeiro. Sete anos depois, Jânio Quadros viu-se obrigado a renunciar porque procurava levar à prática uma política externa que contrariava, em certo sentido, as directrizes de Washington. Em 1964, João Goulart era apeado do Governo por ter aprovado dispositivos legais que limitavam privilégios das empresas imperialistas e por se mostrar partidário de alterações na estrutura agrária do país. Também as perseguições furiosas que, constantemente, atingem os comunistas e as massas populares estão relacionadas com as suas lutas pelas reivindicações nacionais e democráticas.

Até agora, a missão de conter o movimento popular tem estado a cargo das forças reacionárias internas. Mas os imperialistas norte-americanos estão prontos a invadir o território brasileiro, caso aquelas forças se mostrem impotentes. Em artigo publicado em vários

jornais, Carlos Lacerda afirmou que o ex-embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, lhe declarara, imediatamente após o golpe de abril, que «sua maior satisfação, seu alívio, foi ver que as Forças Armadas do Brasil haviam conseguido fazer em tão pouco tempo, e sem sangue, o necessário para evitar que os Estados Unidos tivessem que intervir militarmente no Brasil».

A experiência política do povo brasileiro mostra que para alcançar a independência, o progresso e a liberdade é necessário esmagar os reacionários mancomunados com os monopolistas ianques. Isto só é possível por meio da revolução. Eis porque, simultaneamente com a acção política e a actividade para organizar a união dos patriotas, é imprescindível preparar-se para a luta armada, forma mais alta da luta de massas.

12. A idéia de que é indispensável empunhar armas para libertar o país do atraso e da opressão vem ganhando força. Depois da insurreição nacional-libertadora de 1935, o Partido Comunista do Brasil, em 1950 e em 1954, indicou a via revolucionária para o povo alcançar a vitória. Em 1961, o movimento das Ligas Camponesas, dirigido por Francisco Julião, proclamou a necessidade de recorrer à violência. Nos anos mais recentes, aquela idéia estendeu-se mais ainda. Correntes políticas, como a chefiada por Leonel Brizola, passaram a defender um caminho revolucionário. O golpe de abril visou, entre outras coisas, a sufocar o sentimento em favor da luta armada que se apoderava das massas. Nada conseguiu. Ao tentar destruir pela força o movimento democrático e antiimperialista, a ditadura, contra a sua vontade, pôs em evidência a importância dessa luta. Muitos que antes acreditavam ser possível resolver os problemas fundamentais do país por meios pacíficos, convenceram-se que é inevitável recorrer às armas para solucionar esses problemas. Boa parte dos que alimentavam ilusões numa pretensa tradição democrática do Exército, persuadiu-se do caráter reacionário das Forças Armadas.

13. A luta revolucionária em nosso país assumirá a forma de guerra popular. Esta constatação dimana tanto da experiência internacional como do estudo da

realidade brasileira. Quando o imperialismo norte-americano interfere a ferro e fogo em tôda a parte e as forças reacionárias desenvolvem o aparelho de coerção, sòmente uma luta que englobe o povo em seu conjunto poderá ter pleno êxito.

A guerra popular é o caminho para a emancipação dos povos oprimidos nas novas condições do mundo. É a maneira atual de enfrentar e derrotar os opressores. Não é o caminho clássico da greve geral política e da insurreição nas cidades, tal como ocorreu na antiga Rússia, mas o da luta armada que, paulatinamente, vai-se estendendo até abarcar a esmagadora maioria do povo. No curso da guerra popular, as greves gerais e os levantes nos grandes centros poderão surgir. Não constituirão, no entanto, a sua característica determinante. As forças armadas populares, inicialmente débeis, crescem e tornam-se fortes e superiores às do adversário. Por mais dificuldades que defrontem, por mais derrotas parciais que sofram, sua tendência será a de se ampliar, fortalecer e vencer o inimigo. Sendo parte integrante do povo, têm nêle a fonte de sua invencibilidade.

A concepção da guerra popular pressupõe intenso trabalho político e de organização entre as massas. Implica na necessidade de organizar as forças armadas do povo, a partir de pequenos núcleos de combatentes, no amplo emprêgo da tática de guerrilhas e na criação de bases de apoio no campo. Envolve a compreensão de que os camponeses pobres e os assalariados agrícolas constituem o grosso das forças armadas populares, que o cenário principal dos choques armados é o interior do país e que a luta será dura e prolongada.

É para a guerra popular que o povo brasileiro terá que se preparar. Em tôda parte, em especial no campo, é preciso discutir os problemas da luta armada e, guardadas as normas de trabalho conspirativo, tomar medidas visando a sua preparação prática. O povo brasileiro, unindo suas forças em ampla frente única, desenvolvendo intensa atuação política e recorrendo às mais variadas formas de luta, estará em condições de conquistar a vitória.

No plano político nacional, as tarefas do Partido são:

- Concentrar esforços na luta contra o governo de Castelo Branco e sua política antinacional e antipopular. Desmascarar e combater o sistema político ditatorial instaurado no país.
- Trabalhar com perseverança para forjar a união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade.
- Levantar bem alto a bandeira da independência nacional. Lutar contra a penetração imperialista ianque no Brasil. Exigir o afastamento de todo o pessoal norte-americano da USAID infiltrado nas repartições públicas. Anulação dos acordos com os Estados Unidos que violam a soberania nacional, bem como os convênios e ajustes que permitem a interferência norte-americana nos assuntos internos do Brasil. Expulsão dos Voluntários da Paz e dos espiões ianques. Combater a intromissão norte-americana na imprensa, no rádio e na televisão.
- Exigir a cessação das perseguições de carácter político. Liberdade para os presos políticos e invalidação de todos os inquéritos policiais-militares. Liquidação do terrorismo cultural. Liberdade de imprensa com a volta à circulação dos jornais suspensos pela ditadura. Respeito aos direitos democráticos. Eleições diretas e livre organização partidária.
- Organizar e desenvolver a luta pelas reivindicações económicas dos trabalhadores das cidades e do campo. Defender as conquistas da classe operária ameaçadas pela ditadura. Pugnar por eleições livres nos sindicatos e pelo direito de associação para os camponeses. Organizar os trabalhadores nas emprêsas e nas concentrações de assalariados agrícolas.
- Apoiar as reivindicações estudantis e defender a autonomia de suas organizações tradicionais.
- Difundir a idéia da revolução. Fazer propaganda da luta armada e ajudar as massas a se preparar concretamente para a guerra popular.

IV

DERROTAR O REVISIONISMO PARA FAZER AVANÇAR A REVOLUÇÃO

Para derrotar os inimigos mortais do povo brasileiro e conduzi-lo à vitória, é preciso não dar tréguas ao revisionismo contemporâneo e a tôdas as tendências hostis ao marxismo-leninismo. A luta ideológica ocupa atualmente lugar destacada na atividade dos comunistas. O combate às idéias estranhas aos interesses do proletariado e a defesa intransigente da doutrina de Marx, Engels e Lênin são tarefas das mais importantes do movimento operário mundial. Os revisionistas devem ser desmascarados, isolados e batidos. Sem alcançar êste objetivo é impossível vencer o imperialismo norte-americano e levar adiante a revolução.

Traidores da Revolução

1. A luta que se trava entre os povos e os imperialistas norte-americanos é inseparável do combate sem quartel ao revisionismo contemporâneo. Esta corrente adversa ao marxismo-leninismo, que dominou o Partido Comunista da União Soviética, alastrou-se no movimento comunista mundial. Objetiva desviar os povos oprimidos da luta por sua emancipação nacional, afastar o proletariado dos países capitalistas da luta

revolucionária pelo socialismo e fazer as nações socialistas regredirem ao capitalismo. Expressa a influência da burguesia no movimento operário e a capitulação diante do imperialismo.

O principal mentor do revisionismo foi Nikita Kruschov. Este renegado, em seus informes ao XX e ao XXII Congressos do PCUS, fundamentou e sistematizou todo um corpo de idéias visceralmente antagônicas à teoria do proletariado. Suas teses, apresentadas como contribuição ao marxismo-leninismo, rapidamente se revelaram falsas e perniciosas. A chamada coexistência pacífica era simples cooperação com os Estados Unidos; a competição pacífica não passava de artifício para obstaculizar a luta dos povos oprimidos; a transição pacífica significava renúncia à revolução; o Estado de todo o povo representava a negação da ditadura do proletariado; e o Partido de todo o povo exprimia liquidação do carácter de classe do PCUS. Em nome do combate ao culto à personalidade, Kruschov enlameou a memória de Stálin, cuja vida está ligada aos grandes êxitos obtidos pela União Soviética na construção do socialismo e na guerra contra o nazismo. Com isto, procurou encobrir seus ataques a princípios básicos do marxismo-leninismo. Atingiu, em seus fundamentos, a concepção de Lênin sobre o papel dos chefes e das massas. Investiu contra os quadros do PCUS vinculados à tradição do bolchevismo e interveio em numerosos partidos comunistas para destituir os que não aceitavam o revisionismo. Possibilitou o levante contra-revolucionário na Hungria, em 1956, e forneceu armas ideológicas à reação mundial para atacar o comunismo.

2. A queda de Kruschov não modificou a orientação dos revisionistas. Seus sucessores defendem as mesmas idéias errôneas e, com seu farisaísmo, são ainda mais perigosos. A frente do PCUS e do Governo soviético, falam muito em combater o imperialismo norte-americano, mas, de fato, o que vêm fazendo é intensificar a colaboração com os Estados Unidos. Em inúmeras ocasiões, têm repetido que «é invariável a política da URSS no sentido de estabelecer uma coopera-

ção com os Estados Unidos em todos os terrenos». No que se refere ao movimento comunista, proclamam desejos de unidade. Na realidade, porém, levam a cabo a mais cínica atividade divisionista. Declararam, sucessivas vezes, seu apoio à luta de emancipação nacional. No entanto, procuram, por todos os meios, abafar os movimentos armados antiimperialistas que surgem em diferentes pontos do globo. No Vietnã, para manter as aparências, dão alguma ajuda ao Governo de Hanói. Contudo, tal ajuda é insignificante. Não corresponde, nem de longe, às possibilidades de um país como a União Soviética. Ao invés de contribuir para auxiliar o povo vietnamita a expulsar os invasores, tentam salvar os imperialistas ianques da derrota, através de uma paz negociada que favoreça aos Estados Unidos. Enterando-se mais ainda no lodaçal do retôrno ao capitalismo, os dirigentes do PCUS difundiram o sistema do lucro nas emprêsas, adoptaram métodos não-socialistas de gestão de fábricas e ampliaram a propriedade individual dos colcosianos. Assinaram contratos com firmas de países capitalistas para a construção de fábricas de automóveis de uso particular, o que só beneficiará uma pequena camada de privilegiados.

Os revisionistas contemporâneos, provocando a cisão no movimento comunista mundial, levaram também a divisão ao campo socialista. A formação dêste campo foi uma das maiores conquistas do proletariado e dos trabalhadores do mundo inteiro. Constituía gigantesca base de apoio para a luta contra o imperialismo e para a revolução mundial. Em conseqüência da posição dos revisionistas, a União Soviética e quase todos os países socialistas da Europa Oriental deixaram de cumprir aquela função e, na prática, com a política de hostilidade à China e à Albânia e de discriminação em relação a outros países socialistas, abalaram os alicerces do campo do socialismo. Este é um dos crimes inomináveis dos revisionistas contemporâneos. Nessas condições, o campo socialista em seu conjunto já não pode ser considerado como base de apoio da luta revolucionária dos povos. Só uma parte dêste campo, encabeçada pela China Popular, exerce este papel.

Assim os revisionistas do PCUS e seus seguidores em todo o mundo são traidores da revolução e do socialismo. Objetivamente, são aliados dos imperialistas ianques e obstáculos à luta dos povos.

3. No Brasil, também os revisionistas são traidores da revolução. Dirigido por Prestes, o PC Brasileiro abandonou o marxismo-leninismo e abraçou as teses oportunistas do PCUS, ocasionando prejuízos consideráveis à luta democrática e antiimperialista.

Os revisionistas brasileiros afirmaram que o Estado, em nosso país, encontrava-se em processo de democratização crescente, que o Exército era democrático e que a magistratura começava também a se democratizar. Asseveraram que, nos marcos do atual regime, seria possível a conquista de sucessivos governos nacionalistas e democráticos que abririam caminho para a revolução. E que, acumulando reformas, a Nação seria libertada pacificamente do jugo do imperialismo e do latifúndio. Proclamaram que Goulart tinha condições para se colocar à frente do movimento revolucionário e que, apoiado no dispositivo militar, o Governo poderia fazer as reformas de base. Consideravam que o imperialismo norte-americano estava dividido em duas alas, uma reacionária e outra favorável à paz. Atacaram e injuriaram todos os partidários da revolução. Adaptando-se à legalidade das classes dominantes, Prestes e seus acólitos renegaram o velho Partido do proletariado, criaram um novo partido de tipo social-democrata — o Partido Comunista Brasileiro — que, há muito, a burguesia, sem sucesso, procurava estruturar no Brasil para combater as forças autenticamente revolucionárias. Desta forma, cindiram as fileiras comunistas. As vésperas dos acontecimentos do primeiro de abril, anunciaram, solenemente, que a reação já estava batida e que a vitória seria fácil e rápida. Com tal atitude, contribuíram, em grande medida, para desarmar politicamente as massas, facilitando a ação dos golpistas.

4. O combate ao revisionismo é uma necessidade da luta revolucionária. É preciso retirar da influência dos revisionistas as massas que ainda os seguem. Sem rea-

lizar um desmascaramento implacável dos portadores das idéias burguesas no movimento operário não se pode unificar e fortalecer o exército combatente do proletariado. «A luta contra o imperialismo — ensinava Lénin — se não estiver ligada à luta contra o oportunismo, é uma frase vazia». Grande é a importância, pois, da contenda ideológica que se processa nas fileiras comunistas. Dia a dia se definem, em cada país e no mundo, com mais nitidez, as duas correntes em choque — a dos marxistas-leninistas e a dos revisionistas. Isto vem possibilitando ganhar vastas massas populares para as justas posições revolucionárias. Cabe ao Partido Comunista da China e ao Partido do Trabalho da Albânia o mérito de terem sido os primeiros a denunciar o aparecimento do revisionismo na União Soviética.

O marxismo-leninismo vem alcançando expressivas vitórias no combate ao revisionismo contemporâneo. Este, que ainda dispõe de força, vem sendo derrotado e está mergulhado em profunda crise. A resistência ao revisionismo aumenta progressivamente. Ao PC da China e ao Partido do Trabalho da Albânia juntaram-se, em defesa do marxismo-leninismo, partidos comunistas como os da Coreia, Vietnã, Japão, Indonésia, Nova Zelândia, Malásia e Birmânia. Desde 1962, começaram a aparecer partidos marxistas-leninistas constituídos com elementos revolucionários que se insurgiram contra a transformação dos velhos partidos em organizações reformistas. No Brasil, Bélgica, Austrália, Índia, Ceilão, Tailândia, Colômbia, Equador, Peru, Chile, Bolívia e São Domingos já existem as organizações de vanguarda da classe operária. Há grupos marxistas-leninistas em quase todos os países. O movimento revolucionário, marxista-leninista, é, hoje, uma força em plena ascensão. Ninguém poderá detê-lo.

A grande maioria do proletariado vem se fortalecendo no combate às teses oportunistas, na denúncia inexorável da traição dos dirigentes revisionistas. Nesta luta, o marxismo-leninismo se enriquece com teses novas, esclarecendo uma série de importantes problemas de nossa época, pondo em relêvo toda a sua essência revolucionária e transformadora. Notável, neste sentido, é a contribuição dos comunistas chineses.

Impossível a unidade entre os marxistas e os revisionistas

5. A luta contra o revisionismo prosseguirá até sua completa derrota. Estão em confronto dois pontos-de-vista bem definidos, diametralmente opostos: fazer ou não a revolução, enfrentar ou não o imperialismo, levar ou não a revolução socialista até ao fim. Não há meio termo, nem possibilidade de conciliação. Trata-se, em essência, da luta de classe entre o proletariado e a burguesia. É impossível a união dos partidos marxistas-leninistas com os partidos revisionistas.

A unidade do movimento comunista, em cada país e no âmbito mundial, é uma exigência da luta de classe. O lema «Proletários de todos os países, uní-vos!», lançado em 1848 por Marx e Engels, mantém toda a sua atualidade. Mas a unidade só pode ser feita em torno dos princípios revolucionários. Os que devem se unir, em único partido, são os marxistas-leninistas. Não há lugar no Partido Comunista para os que não têm a mesma ideologia e não aceitam o mesmo programa revolucionário. A unidade defendida pelos clássicos do marxismo não admite que coexistam, no seio da mesma organização partidária, revolucionários e oportunistas. Lênin afirmava: «A unidade é uma grande causa e uma grande palavra-de ordem! Mas a unidade que a causa operária necessita é a unidade dos marxistas e não a dos marxistas com os adversários e tergiversadores do marxismo».

Presentemente, as fileiras comunistas atravessam um período de divisão e de luta, no curso do qual se está forjando nova unidade, em nível mais elevado. A base para esta unidade do movimento comunista mundial já existe. É formada pelos partidos comunistas dos países socialistas que se mantiveram fiéis ao marxismo-leninismo; pelos partidos comunistas e operários do mundo capitalista que não se deixaram enredar pelo revisionismo; e pelos partidos que surgiram da cisão com os revisionistas em vários países. O Partido Comunista do Brasil constitui também a base para a unidade do movimento comunista brasileiro.

6. É impraticável, igualmente, a frente única entre os partidos marxistas-leninistas e os partidos revisionistas. A frente única mundial dos povos dirige-se, fundamentalmente, contra o imperialismo norte-americano. Os revisionistas, embora façam pomposas declarações contra os monopolistas dos Estados Unidos, de fato, não lutam contra eles. Ao contrário, colaboram e conciliam. Os revisionistas soviéticos procuram, inclusive, a título de ajuda, desviar do caminho revolucionário os que por ele enveredaram. As ações que aparentemente realizam em favor das lutas de libertação, como no caso do Vietnã, não visam a ajudar os povos a derrotar o imperialismo, mas sim colocar essas lutas sob a sua tutela e a tentar solucionar os conflitos na órbita da cooperação soviético-norte-americana.

Em relação ao PC Brasileiro é, no entanto, possível a unidade de acção com os militantes de base ou com as alas dêsse partido que não estão de acôrdo com a linha oportunista.

7. Não comporta posição intermediária a luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo. É errônea a posição de equidistância entre o PCUS, que lidera o revisionismo, e o PC da China que está à frente dos marxistas-leninistas. Não se pode fazer caso omisso das diferenças de princípio entre as duas linhas em choque. Tampouco é admissível adotar atitude revolucionária no plano interno e, no plano externo, aliar-se aos revisionistas. Ou vice-versa: apoiar as teses dos comunistas chineses e colocar-se contra os marxistas-leninistas de dentro do país.

A posição intermediária reflete, em geral, tendência à conciliação, como se fôsse possível harmonizar interesses antagônicos. A conciliação serve à burguesia e não ao proletariado. Não é a posição de equidistância que convém à classe operária. O que lhe interessa é o fortalecimento dos partidos que possuem uma linha revolucionária, de classe, do proletariado. Equidistância não é, de modo algum, independência. Os Partidos Comunistas são independentes e iguais em direitos. Não se subordinam uns aos outros, mas seguem uma linha comum no plano mundial e lutam pela unidade do movimento comunista internacional, baseada no

marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário. É incoerência ter uma posição revolucionária no plano interno e, no externo, apoiar os revisionistas. Mesmo porque a ação do revisionismo na esfera internacional tem profundos reflexos na situação interna de cada país, dificulta o processo revolucionário e, por isso, precisa ser enèrgicamente combatida. Não se definir sôbre as divergências no movimento comunista mundial é uma conduta inconsequente e conciliatória. A posição da equidistância é própria dos que, buscando a senda revolucionária, ainda estão sob a influência das idéias burguesas e por esta razão vacilam. No Brasil, é necessário ajudá-los com a crítica paciente e fraternal para que avancem até as posições do proletariado. Mesmo por que não poderão permanecer por muito tempo na atitude de equidistância: ou evoluem para os pontos-de-vista do marxismo-leninismo ou acabarão servindo de entrave ao movimento revolucionário.

É bastante ilustrativo o que se passou com os dirigentes cubanos. Na polêmica entre os marxistas-leninistas e os revisionistas contemporâneos, Fidel Castro procurou, durante certo período, não se definir, argumentando que assim procedia para melhor defender a unidade do movimento comunista. Esta tentativa de equidistância fracassou. Fidel passou para o ataque aberto e injustificável ao Partido Comunista da China e aos marxistas-leninistas de todo o mundo. Embora proclame seus propósitos de luta contra o imperialismo norte-americano, na realidade, colocou-se ao lado do PCUS e demais partidos revisionistas.

Sôbre a hegemonia do proletariado na revolução

8. Além do revisionismo, outras concepções estranhas ao proletariado têm-se manifestado. Há elementos que, pugnando pela solução revolucionária, defendem a opinião de que sòmente a burguesia nacional pode dirigir a revolução. Afirmam que a burguesia possui líderes de prestígio e influência entre o povo. Consideram que a direção do proletariado radicaliza a luta,

afasta aliados e impede a aglutinação de tôdas as forças suscetíveis de serem mobilizadas. Tal concepção é falsa.

A burguesia nacional está chamada a desempenhar um papel de certa importância na luta contra o imperialismo norte-americano e pela reforma agrária. É força integrante da frente única democrática e antiimperialista. Seria grave erro sectário não ter isto em conta. Mas, na época atual, acentua-se o caráter dúplice da burguesia que, em consequência, vacila e concilia. Os fatos provam que a direção da burguesia não levará jamais o movimento revolucionário à vitória. O período do Governo de Goulart e os acontecimentos que culminaram com o golpe do primeiro de abril testemunham a incapacidade da burguesia nacional de dirigir a luta democrática e emancipadora.

Somente uma classe como o proletariado pode conduzir com êxito a revolução. É inimiga irreconciliável do imperialismo e do latifúndio. Por isto, tem as melhores condições para unir-se aos camponeses, e com eles forjar uma sólida aliança, marchar com a pequena-burguesia e com a intelectualidade progressista e atrair a burguesia nacional.

A hegemonia na primeira etapa da revolução é problema fundamental para a classe operária. Por ser a força mais avançada da sociedade e infensa a toda sorte de exploração, não se limita aos objetivos democrático-burgueses. Está interessada no socialismo. Tem em mira, uma vez cumpridas as tarefas democráticas e nacional-libertadoras, passar à etapa socialista, o que só alcançará conquistando a direção do movimento.

A afirmativa de que apenas a burguesia nacional conta com dirigentes de prestígio entre o povo não é argumento razoável. O importante é saber se esses dirigentes são ou não aptos para orientar de maneira justa a revolução. A experiência política brasileira indica que os líderes da burguesia não têm-se mostrado à altura. Ainda que, em diferentes oportunidades, tenham liderado amplas ações políticas de massas, revelaram-se inconsequentes. O proletariado está forjando seus dirigentes. O próprio processo da luta acabará destacando os homens capazes de guiar as massas com

sucesso. É o povo que faz a revolução e não as personalidades, embora estas desempenhem papel de maior significação.

Também não procede a tese de que a liderança do proletariado resulta em orientação extremada e sectária. Se o partido da classe operária interpreta corretamente a realidade, sua linha de conduta será revolucionária e, ao mesmo tempo, a mais ampla possível.

9. Em ligação com a tese de que a burguesia nacional deve liderar a revolução, afluíram a idéia de que, presentemente, não é essencial a existência do partido da classe operária. Esta «teoria», em última instância, visa a colocar o proletariado e as grandes massas trabalhadoras sob a direcção da burguesia. A experiência tem mostrado que não se pode prescindir de um partido revolucionário e que seja marxista-leninista. Toda tentativa de levar adiante a revolução sem um partido desse tipo fracassou. Os defensores daquela idéia apóiam-se no que ocorreu em Cuba, onde à frente da revolução não se encontrava uma vanguarda marxista-leninista. Mas o que sucedeu naquele país não se repetirá facilmente. Os imperialistas e a reacção tomam medidas objetivando a impedir que surja, na América Latina, processo semelhante ao de Cuba.

A revolução em nosso país exige uma preparação meticulosa, estreita ligação com as massas, elevada consciência política para enfrentar uma luta difícil e prolongada e capacidade para mobilizar o povo. Só um partido revolucionário do proletariado, marxista-leninista, pode cumprir estas tarefas. Ao basear-se, exclusivamente, no exemplo cubano, os partidários da tese de que o partido marxista-leninista é desnecessário para o êxito da revolução não levam em conta os ensinamentos da quase totalidade dos países que se libertaram da opressão e constroem o socialismo. É uma lição que emana da luta de mais de um bilhão de pessoas. Daí sua validade universal.

10. Representa, igualmente, negação do partido do proletariado a tendência de substituí-lo pela frente única. Os propugnadores desta opinião afirmam que o fundamental é criar uma frente para levar a cabo a

revolução, na qual devem estar incluídas as diferentes forças revolucionárias. Consideram que todos os esforços precisam convergir para esta frente única e que cuidar do fortalecimento do Partido é malbaratar energias. Não há dúvida sobre a necessidade da frente única. Os marxistas-leninistas compreendem que a revolução, na atual etapa, reclama a participação de amplas forças sociais, desde o proletariado até a burguesia nacional. A coordenação destas forças contra os principais inimigos de nosso povo tem que ser realizada nos marcos da frente única e não nos limites de um partido. Mas a organização de uma frente única consequentemente revolucionária pressupõe a existência de um verdadeiro partido da classe operária. Se ela não contar em seu seio com tal partido não poderá avançar e atingir seus objetivos. O que aconteceu na Argélia é esclarecedor. Neste país, a revolução foi dirigida por uma frente única onde predominava a burguesia e, por isso, não se completou, nem sequer fez a reforma agrária. O Partido Comunista da Argélia, por sua conduta oportunista, não cumpriu o seu papel.

11. Procurando dificultar a formação de uma verdadeira vanguarda marxista-leninista e desviar as massas da revolução, os trotsquistas e suas variantes levantam palavras-de-ordem «avançadas», fazem demagogia sobre a revolução socialista e indicam formas de luta aventureiras. Sendo um grupo insignificante e desligado das massas, os trotsquistas procuram criar frentes de esquerda, de çunho sectário. Visam com isto a infiltrar-se no movimento popular, apoiando-se no prestígio das correntes revolucionárias. Seu objetivo é provocar a confusão e fomentar a desagregação naquelas correntes. Nas organizações revolucionárias e de massas, realizam um trabalho de sapa, armam intrigas e difundem calúnias contra os dirigentes comunistas. Negam o carácter democrático e antiimperialista da atual etapa da revolução e consideram que ela tem conteúdo socialista. Com semelhante atitude, prestam serviço aos inimigos do povo brasileiro. É indiscutível que a conquista do socialismo no Brasil passará, obrigatoriamente, pelo caminho da luta contra o imperia-

lismo norte-americano e o latifúndio. Realizadas as tarefas nacionais e democráticas da revolução, sob a direção do proletariado, ingressar-se-á na etapa socialista.

Assimilar o marxismo-leninismo

12. Ao combater o revisionismo — perigo principal para o movimento comunista — e demais tendências estranhas ao proletariado, o Partido deve erradicar de suas fileiras as concepções dogmáticas. Estas concepções influem, de longa data, no movimento operário brasileiro. Expressam-se, geralmente, na utilização inadequada das experiências de outros países, na cópia mecânica dos textos dos clássicos do marxismo, e na adoção de soluções decalcadas das que tiveram êxito em outros países, em condições diversas e em épocas diferentes.

O dogmatismo tem causado graves danos ao movimento comunista no Brasil. Impediu o estudo concreto da realidade nacional do ponto-de-vista do proletariado, a generalização da prática revolucionária brasileira. Guiando-se pelo marxismo-leninismo, os povos de muitos países levaram a cabo a sua revolução e seguiram um caminho comum. Todos eles recorreram à violência, destruíram o velho aparelho estatal, basearam-se na aliança operário-camponesa e tiveram a dirigí-los o partido do proletariado. É o caminho da Revolução de Outubro. Mas a revolução em cada país teve o seu próprio curso e apresentou aspectos originais. A Revolução Chinesa seguiu um curso diferente do da Revolução Russa; o da Coreia do Norte foi diverso do da Albânia; o do Vietnã, distinto do da Romênia. Incontestavelmente, a revolução brasileira terá, também, suas características, terá seu próprio curso.

As experiências revolucionárias de outros países têm, especialmente para uma nação como o Brasil, de desenvolvimento recente e com problemas bastante complexos, um valor inestimável. É imprescindível, porém, precaver-se contra o primarismo das imitações servis e ter atitude crítica diante da experiência internacional. Únicamente dêste modo, o estudo da prática do outros povos pode trazer resultados benéficos.

A assimilação do marxismo-leninismo deve contribuir para analisar e resolver as questões concretas da revolução em nosso país. Isto não se consegue repetindo simplesmente o que aconteceu neste ou naquele lugar, citando esta ou aquela passagem dos clássicos do marxismo. A assimilação da doutrina do proletariado precisa ser feita de maneira viva, não só através do estudo, mas fundamentalmente no empenho para encontrar as soluções corretas dos problemas nacionais e na defesa do marxismo-leninismo contra as investidas dos revisionistas contemporâneos. Aplicando a verdade universal do marxismo-leninismo às nossas condições específicas, é possível elaborar o pensamento revolucionário brasileiro.

13. Para combater o dogmatismo é preciso estudar mais e mais o materialismo dialético e histórico, que é o método científico para compreender em profundidade os fenômenos políticos e sociais, pesquisar a realidade e interpretar a História do Brasil. Desta forma, mais fácil será investigar o que há de essencial para o movimento revolucionário e generalizar as próprias experiências. É o caminho para conhecer as leis específicas da revolução brasileira. Em certo sentido, o Partido já compreende as leis gerais da revolução, está ganhando, subjetivamente, para as idéias da luta armada, da aliança com as massas camponesas e da necessidade de um novo Poder. Mas esta compreensão não basta. É importante perceber as peculiaridades nacionais, encontrar as formas de abordar e iniciar a revolução. Isto demanda não apenas conhecer, à base do materialismo dialético, a realidade do país como ligar-se estreitamente às massas e dirigir suas lutas e participar ativamente da vida política nos seus múltiplos aspectos.

No plano ideológico, as tarefas do Partido são:

- Combater e desmascarar o revisionismo contemporâneo. Denunciar como falsas a tese da unidade com os partidos revisionistas e a posição intermediária na contenda ideológica. Prosseguir na luta contra a linha e a atividade revisionistas do PC Brasileiro.

- Refutar as concepções que negam a necessidade do Partido ou defendem sua substituição pela frente única revolucionária. Apontar o trotsquismo e suas variantes como elementos a serviço da reacção e do imperialismo.
- Intensificar o estudo do marxismo-leninismo e da realidade brasileira e superar as concepções dogmáticas. Estudar os materiais que combatem o revisionismo contemporâneo, particularmente os do PC da China. Discutir e estudar os principais documentos do PC do Brasil.
- Educar o Partido no espírito do internacionalismo proletário.

V

FORJAR A VANGUARDA MARXISTA-LENINISTA DA CLASSE OPERÁRIA

As tarefas históricas que se colocam diante do povo brasileiro não podem ser cumpridas cabalmente sem a existência de uma vanguarda marxista-leninista da classe operária. Nunca, como em nossos dias, foi maior a sua importância. Para dirigir a revolução, é necessária uma força combativa, com clareza de objetivos, unidade de pensamento e de ação, capaz de todos os sacrifícios, profundamente vinculada às massas e decidida a enfrentar o imperialismo norte-americano e a reação interna. Esta força só pode ser o partido do proletariado. Forjar uma organização partidária que se oriente pela doutrina marxista-leninista é, pois, uma questão decisiva.

Processo difícil — a construção do Partido

1. Árdua tem sido a luta, desde a fundação do Partido, em 1922, para construir uma vanguarda marxista-leninista da classe operária. Os que se empenham, hoje, em levar adiante esta tarefa têm que considerar o caminho percorrido pelo PC do Brasil em seus 44 anos de vida. O processo de construção do Partido

vem sendo difícil e penoso, marcado por avanços e recuos, por êxitos e derrotas.

O nome do Partido Comunista do Brasil está ligado aos acontecimentos mais destacados da história política brasileira nas últimas quatro décadas. Centenas de comunistas deram suas vidas para libertar o país de seus opressores. Dezenas de milhares de militantes foram presos e torturados, sobretudo nos períodos negros do Estado Nôvo, do Governo reaccionário de Dutra e, agora, da ditadura de Castelo Branco. O Partido esteve à frente da luta contra a reação e o fascismo, de 1935 a 1945, das jornadas patrióticas pela criação da indústria siderúrgica, do movimento pelo envio da Fôrça Expedicionária Brasileira à Europa para lutar contra o nazismo, da luta pela democratização do país, das acções populares, em 1946, pela expulsão dos soldados norte-americanos que ocupavam bases no Brasil, da memorável campanha em defesa do petróleo e das riquezas nacionais, do movimento pela paz e contra a ida de tropas brasileiras para a Coréia. Pertence ao partido a primazia de ter erguido a voz em favor da reforma agrária e pela extinção do sistema do latifúndio. A ele se deve, fundamentalmente, o surgimento no país de uma elevada consciência anti-imperialista que, hoje, se expressa na repulsa à espoliação do Brasil pelos monopólios norte-americanos. O Partido sempre foi um defensor dos interesses da classe operária. Participou ativamente das campanhas pela ampliação dos direitos trabalhistas e pela liberdade sindical. Não tem sido em vão a luta para formar uma vanguarda marxista-leninista da classe operária. O Partido Comunista do Brasil, em sua nova fase, é fruto desse esforço de milhares e milhares de militantes revolucionários proletários.

2. Grande é o merecimento dos que fundaram o Partido há 44 anos. Davam o primeiro passo para a formação da vanguarda marxista-leninista. Mas o Partido, nos primeiros dez anos, ainda que se empenhasse na divulgação do marxismo e procurasse se ligar aos operários, esteve dominado por concepções sectárias que dificultaram sua formação. A partir de 1934, o PC do Brasil começou a voltar-se mais para as massas e che-

gou a dirigir, em 1935, o movimento da Aliança Nacional Libertadora e a insurreição de novembro deste ano. Após a derrota do levante de 1935, a direcção do Partido não soube manter, nas novas condições, a bandeira revolucionária e resvalou para posições oportunistas. Em 1940, o Partido foi duramente golpeado pela reação e praticamente dispersado. O trabalho de reorganização do Partido, de 1941 a 1943, coube à Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP) que realizou a Conferência Nacional da Mantiqueira, em agosto de 1943, onde foi eleito um novo Comitê Central. Após a II Grande Guerra, o Partido conquistou, pela primeira vez, a legalidade, cresceu rapidamente, atingindo cerca de 200 mil membros. Sua linha política, que continha muitos aspectos oportunistas, não permitiu que o partido pudesse opor-se eficazmente à reação desencadeada em 1947. O Manifesto de Agosto de 1950, apesar de defender algumas teses «esquerdistas», foi uma tentativa de retomar a bandeira revolucionária, abandonada após os fracassos de 1935. No IV Congresso, em 1954, o Partido aprovou um Programa mais condizente com a situação objetiva e com os interesses fundamentais da Nação. Apontou o imperialismo norte-americano como o principal inimigo do povo brasileiro e levantou a bandeira revolucionária. No entanto, em 1956, sob o influxo do XX Congresso do PCUS, irrompeu no Partido um surto revisionista que determinou imensos prejuízos à organização partidária. Seus mais destacados porta-vozes foram derrotados, mas, posteriormente, o revisionismo, com o apoio de Prestes, acabou, em 1957, por empolgar a direcção do Partido. Uma nova linha, de carácter direitista, foi traçada em março de 1958. O V Congresso do PC do Brasil, em 1960, ratificou e sistematizou a linha oportunista, alijou da direcção a grande maioria dos elementos que se opunham à transformação do Partido em uma organização de tipo reformista. Durante a preparação e no curso dos debates do V Congresso, começou a formar-se um núcleo revolucionário que iniciou a crítica à linha de direita e fez séria resistência ao abandono dos princípios do marxismo-leninismo. Este núcleo tomou a iniciativa de romper com os revisionistas e de reorganizar o Partido Comunista do Brasil.

Tendências que dificultam a formação da vanguarda

3. Inúmeros foram os obstáculos que dificultaram a criação de uma autêntica vanguarda revolucionária da classe operária. Em alguns períodos, preponderaram, em maior ou menor escala, as idéias estranhas ao proletariado. A influência da pequena burguesia e, última-mente, da burguesia nacional se fez sentir de maneira acentuada nas fileiras comunistas e se refletiu nas posições políticas, nos métodos e na actividade do Partido.

Já nos fins da década de 20 e princípios da de 30, a chamada política de proletarização, que tão grandes males trouxe ao Partido, foi manifestação pequeno-burguesa, de cunho profundamente sectário. Em 1935, ainda que tivesse enveredado por um caminho revolucionário, o PC do Brasil foi influenciado diretamente pelo tenentismo, que o conduzia a concentrar a preparação da luta armada nos quartéis e a precipitar o movimento insurrecional. Nos anos que se seguiram à derrota de 35, idéias burguesas começaram a penetrar nas fileiras comunistas. A actividade do Partido tinha como centro a campanha em prol da siderurgia. Estas mesmas idéias determinaram o surgimento, de 1941 a 1945, de manifestações liquidacionistas. Silo Meireles, Fernando Lacerda, Agildo Barata e outros consideravam que a existência do Partido entravava o esforço de guerra do Govêrno e que os comunistas deviam cingir-se ao apoio à política externa de Vargas. Depois da II Guerra Mundial, embora o Partido vivesse na legalidade com sua verdadeira fisionomia e desfraldasse a bandeira da reforma agrária e da luta contra o imperialismo, sua orientação, no essencial, era marcada por tendências burguesas. Atuava estritamente nos quadros da legalidade existente e já defendia certas teses em favor do desenvolvimento pacífico. Quando a burguesia nacional começou a ter maior participação no Poder, a formular suas soluções para os problemas brasileiros e quando, após 1950, o nacionalismo surgiu com mais força como corrente burguesa, as idéias do capitalismo em desenvolvimento passaram a exercer maior pressão sôbre as fileiras comunistas. Estas idéias, de 1935 em diante, tiveram maior penetração dentro do Partido. Isto explica por que as concepções revisio-

nistas do XX Congresso do PCUS encontraram tão grande receptividade em muitos escalões partidários e, especialmente, no Comité Central. A partir de 1957, predominou no Partido a ideologia burguesa. E não só a ideologia. Nêles ocuparam postos de destaque elementos capitalistas, homens de elevadas rendas ou militantes que percebiam altos salários e vencimentos. Esta ideologia exprimiu-se quer no terreno teórico, quer no político e no de organização.

O revisionismo substituiu o marxismo-leninismo. Abandonou-se a idéia da revolução para dar lugar à das reformas dentro dos marcos do regime vigente. A luta de classe foi convertida em colaboração com a burguesia. A conquista da hegemonia do proletariado na revolução já não era o objetivo dos comunistas. No campo político, o Partido só fazia o que convinha aos interesses da burguesia nacional em sua luta para conseguir novas posições no Poder. A actividade eleitoral do Partido em nada se diferenciava da de certos partidos das classes dominantes. Os comunistas ajudaram a colocar o movimento sindical em função dos interesses de determinados setores burgueses. No que respeita à construção partidária, foram desprezados os princípios leninistas e adotados os métodos do liberalismo mais podre, próprio dos partidos social-democratas. De organização revolucionária, o Partido transformou-se, pouco a pouco, em um conglomerado amorfo, sem disciplina, adaptado às necessidades da luta eleitoral e de um movimento de massas de conteúdo reformista.

4. A predominância no Partido, em longos períodos de sua existência, de concepções estranhas ao proletariado, resultou, principalmente, da insuficiente assimilação do marxismo-leninismo. As sucessivas direções partidárias, em sua quase totalidade, eram formadas por elementos de origem pequeno-burguesa. Estes elementos, embora revelassem combatividade, e mesmo espírito revolucionário, em sua maioria, não conseguiram livrar-se das concepções não-proletárias de que eram portadores. Os dirigentes de procedência operária, com raras excepções, não tinham nível de consciência de classe de imprimir uma orientação consequente.

No entanto, com maior ou menor intensidade, sempre houve no Partido a luta ideológica contra as influências burguesas. Justamente porque se processou êsse choque de opiniões e porque, na década de 50, se realizou estudo intensivo do marxismo, foi possível o aparecimento de uma corrente marxista-leninista que é representada pelo Partido Comunista do Brasil, em sua nova fase. O aguçamento da luta de classe, no plano nacional e internacional, não só favoreceu o amadurecimento ideológico de muitos militantes como também contribuiu para a estruturação de uma corrente revolucionária no movimento operário brasileiro.

A direcção de Prestes — fator negativo na construção do Partido

5. À frente do Partido, de 1945 a 1962, Prestes dificultou enormemente a formação da vanguarda revolucionária. Sua adesão ao comunismo atraiu numerosos militantes e contribuiu para aumentar a influência do Partido entre o povo. Tendo chefiado a insurreição de 35 e passado longos anos no cárcere, viu crescer seu prestígio. Durante certo tempo, seu nome serviu de bandeira de luta dos comunistas e alguns êxitos do Partido foram alcançados sob sua liderança. Mas, no essencial, sua atuação teve um sentido altamente negativo. Foi o maior portador das idéias burguesas no movimento comunista. No cargo de Secretário-Geral cometeu graves erros. Embora a direcção que com êle atuou seja responsável, em seu conjunto, por tudo o que ocorreu naquele período, cabe a Prestes a principal responsabilidade pelos desvios e fracassos do Partido. Com o prestígio que adquirira fora do movimento operário e que repercutia em suas fileiras, Prestes pôde colocar-se acima do colectivo da direcção, fazendo prevalecer seus pontos-de-vista, na maioria das vezes errôneos. Valendo-se de sua posição, não levava em conta as opiniões divergentes.

6. Ao ingressar no Partido, em 1934, e no curso de sua atividade partidária, Prestes, que fôra caudilho militar pequeno-burguês, jamais abandonou suas concep-

ções não-proletárias. Subjetivamente, abraçou o marxismo-leninismo, mas não conseguiu assimilá-lo.

As idéias de Prestes sempre estiveram imbuídas de ecletismo. Em seus artigos e intervenções, pode-se observar formulações de conteúdo marxista ao lado de expressões próprias da sociologia burguesa; conceitos os mais radicais junto a manifestações oportunistas; teses materialistas acompanhadas de pensamentos idealistas. Era e é capaz de incluir, em um mesmo documento, juízos os mais díspares, emitidos por diferentes companheiros da direção, a fim de tentar «harmonizar» as divergências, dando uma saída oportunista à luta ideológica, cuja necessidade nunca entendeu. Fazia predominar, porém, o seu modo de pensar.

Prestes não chegou a compreender a natureza revolucionária, de classe, do marxismo-leninismo, sua essência materialista-dialética. Partindo da idéia de que a primeira etapa da revolução brasileira não é socialista e que a burguesia nacional, nesta etapa, pode ser aliada do proletariado, considerava como indispensável para atingir o socialismo o pleno desenvolvimento do capitalismo no país. Ao Partido cabia ajudar êsse desenvolvimento. Se bem que se julgasse um marxista, êle tornou-se, objetivamente, um partidário do capitalismo nacional. Apesar de assumir, em uma ou outra oportunidade, atitudes revolucionárias, a trajetória política de Prestes é marcada pela falta de independência em relação à burguesia e pela tendência de adaptar o Partido aos interesses dessa classe.

Ao sair da prisão, em 1945, apressou-se a declarar, de público, que o proletariado brasileiro sofria mais com a falta do capitalismo do que com a existência do mesmo. Imprimiu à orientação do Partido o sêlo da colaboração de classe, defendendo «a ordem e a tranquilidade» e a necessidade de «apertar o cinto». Quando a reação investiu contra os comunistas, em 1947, fazendo desmoronar os planos idealistas de Prestes, êle revidou de maneira pequeno-burguesa, «esquerdista» e sectária. Tomou uma atitude inteiramente fora da realidade e exigiu, contra o pensamento da maioria da direção, a renúncia de Dutra à Presidência da República. Mais tarde, retornou às velhas posições em

favor do capitalismo. Declarou, então, que aquele presidente ultra-reacionário e pró-americano era um nacionalista que muito fizera pelo desenvolvimento do país. O combate de Prestes ao imperialismo tinha mais um caráter de apoio à burguesia, em luta com a concorrência estrangeira, do que o objetivo de livrar as grandes massas de nosso povo do jugo espoliador norte-americano e de abrir caminho para o socialismo. Durante o governo Kubitschek, em particular no último período, deu plena expansão às suas tendências em favor do fortalecimento da burguesia e, em artigo pseudo-autocrítico, publicado em 1957, fez a apologia do «desenvolvimentismo». E indo mais além, no Governo de Goulart, colocou o PC Brasileiro inteiramente a reboque da burguesia.

7. Uma das características de Prestes como dirigente do Partido era o seu arreigado subjetivismo e seu constante alheamento da prática. Comumente, fazia caso omissos dos fatos objetivos da situação política e idealizava o papel que o seu nome podia desempenhar nos acontecimentos. Exagerando seu prestígio, julgava que as posições por ele adotadas, por si só, mudariam o curso da situação. Daí o lançamento de certas palavras-de-ordem destituídas de oportunidade e que não alcançavam qualquer repercussão entre as massas. Sua conduta política e suas divagações teóricas estavam impregnadas de dogmatismo. Incapaz de aplicar o marxismo-leninismo à realidade nacional, sua propensão era copiar as experiências alheias, sem considerar sequer as circunstâncias em que os fatos se deram. Ante os mais variados problemas, procurava solução não na realidade mas nos textos dos clássicos do marxismo ou no que ocorrera em outros países com a particularidade bem diversa das do Brasil. Dirigia o Partido sempre voltado para o PCUS, cujas decisões imitava sem qualquer razão. Prestes copiava sobretudo o que vinha ao encontro de suas tendências em favor do desenvolvimento do capitalismo. Assim, durante algum tempo, esposou concepções do revisionista norte-americano Earl Browder. Mais adiante, apoiou-se em elucubrações reformistas de Palmiro Togliatti. As teses do XX Congresso do PCUS — negando a revolução e

o papel dirigente do proletariado, substituindo a luta de classe pela colaboração de classe — casaram-se integralmente com o seu antigo modo de pensar. Além disso, Prestes chegava a tergiversar opiniões corretas de figuras destacadas do movimento comunista mundial, procurando justificar a conciliação de classe com a burguesia e a renúncia à revolução. Em 1945, transpôs mecânicamente para o Brasil a justa afirmação de Stálin de que a União Soviética, terminada a guerra, ingressara em um período de desenvolvimento pacífico. Com esta absurda transposição, arrastou o Partido Comunista do Brasil para a desastrada política de paz social que vigorou até 1947.

8. A ascensão de Prestes ao mais alto posto da direção partidária representou um sério obstáculo à formação de um Comitê Central coeso e capaz. Assumiu a chefia do Partido em uma situação em que a direção nacional era constituída de elementos jovens, sem experiência política e sem suficiente conhecimento teórico, mas que tinha o mérito de haver reorganizado o Partido e enfrentado com êxito o liquidacionismo, de 1941 a 1945. Em tais circunstâncias, não foi difícil a Prestes exercer o predomínio quase absoluto no Comitê Central, impondo sua orientação e estilo de trabalho, identificando o Partido com sua pessoa. Passou a ser considerado pelos dirigentes e pelo conjunto do Partido como o líder insubstituível e autêntico marxista-leninista. Sua palavra não podia sofrer contestação.

A medida, porém, que a vida ia revelando a incapacidade de Prestes como dirigente e que membros da direção avançavam política e ideologicamente, a resistência a seus pontos-de-vista errôneos começou a crescer. Tal resistência chegou a um grau em que Prestes já não contava com as mesmas possibilidades para fazer prevalecer suas opiniões. Precisamente nesta época, foi possível elaborar um Programa, justo em certa medida, e que foi abandonado quando os revisionistas empolgaram a direção. Em 1957, Prestes não contava já com a maioria sólida na Comissão Executiva e, a partir de 1958, no próprio Comitê Central não dispunha do apoio que antes desfrutava. Utilizando

métodos de direção caudilhescos e antipartidários, manobrava com o objetivo de afastar da direção elementos que não pactuavam com a linha oportunista. Tramou, em 1957, a retirada de quatro dos nove membros da Comissão Executiva e, no V Congresso, conseguiu excluir do Comitê Central doze de seus vinte e cinco membros. A política de quadros que adotava não obedecia a nenhum princípio. Realizava substituições nos órgãos dirigentes segundo suas conveniências e não de acordo com os interesses do Partido. Ao invés de discutir francamente nas direções a conduta dos quadros, realizava um trabalho insidioso e individual, à margem dos órgãos partidários, visando a criar clima de hostilidade e desconfiança aos que não gozavam de sua simpatia.

Com um dirigente como Prestes, encabeçando o Comitê Central, impossível se tornava um núcleo de direção firme e estável, traçar uma orientação política correta e forjar a vanguarda da classe operária brasileira à altura das exigências da revolução.

O Partido Comunista do Brasil em sua nova fase

9. O rompimento com revisionismo e a ulterior reorganização do Partido Comunista do Brasil significaram passo decisivo para construir a verdadeira vanguarda proletária, marxista-leninista. Os comunistas avançaram na compreensão dos entraves que dificultam a formação do Partido da classe operária, o que assinala maior amadurecimento ideológico. Isto, no entanto, não se conseguiu facilmente. Foi todo um processo de conhecimento. A luta contra o surto revisionista, originado do XX Congresso do PCUS, possibilitou vislumbrar aquêles entraves. Por seu turno, também não foi de golpe que os marxistas-leninistas compreenderam o quanto era falsa, a partir de 1956, a linha geral do PCUS. Inicialmente, a maioria das teses do XX Congresso foram recebidas como contribuições criadoras ao marxismo-leninismo. No combate à linha elaborada no Brasil, resultante da orientação daquele Congresso, e particularmente no curso do V Congresso do Partido Comunista do Brasil, uma parte

dos comunistas foi entendendo o verdadeiro conteúdo revisionista das mudanças ocorridas no PCUS. Também, foi de repente que surgiu a idéia de reorganização do Partido. Mesmo quando a luta ideológica chegou a ser bastante aguda, em 1960, não se pensou na rutura orgânica. No processo da transformação do Partido numa organização social-democrata, os marxistas-leninistas foram compreendendo a necessidade de reestruturar o PC do Brasil, como o meio indispensável para assegurar a continuidade da vanguarda da classe operária.

Com sua reorganização, em fevereiro de 1962, o Partido ingressava em nova fase de sua vida. Como tudo que nasce, apresentava naturais deficiências. Pequeno era o número de seus filiados, poucos os quadros, imensas as dificuldades materiais. Nem todos os que vieram ao Partido naquela época confiavam em seu êxito, nem viam com clareza seus verdadeiros objetivos. Juntamente com revolucionários conscientes, encontravam-se também elementos com concepções estranhas ao proletariado, que confundiam a luta pela revolução com a aventura, ou pessoas que não tinham ainda assimilado o estilo e o método próprios de um partido da classe operária. A direcção do Partido apresentava falhas, tanto do ponto de vista político-ideológico como prático. Isto tudo não podia deixar de repercutir na atividade e no desenvolvimento do Partido.

10. O Partido Comunista do Brasil, em sua nova fase, apesar das inúmeras dificuldades, firmou-se como corrente política no cenário nacional e tornou-se conhecido internacionalmente. Interpretou de modo relativamente acertado a situação brasileira no período do Governo de Goulart e previu o curso dos acontecimentos políticos após o golpe. Sua influência aumentou entre o povo e ganhou autoridade entre as correntes de esquerda. Elaborou um Programa revolucionário, marxista-leninista, que corresponde à realidade brasileira e cujo conteúdo expressa as aspirações da grande maioria da Nação. A justeza desse Programa vem sendo confirmada pela vida. O Partido desenvolveu a propaganda das idéias revolucionárias. Seu órgão central,

A CLASSE OPERÁRIA, durante o tempo que circulou, foi uma grande trincheira de luta contra o revisionismo e na defesa dos interesses das massas. Difundiu os materiais dos partidos marxistas-leninistas que desmascaravam o revisionismo contemporâneo. O Partido tomou posição definida na luta que se trava no movimento comunista mundial, colocando-se contra os oportunistas. No início de sua reorganização, estava apenas estruturado em alguns Estados. Agora, estendeu-se pelo país e aumentou seus efetivos. Depois de golpe do primeiro de abril, foi capaz de defender sua organização. Novos quadros vêm-se revelando e se destacando. Passou a dar maior relêvo ao trabalho no campo, frente que se vai tornando das mais importantes na atividade partidária. Existem, portanto, as bases para a construção de um grande e poderoso partido.

Os quatro anos decorridos desde a última Conferência comprovam ser possível construir essa organização. Foram anos de dura e constante luta para rearticular o Partido nas circunstâncias em que a organização tradicional havia sido empolgada pelos revisionistas, que se acirravam nos ataques e calúnias contra os revolucionários; de luta para estruturar o Partido no período de auge do reformismo, quando os êxitos aparentes dos revisionistas pareciam confirmar a linha oportunista; de luta para manter e fortalecer o Partido nas condições de ditadura militar que persegue os revolucionários. Nem as acusações de fracionismo e as baixas intrigas dos revisionistas, nem as propaladas vitórias do PC Brasileiro durante o Governo de Goulart, nem as odiosas arbitrariedades dos militares e golpistas conseguiram impedir que o Partido se reorganizasse, consolidasse suas posições e se tornasse mais forte. O Partido Comunista do Brasil passou galhardamente por estas difíceis provas porque corresponde a uma exigência histórica — reflete as necessidades objectivas do movimento revolucionário e expressa as aspirações mais profundas do povo brasileiro.

11. Ao lado dos êxitos obtidos, o Partido apresenta debilidades. Com o golpe de abril, seu órgão central de imprensa deixou de circular e suas frentes legais de trabalho foram interditadas. Durante certo tempo,

· suas organizações estagnaram. Entre as deficiências do Partido algumas devem ser examinadas. O coletivo partidário é ainda numericamente pequeno para o volume das tarefas que tem a realizar. O Partido, em seu conjunto, não desenvolve suficiente atividade junto às massas e sua participação na vida política é fraca. Ainda está voltado para si mesmo. Não aproveita bastante as possibilidades legais para atuar de maneira mais audaciosa. Embora muitos militantes e quadros denotem combatividade e elevado espírito de abnegação, há camaradas que não revelam impulso revolucionário. Mesmo no que tange a uma obrigação tão elementar como o pagamento das mensalidades, nem todos os militantes a cumprem. A atividade no terreno da propaganda apresenta falhas. O «Boletim de Informações de A CLASSE OPERÁRIA», se bem que sua circulação já atinja alguns milhares de exemplares, é graficamente pobre. Os documentos básicos do Partido não alcançam a difusão necessária. São pouco utilizados como instrumento de educação dos militantes e do trabalho entre as massas. Ainda que em alguns Estados se tenha conseguido formar núcleos mais ou menos estáveis de direção, do ponto de vista organizativo, o problema crucial é a falta de sólidas direções intermediárias. Há certa melhora na construção do Partido entre os camponeses e nas cidades do interior, mas a actividade no campo é ainda pequena.

12. Manifestações sectárias têm constituído obstáculos à actividade do Partido. Expressam-se na resistência em lutar pelas reivindicações elementares das massas, sob a alegação de que se trata de reformismo; no desinterêsse pelas questões políticas do momento, pretextando que elas não têm importância para a revolução; em não aproveitar as contradições entre as classes dominantes, argüindo que isto conduz à perda da independência da classe operária; na recusa em atuar nas organizações de massa, com a desculpa de que não existem condições para tal atividade. Em geral, os portadores das manifestações sectárias argumentam, falsamente, que as ações quotidianas pelas pequenas reivindicações do povo não tem sentido revolucionário. No que se refere à frente única, persiste a

incompreensão sobre a necessidade do trabalho junto às correntes populares e democráticas e a personalidades políticas. Se é errôneo subordinar-se aos aliados, quando estes pretendem impor ao Partido opiniões incorretas, também é prejudicial manter atitude exclusivista. Lutando sempre pela aglutinação das forças democráticas e antiimperialistas, a conduta do Partido, face aos aliados, é de união e luta. O sectarismo constitui um freio ao movimento revolucionário. Se não for combatido e eliminado levará o Partido ao isolamento.

13. Critérios incorretos sobre o centralismo democrático estorvam o funcionamento e o trabalho de construção do Partido. No país há uma ditadura que se desmanda nas perseguições aos comunistas e tudo faz para liquidar a vanguarda da classe operária. Nestas condições, não é possível aplicar o centralismo democrático da mesma forma que em situação de relativa legalidade. No entanto, em nome do princípio da direção coletiva e do combate ao mandonismo, existem opiniões de que tudo deve ser discutido por todos e conhecido de todos. Teses errôneas do XX Congresso do PCUS, no terreno de organização, também penetraram no Partido. Negam, na prática, o papel dos dirigentes e estabelecem uma contradição artificial entre as direções e as bases, opõem os quadros novos aos antigos, contrariando o princípio da justa coordenação do impulso revolucionário dos jovens com a experiência dos velhos. Essas teses deformam o centralismo democrático, minam a férrea disciplina partidária e levam a um liberalismo inadmissível. Todavia, ao refutar as manifestações errôneas no terreno de organização, oriundas do XX Congresso do PCUS, é necessário estar vigilante contra a repetição de erros que se revelaram no passado.

Voltar o Partido para as massas

14. Os comunistas precisam ainda desenvolver um grande trabalho para se colocar à altura de sua missão. Neste sentido, é necessário romper com o sectarismo e a passividade e assimilar a linha política. É a maneira

de superar as deficiências e avançar no processo de construção do Partido.

Voltar-se para as massas é questão decisiva. A revolução é obra de milhões de homens do povo e não de pequenos grupos de revolucionários. Mesmo quando a luta armada se inicia com pequenos destacamentos de combatentes, ela tem que contar com o apoio das massas e conquistar a adesão de correntes populares. A revolução não é uma dádiva do Partido, ou de quem quer que seja, ao povo. Em face da brutalidade do imperialismo norte-americano e da reação interna, do poderio que detêm em suas mãos, a vitória da revolução só será alcançada através da guerra popular. Impõe-se a mobilização de contingentes cada vez maiores do povo e a elevação permanente de sua consciência patriótica.

Os comunistas devem ser a vanguarda das massas. A eles incumbe incentivar sua combatividade, dirigir suas lutas e encaminhá-las no sentido da revolução. Tudo que diz respeito às massas interessa ao Partido. Desde as lutas pelas menores reivindicações até as grandes ações revolucionárias. Conviver com as massas, falar sua linguagem, debater seus problemas e aprender com elas é, nos dias de hoje, tarefa de primordial importância. Os comunistas devem atuar persistentemente nas fábricas e fazendas, nas escolas e nos locais de residência, nos sindicatos e nas associações populares.

O PC do Brasil precisa aproximar-se, em particular, da grande massa pobre e sofredora, uma vez que é o Partido dos explorados e oprimidos. Os operários e os camponeses são os mais interessados na revolução. Para os camponeses a revolução é uma necessidade ainda mais premente do que para outras camadas sociais. Atraí-los para a luta significa apressar a derrota da reação e do imperialismo. Se o Partido não ganhar os camponeses jamais poderá dirigir o movimento democrático e antiimperialista e levá-lo à vitória.

Enorme é a receptividade das idéias revolucionárias. Os documentos e a orientação do Partido são bem aceites nos mais diversos setores da população. Há, por conseguinte, condições para um intenso trabalho entre as massas e junto às correntes democráticas. Os

comunistas precisam ter espírito ofensivo, não se deter ante as dificuldades e confiar nas massas. Dêste modo, alcançarão êxitos, influirão mais ainda na vida do país e se transformarão em verdadeiros dirigentes do povo.

Fortalecer o Partido

15. As imensas tarefas que se apresentam diante dos comunistas estão a exigir um Partido numeroso e qualitativamente forte. Em um país tão extenso e populoso como o Brasil, é essencial que a vanguarda revolucionária tenha militantes e quadros distribuídos nas cidades e nas imensas regiões do interior. Quanto mais militantes houver com capacidade de dirigir massas e que sejam combatentes abnegados, tanto melhor o Partido exercerá seu papel de vanguarda. Daí a exigência de um recrutamento intensivo e planificado. É preciso trazer para as fileiras comunistas os elementos mais combativos da classe operária e do campesinato. Orientar o recrutamento para a população pobre, sem subestimar, no entanto, outros setores do povo. As pessoas simples, em geral, são fiéis à causa revolucionária e perseverantes na luta. Ao Partido precisam vir os que se mostrem dispostos a lutar decididamente pelo seu Programa. Cada organização de base tem no recrutamento uma tarefa quotidiana.

16. A atividade de finanças ocupa lugar de relêvo na vida partidária. As mais importantes realizações dependem, muitas vezes, de recursos financeiros. Uma das condições para ser membro do Partido é o pagamento regular das mensalidades. Representa um dos vínculos que prende o militante à sua organização e é fator de educação dos comunistas. O partido do proletariado mantém-se com as contribuições de seus militantes e amigos, razão por que é inconcebível o desinterêsse do revolucionário pelo trabalho de finanças. A arrecadação de recursos materiais entre os simpatizantes e as massas constitui uma forma de ação política. Nessa frente surgem possibilidades de criar extensos círculos de contribuintes que ajudam a alargar a influência do Partido em distintas camadas da população.

17. O crescimento do Partido está diretamente relacionado com a formação de grande número de quadros. A experiência mostra que onde há camaradas com certo tirocínio político e organizativo, o Partido multiplica suas forças e melhora sua atividade. Nos Estados e Municípios, cujas direções não contam com quadros qualificados, a organização partidária se desenvolve lentamente. Faz-se imprescindível promover novos militantes que, embora não tendo suficiente amadurecimento, revelem impulso revolucionário, dedicação e capacidade de trabalho. Tais militantes precisam ser ajudados por meio de cursos, ativos e palestras a fim de que possam elevar seu nível teórico e político.

Os cursos de capacitação têm grande importância. Mas o estudo individual é fator de primeira ordem para a formação dos quadros. Na atividade prática, enfrentando os problemas da luta diária, os comunistas poderão mais facilmente assimilar o marxismo-leninismo. Aprenderão através da estreita união entre a teoria e a prática.

18. Uma das condições para fortalecer e consolidar o Partido é a existência de um Comitê Central coeso e estável, respeitado, com suficiente experiência e que possua conhecimentos teóricos. Lênin afirmava que sem «chefes provados, instruídos por uma longa prática, que se entendam muito bem e conheçam muito bem o papel que lhes cabe, nenhuma classe pode lutar firmemente na sociedade contemporânea». É de dirigentes desse tipo que o proletariado e o Partido Comunista do Brasil necessitam.

O conjunto dos camaradas que vem dirigindo o Partido, apesar de certas debilidades, demonstrou firmeza na luta contra os revisionistas, trabalhou pela reorganização do Partido, elaborou uma justa linha revolucionária e mostrou fidelidade ao marxismo-leninismo. O Comitê Central eleito na Conferência de 1962, no fundamental, cumpriu sua tarefa. No entanto, a formação de um núcleo dirigente de tipo leninista é um processo longo, parte integrante da construção do Partido. Não surge por decreto ou nomeação.

É preciso prosseguir na luta para forjar uma direcção leninista, que saiba guiar o Partido, mesmo nas situações mais difíceis e complexas, sem vacilar nem se desviar do rumo revolucionário. Os membros do Comitê Central, na medida em que as condições o permitam, devem trabalhar mais em contacto com as organizações partidárias e ouvir o maior número de militantes. Têm obrigação de estudar as questões que lhes são afetas, aprender o marxismo-leninismo e dar solução adequada aos problemas concretos. Com seu devotamento, modéstia e espírito de sacrifício poderão granjear maior autoridade e prestígio diante do Partido e das massas.

Cada dirigente deve esforçar-se para se situar no nível de suas responsabilidades. Por sua vez, os militantes, em seu conjunto, precisam congregarem-se em torno do Comité Central e contribuir, com suas observações, sugestões e críticas, para um melhor trabalho de direcção. É obrigação dos membros do Partido defender a direcção, uma vez que contra os dirigentes se concentram o ódio e o ataque dos reaccionários e dos revisionistas.

Melhorar os métodos e reforçar a vigilância

19. Aperfeiçoar a maneira de agir é trabalho permanente dos comunistas. O Partido é um organismo que reúne pessoas avançadas que não se prendem a fórmulas e esquemas estáticos e buscam na vida mesma, guiados pelo marxismo-leninismo, a solução para os problemas do povo e da revolução. Por isso, deve ser uma organização avessa ao burocratismo, à rotina e à passividade, sempre vigilante e pronta a intervir nos acontecimentos. O espírito de iniciativa deve presidir a atividade das organizações partidárias e dos militantes, que precisam ter capacidade de orientar-se por si mesmos em qualquer emergência. Não se justifica a espera de assistentes ou de indicações de órgãos superiores para reunir e atuar. Onde está um comunista está o Partido. Dentro de sua jurisdição, cada organização goza de plena autonomia para aplicar a linha do Partido.

A direcção colectiva é um princípio norteador da atuação do Partido. As decisões sobre problemas importantes só devem ser tomadas depois que tenham sido debatidas pela organização ou órgão dirigente. Isto não significa que os comunistas se envolvam em discussões estéreis e intermináveis. Simultaneamente, com o robustecimento do princípio da direcção coletiva, é preciso desenvolver a responsabilidade individual. Adoptada uma resolução, o dirigente ou o militante designado para pô-la em prática é responsável pelo êxito ou fracasso da tarefa. Não pode transferir sua responsabilidade a outros. Visando a fortalecer a direcção coletiva e a responsabilidade individual é imprescindível exercer um controle sistemático na execução das tarefas e na conduta dos dirigentes e militantes, controle que não atrofie, nem desestime a iniciativa das organizações e dos comunistas. Assim é possível verificar as falhas, avaliar a justeza das diretivas, conhecer os quadros e melhor ajudá-los.

A crítica e a autocritica constituem método provado para fortalecer o Partido e melhorar sua atividade. Em toda atuação partidária há sempre certa margem de erro. Justamente na análise crítica da execução das tarefas é que se pode descobrir o que existe de incorreto tanto nas directrizes traçadas como na sua aplicação. Quando se procede deste modo, o erro se transforma em fator de educação e em importante elemento para conseguir êxitos ulteriores. Por sua parte, a autocritica, isto é, o reconhecimento franco dos erros e a verificação das causas que os determinaram, serve como instrumentos de educação dos comunistas. A base do exame permanente das falhas no trabalho, formar-se-ão os quadros e dirigentes. Através da crítica e da autocritica, se conseguirá fortalecer cada vez mais a unidade de pensamento e de ação do Partido.

20. Nas condições de clandestinidade em que se encontram os comunistas, impõe-se o reforçamento da vigilância revolucionária. O inimigo de classe emprega os mais diferentes meios para golpear o Partido. Procura infiltrar-se nas organizações partidárias para obter informações e tentar desagregá-las. É preciso estar alerta diante do trabalho de sapa da reação e obede-

cer rigorosamente as normas do trabalho conspirativo. Cada militante deve saber apenas o que é necessário. É grave falta revelar a outros camaradas assuntos que dizem respeito exclusivamente ao membro do Partido ou à sua organização partidária. As ilusões de classe têm que ser firmemente combatidas. O Partido precisa educar-se no sentido da elevação de sua vigilância revolucionária. A observação desta norma pressupõe uma ligação mais estreita com as massas — principal garantia para a segurança do trabalho dos comunistas.

A situação atual exige que os militantes apliquem adequadamente a tática da combinação do trabalho legal com o ilegal. Isto quer dizer que o Partido, ao mesmo tempo que deve garantir sua existência na clandestinidade, precisa aproveitar tôdas as possibilidades legais, por mais insignificantes que sejam, para ligar-se às massas. Apesar das perseguições da ditadura, o Partido pode, adoptando esta tática, desenvolver ampla actividade, fortalecer-se, estender sua influência e conduzir os trabalhadores à luta.

Os métodos e o estilo de trabalho dos comunistas devem, enfim, corresponder aos de um partido que se propõe lutar decididamente pelos objectivos revolucionários. A reorganização do Partido representou uma rutura profunda com a ideologia e a política revisionistas. Deve representar também um rompimento total com os métodos superados de atuação e de direcção. É preciso reorganizar todo o trabalho em bases novas, com o fim de educar e preparar as massas para a revolução. Sómente assim o Partido poderá cumprir o seu papel.

No que se refere à construção partidária, as tarefas do Partido são:

- Estreitar a ligação do Partido com as massas. Cada militante deve conviver com as pessoas de seu local de trabalho, estudo e residência a fim de conhecer seus anseios e reivindicações. Ajudar concretamente as massas a lutar pela solução de seus problemas.

- Intensificar o recrutamento de novos militantes. Trazer para o Partido os melhores lutadores da classe operária, do campesinato e dos estudantes.
- Concentrar esforços na construção do Partido no campo. Planificar o envio de quadros para as regiões rurais mais importantes a fim de que se dediquem exclusivamente ao trabalho camponês.
- Consolidar os Comitês Regionais existentes e melhorar os métodos de direção. Cuidar da formação de quadros. Organizar cursos de diferentes níveis, promover palestras e conferências.
- Desenvolver o trabalho de agitação e propaganda. Difundir mais organizada e amplamente os materiais do Partido. Melhorar a apresentação dos documentos e publicações partidárias.
- Ampliar o trabalho de finanças. Regularizar o pagamento das mensalidades dos militantes. Aumentar a rede de amigos e simpatizantes.
- Reforçar a vigilância revolucionária. Obedecer estritamente as regras do trabalho conspirativo. Criar aparelho ilegal capaz de garantir o funcionamento normal do Partido.
- Estreitar as relações fraternais com os partidos e grupos marxistas-leninistas de todos os países.

A VI Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil exorta os comunistas a se empenharem abnegadamente no cumprimento das tarefas assinaladas no presente documento, roteiro seguro para fazer avançar a luta do povo. Chama a todos os militantes para estudá-lo e debatê-lo, uma vez que expõe, de forma sistemática, a linha do Partido, generaliza experiências e orienta o trabalho de organização partidária.

Os participantes da VI Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil vêm com otimismo a perspectiva que se descortina para os brasileiros. As forças reacionárias e o imperialismo norte-americano estão minadas por insolúveis contradições. Por mais que se exacerbem nas violências não poderão fugir à derrota final. A revolução não é um problema remoto.

Mais dia, menos dia, o povo há-de empunhar armas
para sacudir o jugo estrangeiro e edificar uma Pátria
verdadeiramente livre.

O Partido Comunista do Brasil ocupará com honra
seu lugar de vanguarda na luta pela libertação nacional
e social do povo brasileiro.

Junho de 1966.

A VI CONFERÊNCIA NACIONAL DO PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL

APOIAR DECIDIDAMENTE A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

A Revolução Cultural Proletária que ora se desenvolve na China é um acontecimento que marcará época na história da Humanidade. Seu significado e sua projeção só encontram paralelo na Revolução de Outubro de 1917. O valoroso povo chinês, sob a direção de Mao Tse-tung e do Partido Comunista, abre novos caminhos para a completa vitória do socialismo. As lições decorrentes da Revolução Cultural enriquecem imensamente a doutrina do proletariado. Tal a grandeza desta revolução que muito tempo será ainda necessário para aquilatar, em toda a sua plenitude, a soma de ensinamentos que ela encerra e a profunda repercussão que terá na vida dos povos.

Passaram apenas dezassete anos desde que o povo chinês conquistou o Poder. Não obstante, a China ingressou, com a Revolução Cultural Proletária, numa nova fase da revolução socialista, fase que nenhum outro povo jamais palmilhara. O pensamento de Mao Tse-tung, marxismo-leninismo de nossos dias, orienta e inspira as massas de centenas de milhões de chineses em seu gigantesco esforço de transformação do homem e da sociedade

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL saúda a Grande Revolução Cultural Proletária e seu sábio e experimentado timoneiro, o camarada Mao Tse-tung. Está certo de que as conquistas já obtidas

são o prenúncio de novos e destacados êxitos que conduzirão a China a um grandioso e resplandecente futuro.

Conhecer o conteúdo da Revolução Cultural Proletária e assimilar suas experiências, tendo em vista a luta pela libertação do povo brasileiro, é um dever dos comunistas.

1. Presentemente na China, verifica-se intenso processo de luta de classes. Durante um longo período, depois da tomada do Poder pelo proletariado, ainda subsistem as classes e a luta de classes. A burguesia derrotada faz constantes tentativas para restabelecer sua dominação. Sua ideologia ainda permanece viva e se manifesta em todos os setores da sociedade. Penetra no Partido e nêle encontra porta-vozes que, embora se declarem comunistas, advogam, na prática, uma orientação que serve à burguesia. Tais elementos, desde há muito, vinham-se opondo ao caminho revolucionário e procurando impor suas opiniões errôneas.

Na China defrontam-se duas linhas antagônicas, diante das quais todos têm de se definir. A linha proletária revolucionária, defendida por Mao Tse-tung e apoiada pela esmagadora maioria do povo, e a linha burguesa reacionária, preconizada por alguns dirigentes comunistas e sustentada por uma ínfima minoria da população. Uma apóia-se nas massas, no seu espírito criador, estimula suas iniciativas e sua vontade de luta. A outra teme as massas, reprime sua atividade, impede suas ações espontâneas e despreza seu potencial revolucionário. Uma se orienta no sentido de uma nova cultura e contra as idéias, hábitos e costumes do passado. A outra favorece o desenvolvimento de uma cultura em essência anti-socialista e propaga as concepções e hábitos burgueses. Uma põe em primeiro plano a política e a ideologia. A outra destaca fundamentalmente o estímulo material. Uma conduz ao socialismo, a outra ao capitalismo.

A linha reacionária-burguesa tem base social nos remanescentes das antigas classes exploradoras, especialmente a burguesia, e nos membros do Partido que não transformaram suas concepções ou então o fizeram pela metade. Nas atuais circunstâncias, esta linha

é, também, expressão do revisionismo contemporâneo, que se revelou na China sob as formas mais sutis. A luta em que os comunistas chineses se empenharam com firmeza contra Kruschov e seus seguidores contribuiu para descobrir os inimigos infiltrados no Partido e para desmascará-los como revisionistas e contrarrevolucionários.

O extraordinário movimento de massas que se espalhou por todo o extenso território da China tem por fim tornar plenamente vitoriosa a orientação proletária e assegurar a continuidade da revolução socialista. Visa a impedir a restauração do poder dos espoliadores e procura evitar retrocesso semelhante ao verificado, a partir do XX Congresso do PCUS, na União Soviética e em outros países socialistas, onde o revisionismo liquidou as conquistas do povo.

A Revolução Cultural Proletária é uma necessidade objetiva da luta que se trava, após a derrubada das classes exploradoras, entre o proletário e a burguesia, isto é, entre o caminho da total vitória do socialismo e o caminho que leva ao capitalismo. A experiência mostrou que não bastam a tomada do poder pelo proletariado, a socialização dos meios de produção e o incremento acelerado das forças produtivas. Não é suficiente acabar com o analfabetismo e levar a instrução a todo o povo. Sem realizar a revolução ideológica, sem modificar profundamente a consciência das pessoas, sem destruir radicalmente as concepções feudais e burguesas que sobrevivem na mente do homem, a revolução socialista tende a degenerar e o capitalismo acabará ressurgindo. Por isso, torna-se imprescindível a revolução cultural. E, segundo tudo indica, no quadro da revolução socialista, outras revoluções ainda terão lugar, revestindo-se de diferentes formas e objetivando sempre a liquidar os obstáculos que venham a surgir na marcha da Humanidade para o comunismo.

2. A Revolução Cultural é o maior movimento revolucionário de massas já ocorrido em todo o mundo. É a mais cabal confirmação da tese marxista sobre o papel das massas na história, criadoramente desenvolvida por Mao Tse-tung. O povo é o principal per-

sonagem da Revolução Cultural Proletária. São as massas que, inspiradas nas grandes idéias de Mao Tse-tung, levam a efeito as profundas transformações que se operam na maior nação asiática. Milhões de operários, camponeses, estudantes e soldados realizam portentosas manifestações e tomam parte ativa na vida política do país. Desmascaram os contra-revolucionários e destituem dos postos-de-mando os que enveredaram pelo caminho que conduz ao capitalismo. Combatem tudo que é retrógrado e denunciam as idéias contrárias ao socialismo. Levam a cabo ação multilateral, abrangendo as mais diferentes esferas de atividade: a ciência e a educação, a arte e a literatura, a produção e a direção estatal, o Partido e as Fôrças Armadas.

Com a Revolução Cultural, tornou-se evidente que o ensinamento de Marx e Engels de que a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores aplica-se não somente à luta pela derrubada do velho poder, mas também a todo o processo de edificação da nova sociedade. Confiar nas massas é problema de importância primordial. A prática de tutelar as massas e fazê-las seguir passivamente o Partido é falsa e estranha à ideologia do proletariado. O Partido desempenha seu papel dirigente na medida em que sabe unir-se estreitamente com as massas, estimular sua iniciativa, auscultar seus anseios, generalizar suas experiências e, nesta base, orientá-las corretamente.

O método empregado na Revolução Cultural conduz as massas a se libertar pelos seus próprios esforços e a se autoeducar, com a própria experiência, no processo da luta. «As massas — assinala a Resolução do Comitê Central do PC da China, de agosto de 1966 — se educam no grande movimento revolucionário e aprendem a distinguir entre o certo e o errado e entre os modos corretos e incorretos de realizar as coisas». Não é admissível o procedimento de fazer em lugar das massas as tarefas que a elas competem. Seria fácil aos atuais dirigentes chineses, de uma só penada, afastar de seus postos os que não mais representam os interesses do povo. Esta maneira de agir, no entanto, não serviria à autoeducação política das massas. Por

isso, nenhuma destituição de dirigente do Partido ou do Estado que segue o caminho capitalista se faz através de medidas administrativas. Deve resultar da atividade consciente das massas. São elas que, em última instância, demitem dos postos-de-mando os propugnadores da linha reacionário-burguesa.

Milhões de pessoas vêm elevando sua consciência política e se tornam ativos construtores do socialismo. Surgem legiões de desbravadores de novos caminhos, continuadores das velhas gerações revolucionárias. Despertando a iniciativa criadora das massas, a Revolução Cultural revela um número incalculável de homens e mulheres cujo talento, capacidade de luta, perseverança e dedicação ao povo são postos à prova a cada instante. São os vanguardeiros da Grande Revolução Cultural Proletária. A Guarda Vermelha revolve a sociedade chinesa, fazendo ruir privilégios, preconceitos, superstições, hábitos e costumes inerentes ao regime capitalista ou ao feudalismo.

Ao contrário do que afirma a propaganda dos imperialistas e dos revisionistas, os trabalhadores chineses, ao participar ativamente da Revolução Cultural, fortalecendo sua consciência de classe, fazem avançar mais rapidamente a produção. Os índices de crescimento industrial no último ano demonstram notáveis progressos na economia do país. A produção agrícola de 1966 foi uma das maiores da história da China. Multiplicam-se os inovadores, os técnicos e os homens de ciência. Grandes conquistas tecnológicas são registradas. A China alcançou um nível de desenvolvimento que a coloca em condições de produzir a maquinaria e os instrumento mais complexos e aperfeiçoados. Haja vista a experiência nuclear com foguete teledirigido coroada de pleno êxito. As massas, ao mesmo tempo que se empenham na revolução, fazem aumentar a produção em ritmos velozes.

Transformou-se em fenômeno de massas o combate ao imperialismo ianque e ao revisionismo contemporâneo. A ação criminosa dos imperialistas e dos revisionistas é respondida com demonstrações espontâneas de vastos setores da população. Formas de luta revolucionárias, verdadeiramente de massas, são criadas, expressando o profundo sentido popular da revo-

lução em marcha. Nada escapa à vigilância diligente e constante do povo. Centros de espionagem, provocação e conspiração são descobertos e desbaratados pela juventude.

Desta forma, o futuro da China e da revolução socialista está, cada vêz mais, nas mãos das amplas massas. Essa presença tão marcante das massas no cenário político da China é um ensinamento que os revolucionários de todo o mundo têm na mais elevada conta. O nosso Partido deve inspirar-se neste magnífico exemplo. Os comunistas não cumprirão seu papel se não forem capazes de confiar no povo, despertar sua consciência, mobilizá-lo e organizá-lo a fim de que ele mesmo faça a revolução. Tudo que impede a aproximação e a convivência dos comunistas com as massas — o sectarismo, o isolamento, as atitudes de superioridade, a jactância, etc. — precisa ser combatido. É uma condição básica para a vitória da revolução em nosso país.

3. No curso da Revolução Cultural, o povo chinês alcançou nova etapa na luta milenar do homem pela liberdade. A democracia proletária atingiu amplitude jamais alcançada. As vastas massas de trabalhadores expressam livremente suas opiniões e fazem sentir sua vontade soberana. Nos dias de hoje, o povo chinês desfruta uma liberdade que nenhum outro povo usufruiu em tempo algum.

Nas cidades e no campo, o sentimento renovador das massas encontra poderosa ressonância nos milhões de **tatzbao**, afixados nos muros e paredes. Nesta singular imprensa, cada cidadão diz o que pensa e sente. Nos recintos fechados ou nas praças públicas, grandes debates são organizados pelas próprias massas. Sem necessidade de prévia autorização, realizam-se comícios e desfiles em toda parte. Guardas Vermelhos, às centenas de milhares, deslocam-se para os mais diferentes pontos do país, levando a flama da revolução. O direito de criticar, seja quem fôr, incorporou-se plenamente à vida da nação. Ninguém, por mais alto o posto que ocupe, está imune à crítica do povo.

Sob o impulso das massas, vai sendo introduzido sistema democrático, semelhante ao adotado pela Co-

muna de Paris, na escolha de membros de órgãos do Poder. Em grandes assembleias, são indicados e discutidos os nomes dos candidatos e eleitos os que melhor expressam os interesses da colectividade. Os escolhidos podem ser, a qualquer momento, afastados dos cargos pelas massas que os elegeram. Em inúmeras províncias, o governo passa diretamente às mãos das organizações rebeldes surgidas no decorrer da Revolução Cultural. A ditadura do proletariado, assim, é exercida sob a forma mais democrática. Quanto mais o Poder estiver sob o controle direto das massas revolucionárias, menores serão os perigos de burocratização e da volta ao capitalismo.

A democracia que atualmente se pratica na China responde ao verdadeiro conceito marxista-leninista de ditadura do proletariado: ampla liberdade para o povo e combate sem trégua aos inimigos do socialismo. Nada tem de comum com o liberalismo burguês que, em realidade, significa democracia para os ricos e exploradores e privação de direitos para a quase totalidade da população. Enquanto na China ninguém impede a ação dos estudantes, soldados, operários e camponeses — livres para manifestar seus pontos-de-vista e para levar adiante a revolução que lhes pertence — nos Estados Unidos os negros são perseguidos brutalmente, na União Soviética demonstrações estudantis antinorte-americanas são dissolvidas pela força, na Indonésia se assassinam centenas de milhares de pessoas para aterrorizar os patriotas, no Brasil o povo vive sob o guante de uma ditadura militar a serviço do imperialismo norte-americano.

A democracia proletária na China patenteia a falsidade da propaganda dos reacionários que tentam apresentar o socialismo como incompatível com a liberdade. A Revolução Cultural vem mostrar que a liberdade para os trabalhadores é inerente ao verdadeiro socialismo. Precisamente o capitalismo é que se revela inconciliável com a democracia para o povo.

4. A Revolução Cultural Proletária desempenha papel determinante na mobilização e preparação do povo chinês para enfrentar os Estados Unidos e seus comparsas. A agressão ianque no Vietnã e a política de

«escalada» do Pentágono no Sudeste Asiático são partes integrantes da estratégia mundial dos monopolistas norte-americanos. Esta estratégia tem como centro o cerco e o ataque militar à China.

Ao despertar a consciência política das grandes massas, a Revolução Cultural capacita cada cidadão a compreender melhor a necessidade de derrocar o imperialismo estadunidense, o pior inimigo da Humanidade. Reforça o espírito internacionalista de milhões de chineses. A ajuda fraternal da China ao Vietnã é a expressão de uma solidariedade até então desconhecida nas relações entre os povos. A grande maioria da população mostra-se disposta a fazer os mais duros sacrifícios para salvaguardar as conquistas revolucionárias e cooperar com os povos oprimidos de todo o mundo na luta por sua libertação.

O povo chinês se prepara para a eventualidade de uma guerra, não teme as ameaças da Casa Branca e o conlúio soviético-norte-americano nem as consequências dos ataques atômicos. O Exército Popular de Libertação, armado com o pensamento de Mao Tse-tung, possui moral mais elevado que o de qualquer outro exército do mundo. Os milhões de jovens da Guarda Vermelha, imensa reserva das heróicas Fôrças Armadas, tornaram a China ainda mais poderosa. Hoje, todo o agressor, seja imperialista ou revisionista, que pisar o solo chinês, encontrará em cada cidadão um destemido e indomável combatente e será inevitavelmente derrotado.

5. Um nôvo homem vem sendo forjado nos tempestuosos embates da Grande Revolução Cultural Proletária. A luta pelo completo triunfo do socialismo exige êsse nôvo tipo de indivíduo, inteiramente livre dos vícios, crenças e deformações das velhas sociedades de classe. É a revolução na consciência das pessoas. O egoísmo, a ambição, o carreirismo e todos os sentimentos mesquinhos não podem ter guarida nos que lutam por uma causa tão generosa como a do comunismo.

A Revolução Cultural contribui para que venha a prevalecer na sociedade a verdadeira moral proletária. Sua pedra angular é a preponderância do interesse

público sobre o interesse privado. Nas sociedades onde predomina a exploração do homem pelo homem sobressai o individualismo. A moral no regime capitalista é a moral dos exploradores. Baseia-se no princípio do luxo, da obtenção do máximo de benefícios à custa dos assalariados. Cada um trata de si e de sua família, pouco se importando com a sorte dos seus semelhantes que vivem em condições subhumanas. O bem-estar de uns poucos repousa no sofrimento de muitos. Predominam a cupidez e a crueldade. Mesmo quando o indivíduo se empenha em qualquer atividade social útil, na prática, o que persegue são as posições, títulos e honrarias. No socialismo, ao contrário, o interesse coletivo está acima de tudo. A moral proletária é a moral da libertação do homem de qualquer forma de exploração, da união e da solidariedade entre os trabalhadores, do repúdio aos parasitas e a todos os que vivem do trabalho alheio. A felicidade de cada um está condicionada ao bem-estar de toda a comunidade. O homem não ambiciona glória, vantagens materiais e postos-de-mando. Servir sincera e cabalmente o povo é seu dever precípuo.

Por isso, na China, esta questão é colocada com a maior ênfase. A tarefa de formar o novo homem é uma das mais complexas e difíceis e demandará bastante tempo. A Revolução Cultural encara seriamente, em vasta escala, este problema, do qual depende, em grande parte, a sorte do socialismo. Neste sentido, o pensamento de Mao Tse-tung exerce função norteadora. Os três famosos artigos EM MEMÓRIA DE NORMAN BETHUNE, O VELHO TOLO QUE REMOVEU AS MONTANHAS E SERVIR O POVO, de profundo cunho ideológico, educam vastas massas da China no espírito do desprendimento, pertinácia, modéstia, heroísmo, abnegação e dedicação sem reservas aos interesses da coletividade. Em consequência do trabalho ideológico que vem sendo desenvolvido, começam a surgir, saídos do seio do povo, autênticos heróis de nossa época que tudo fazem pelo bem comum e não vacilam em dar suas vidas em benefício de todos.

Na China está na ordem-do-dia o princípio de viver e trabalhar como revolucionário proletário. A construção do socialismo é um longo processo que reolama

dedicação, audácia, combate à rotina e ao conserva-
dorismo. O indivíduo deve esforçar-se permanentemente
para livrar-se das influências do capitalismo e estar
à altura das novas exigências do desenvolvimento so-
cial. A Revolução Cultural salientou com todo o vigor
a necessidade de atrever-se a pensar, falar e atuar
audazmente — apanágio do verdadeiro revolucionário.
Trazendo à tona tais questões, esta revolução atingiu a
vida de cada um. Pôs em cheque o comportamento
das pessoas, sobretudo o dos comunistas. Ressaltou o
que há de burguês e de pequeno-burguês na conduta
privada e na vida pública de numerosos cidadãos, in-
clusive de destacados membros do Partido. Revelou
que muitos se atrasaram em relação ao avanço do mo-
vimento revolucionário na China ou se desviaram da
orientação justa. Veio destacar a necessidade da reedu-
cação, à base da autocrítica permanente, a fim de que
todos se livrem das falsas concepções e trilhem o ca-
minho do socialismo.

6. Mao Tse-tung vislumbrou magistralmente a ne-
cessidade da Revolução Cultural como fase imprescin-
dível da revolução socialista e formulou seus princípios
gerais. Analisando diuturnamente a prática das massas
e apoiando-se em sua iniciativa criadora, traçou a
linha que vai conduzindo o movimento a êxitos cada
vêz maiores. Deu, assim, nova e transcendental con-
tribuição, teórica e prática, à luta da classe operária e
de todos os oprimidos.

Nos dias em que vivemos, Mao Tse-tung é o mais
fiel intérprete do marxismo-leninismo. Como ensinava
Lênin, a doutrina do proletariado, elaborada por Marx
e Engels, não é um dogma. É um instrumento de luta
das classes exploradas e de libertação dos povos. Res-
ponde às questões suscitadas pela vida e se enriquece
de maneira incessante com a atividade revolucionária.
Em cada época, surgem pessoas que assimilam profun-
damente o marxismo, aplicam-no de forma criadora e
o desenvolvem extraordinariamente, elevando-o a novos
píncaros. Lênin, no período em que viveu, não só o
interpretou genialmente como o enriqueceu com no-
vas teses e conclusões. O leninismo tornou-se o mar-
xismo da época do imperialismo e da revolução pro-

letária. Tão grande foi sua contribuição ao marxismo que seu nome ficou indelévelmente ligado à teoria do proletariado. Stálin fez também florescer o marxismo e na direção do Partido e do Estado soviéticos alcançou remarcados êxitos. Mao Tse-tung soube aplicá-lo, de modo criador, às condições da China e levou o povo chinês, de vitória em vitória, à completa libertação do imperialismo, do feudalismo e do capital burocrático.

Inúmeros são as contribuições de Mao Tse-tung ao marxismo-leninismo ao terreno da filosofia, economia, ciência social, arte militar e construção do Partido. Seu pensamento dá resposta às questões mais candentes da atualidade. Enriqueceu enormemente a teoria da revolução nos países coloniais e dependentes. Formulou a doutrina e os princípios da guerra popular, cuja justeza foi comprovada não só na China como em outros lugares. Inspirados em seus ensinamentos, os chineses estão construindo o socialismo e transformando o seu país em poderosa e invencível nação. A grande batalha que os povos travam, hoje, contra o revisionismo contemporâneo tem em Mao Tse-tung o principal ideológico e guia. Com tudo isto, pôs nas mãos dos povos afiada arma para sua emancipação e o marxismo-leninismo atingiu novas alturas.

Por esta razão, o povo chinês e os revolucionários dos demais países, na consecução de suas tarefas, estudam com afincado o pensamento de Mao Tse-tung. Na China, cada unidade das Forças Armadas, cada fábrica, universidade ou comuna popular vai-se transformando numa escola onde se aprende o pensamento de Mao Tse-tung. As pessoas procuram aplicá-lo em sua atividade quotidiana. Em consequência, o marxismo-leninismo é empregado pelos homens simples para resolver problemas da vida corrente. O materialismo-dialético torna-se, de fato, um instrumento manejado pelas massas. A ideologia do proletariado vai-se apoderando da consciência de todos e preenchendo o lugar antes ocupado pela ideologia das classes exploradoras. Esta assimilação do marxismo em tão vastas proporções redundará, sem dúvida alguma, em mudanças qualitativas no pensamento do povo e na estrutura da sociedade chinesa.

7. Um movimento da extensão e da profundidade da Revolução Cultural Proletária provoca, inevitavelmente, o rancor e a hostilidade das forças retrógradas e também de antigos comunistas que não conseguiram assimilar a teoria do proletariado. A maior resistência à Revolução Cultural advém do elementos que, em postos dirigentes do Partido e do Estado, adotam uma linha que leva ao capitalismo. Pela posição que ocupam, tais elementos constituem sério obstáculo ao avanço da revolução. Contra eles se volta o gume do movimento de massas da Revolução Cultural. Este movimento varre os dirigentes do Partido que têmem as massas, se desligam de suas aspirações e terminam por opor-se às ações revolucionárias em que elas se empenham. As concepções não-proletárias de que são portadores estão sendo desacreditadas e firmemente combatidas. Ainda que possam ter méritos no passado, os elementos que se aferam às posições errôneas, e não fazem autocritica, são afastados de seus postos. Se assim não se procedesse, a China Vermelha correria o risco de mudar de côr. A Revolução Cultural Proletária depura o Partido dos oportunistas e dos burocratas, forja verdadeiros comunistas e robustece os partidários da orientação de esquerda, autenticamente socialista.

Contra a Revolução Cultural erguem-se, igualmente, os imperialistas, os revisionistas e os reacionários de todo o mundo. Unem-se numa Santa Aliança contra a China os monopolistas ianques, os revisionistas soviéticos, os trabalhistas ingleses, os militaristas japoneses, a camarilha governamental hindu, os renegados iugoslavos, os partidos que obedecem à batuta do PCUS e tôda a escória da reação. Eles atacam, sistemática e raivosamente, a Revolução Cultural. Propagam mentiras e calúnias. Nesta campanha antichinesa, em nada se diferenciam Johnson de Kossiguin, a United Press da Agência Tass, o «New York Times» da «Pravda». Procuram enganar a opinião pública, deformando os fatos. Ao voltar-se contra a China, os reacionários oportunistas concentram seus ataques em Mao Tse-tung. Odeiam-no porque ele dirige com sabe-

doria e mão firme o povo chinês e é o líder dos povos revolucionários na luta pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo.

Esta campanha testemunha o pânico em que se encontram os imperialistas e os revisionistas face à Revolução Cultural. Os belicistas norte-americanos compreendem que ela ergue um dique intransponível aos seus planos de domínio do mundo e pressagia o fim do imperialismo. Os revisionistas soviéticos sabem que a Revolução Cultural contribui para desmascarar a sua política de traição ao socialismo e ajuda as massas trabalhadoras da União Soviética a se levantar contra o grupo kruschovista que controla a máquina partidária e estatal.

8. Em nosso país, os setores reacionários investem desabridamente contra a Revolução Cultural. Não passa dia sem que os jornais burgueses dediquem considerável espaço para injuriá-la. Tudo fazem a fim de que o povo não tome conhecimento da verdade. É o pavor diante do crescimento das forças revolucionárias no mundo e de que as massas populares do Brasil ingressem no caminho da libertação.

Os revisionistas do PC Brasileiro incorporam-se ao côro dos reacionários e agentes do imperialismo norte-americano no combate à Revolução Cultural. Adotam cínicas resoluções, verdadeiros insultos ao grande povo chinês que realizou uma das maiores revoluções da história e, atualmente, desfralda bem alto a bandeira do marxismo-leninismo. Destarte, revelam ainda mais sua fisionomia de oportunistas inveterados e de asquerosos seguidores do bastão de mando do PCUS.

Também existem setores ligados ao movimento democrático que ainda não compreenderam o alcance da Revolução Cultural. Fazendo restrições a este importante acontecimento, colocam-se, na prática, em oposição à ele. Apegam-se ao que possa haver de errôneo no movimento de massas daquela revolução. Os que assim procedem vêem as árvores e perdem de vista a floresta. Em toda grande revolução é inevitável o surgimento de erros. Tais erros, contudo, são insignificantes diante da grandiosidade da luta. A Resolução do Comitê Central do PC da China, de agosto do ano

passado, não esconde a ocorrência de erros no processo da Revolução Cultural. «Num movimento revolucionário de tal envergadura — diz a Resolução — dificilmente se pode impedir que sejam cometidos erros de uma ou outra natureza. No entanto, sua orientação revolucionária geral tem sido correta desde o início. Esta é a corrente predominante na Grande Revolução Cultural Proletária. Nessa direção geral ela continuará a avançar». Indiscutivelmente os lados positivos dominam o panorama da Revolução Cultural. Os erros são pequenas nódoas, facilmente elimináveis, que não podem obscurecer elevados objetivos.

Não é possível imaginar que um movimento da magnitude da Revolução Cultural se processe plácida-mente, sem abalar, em todos os sentidos, a ordem estabelecida. Os que se deixam impressionar pelos aspectos secundários da violência das massas, não compreendem o que seja uma verdadeira revolução. Esta, como afirma Mao Tse-tung, «não se faz como uma obra literária, um desenho ou um bordado; ela não se pode concretizar com tanta elegância, tranquilidade e delicadeza, ou com tanta doçura, amabilidade, cortezia, moderação e generosidade de alma. A revolução é um levante, um ato de violência pelo qual uma classe derruba outra».

Sob a influência das idéias perniciosas do XX Congresso do PCUS, certas pessoas não têm pejo de proclamar que a Revolução Cultural é uma expressão do chamado culto à personalidade. É uma opinião estúpida e sem qualquer fundamento. O culto à personalidade é a negação frontal do papel das massas. Hoje, na China, centenas de milhões de pessoas intervêm diretamente nos acontecimentos políticos e são a força motriz da Revolução Cultural. Não se pode confundir o imenso e merecido prestígio de Mao Tse-tung, a admiração e o carinho que lhe tributam a esmagadora maioria da população chinesa e os trabalhadores de todo o mundo com o culto à personalidade. O fato de a China e os povos explorados e oprimidos contarem com um líder de seu talento e de sua envergadura constitui um fator altamente favorável à revolução mundial. É um bem para a Humanidade a existência de um chefe que alia ao seu enorme prestígio raras e valiosas

qualidades de dirigente. Mao Tse-tung exprime corretamente a necessidade do desenvolvimento da sociedade, expressa com precisão os anseios e aspirações das grandes massas dos povos. Sua liderança não foi imposta. Firmou-se num longo período de lutas em que o seu pensamento foi amplamente comprovado pela vida. Levantar bem alto o nome de Mao Tse-tung e difundir suas idéias é fazer avançar a revolução. Os revisionistas, que manipulam o chamado culto à personalidade para atacar a Revolução Cultural, não passam de rematados hipócritas e inimigos do socialismo. Invocam, hoje como ontem, o culto à personalidade para denegrir o marxismo-leninismo, tentam impor suas teses oportunistas e desarmar os povos na luta contra o imperialismo.

Os revolucionários brasileiros alegram-se com os êxitos da Revolução Cultural. Não obstante a maciça propaganda dos reacionários e revisionistas, os trabalhadores de nosso país, com a intuição que dimana da sua condição de oprimidos, pressentem de que lado está a razão. Se o imperialismo e o revisionismo se obstinam em difamar iradamente a Revolução Cultural é porque ela defende os interesses das massas.

9. A Revolução Cultural Proletária tem imensa significação para todos os povos. Não só porque se realiza num país cujo número de habitantes constitui uma quarta parte da população da Terra como também pelos problemas que enfrenta, problemas que se relacionam diretamente com a revolução mundial. Ao combater as injustiças sociais e pugnar em favor de uma nova sociedade livre de privilégios, a Revolução Cultural atrai a simpatia dos pobres e oprimidos da Ásia, África e América Latina.

Fase mais avançada da revolução socialista, a Revolução Cultural Proletária representa inestimável ajuda ao movimento operário, à luta de libertação nacional e à corrente de esquerda, marxista-leninista, nos países em que domina o revisionismo. É um grandioso exemplo que influi na vida de cada povo, tal como aconteceu com as maiores revoluções da história. Embora a etapa que os povos dos países coloniais de-

pendentes atravessam não seja a da revolução cultural, esta impregna com suas idéias renovadoras, seu estilo e suas perspectivas o movimento revolucionário em seu conjunto.

Derrotando seus inimigos internos, fortalecendo sua potência econômica e militar, contando com indestrutível unidade política e ideológica do povo, a China desempenha cada vez mais o papel de principal base de apoio do movimento revolucionário. Os imperialistas norte-americanos têm na China o maior entrave na execução dos seus planos de rapina e contra ela concentram seus preparativos de guerra. Por seu turno, os povos oprimidos e os trabalhadores de todo o mundo vêem no povo chinês seu mais poderoso aliado e colocam-se a seu lado na luta contra a conspiração soviético-norte-americana.

10. O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL manifesta o seu mais caloroso e integral apoio à Revolução Cultural Proletária e às forças revolucionárias da China. A direcção do camarada Mao Tse-tung, comprovada em mil-e-uma batalhas da luta de classes, vencerá quaisquer obstáculos e o povo chinês acabará derrotando todos os que se opõem à marcha da China para o socialismo. O pensamento de Mao Tse-tung descortina novos horizontes para libertar a Humanidade dos grilhões do capitalismo. O Comitê Central está convencido que o Partido Comunista e a ditadura do proletariado na China sairão fortalecidos desta histórica jornada e mais aptos ainda para cumprir novas tarefas.

Os comunistas brasileiros devem acompanhar, com interesse cada vês maior, o desenrolar da Revolução Cultural e recolher seus valiosos ensinamentos. Com o objectivo de educar os militantes do Partido no espírito do marxismo-leninismo e de facilitar a compreensão dos problemas cardeais da revolução em nosso país, o Comitê Central considera indispensável o estudo das obras de Mao Tse-tung. Isto muito contribuirá para uma análise em profundidade da realidade brasileira e para uma justa aplicação da verdade universal do marxismo à nossa prática revolucionária.

Viva a indestrutível amizade entre o PC do Brasil
e o PC da China!

Viva a Grande Revolução Cultural Proletária!

Viva Mao Tse-tung, líder do povo chinês e dos
trabalhadores de todo o mundo!

Abril, 1967.

O Comitê Central do PARTIDO
COMUNISTA DO BRASIL



QUE FAZER?

CADERNOS MARXISTAS-LENINISTA

**SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA
NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO**

A SAIR EM 1 DE OUTUBRO DE 1974

SEDE PROVISÓRIA:

RUA DA FÉ, 26, 2.º — LISBOA-2

ÍNDICE

1962	Manifesto-Programa do Partido Comunista do Brasil	11
1961	Em Defesa do Partido	25
1960	Resposta a Kruschov	31
1964	O Golpe de 1964 e seus Ensinamentos	45
	I — Governo Contra o Povo e a Serviço dos Monopolistas Ianques	47
	II — Lições e Experiência do Movimento Democrático e Antiimperialista	57
	III — A Vitalidade do Marxismo-Leninismo	71
	IV — A Luta Contra a Ditadura	79
	O Marxismo-Leninismo Triunfará na América Latina	85
	União dos Brasileiros para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista ...	101
	I — Agrava-se a Luta Entre os Povos e o Imperialismo Norte-Americano	103
	II — O Brasil sob a Ditadura Militar	115
	III — A Luta do Povo Brasileiro Pela Democracia e pela Independência Nacional	125
	IV — Derrotar o Revisionismo para fazer Avançar a Revolução	139
	V — Forjar a vanguarda Marxista-Leninista da Classe Operária	153
	Apoiar Decididamente a Grande Revolução Cultural Proletária	175

Este livro foi composto e impresso
na Tip. Garcia & Carvalho, Lda.
em Agosto de 1974
para
Edições Maria da Fonte